

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Maria Aparecida Nunes Azzolin

**PELO CAMINHO DO AMAR:
*Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir
de Humberto Maturana e Ximena Dávila***

Santa Maria, RS

2019

Maria Aparecida Nunes Azzolin

PELO CAMINHO DO AMAR:

*Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir
de Humberto Maturana e Ximena Dávila*

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração na Linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora em Educação**

Orientador Dr. Valdo Barcelos

Santa Maria, RS

2019

Azzolin, Maria Aparecida Nunes
PELO CAMINHO DO AMAR: Imaginando outros mundos na
Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena
Dávila / Maria Aparecida Nunes Azzolin.- 2019.
172 p. ; 30 cm

Orientador: Valdo Barcelos
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2019

1. Humberto Maturana 2. Ximena Dávila 3. Biologia do
Amar 4. Biologia do Conhecer 5. Educação Infantil I.
Barcelos, Valdo II. Título.

Maria Aparecida Nunes Azzolin

PELO CAMINHO DO AMAR:
*Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir
de Humberto Maturana e Ximena Dávila*

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado do Programa de Pós-
Graduação em Educação, Área de
Concentração LP1: Docência, Saberes
e Desenvolvimento Profissional, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM), como requisito parcial para a
obtenção do grau de **Doutora em
Educação**

Aprovado 30 de julho de 2019:

**Valdo Hermes de Lima Barcelos, Prof. Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador**

Helenise Sangoi Antunes, Prof. Dr^a (UFSM)

Wenceslau Leães Filho, Prof. Dr. (UFSM)

Elenor Kunz, Prof. Dr. (UFSC)

Carlos Giovani Delevati Pasini, Prof. Dr. (CMSM)

Santa Maria, RS
2019



*Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor*

*Depende de nós
Que o circo esteja armado
Que o palhaço esteja engraçado
Que o riso esteja no ar
Sem que a gente precise sonhar
Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam orvalho
Que o sol descortine mais as manhãs*

*Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
Se a vida sobreviverá*

(IVAN LINS / VITOR MARTINS, 2007)

Dedico esse Menu Degustação, chamado Tese, aos meus filhos. Carlos Eduardo e Camila. Eles despertaram em mim o desejo de ser uma pessoa melhor a cada dia. Meus filhos, seres de luz que trilharam todo o caminho junto comigo. Não foi fácil. Nos construímos os três sempre juntos. Aprendendo e ensinando. Mas o orgulho que tenho dessas criaturas, pelo que são, é inominável. Com eles aprendi a ser mãe, talvez não a melhor mãe do mundo, mas a melhor que eu pude ser. Aprendi que não sou perfeita e erro muito, assim como eles. Continuamos, queridos filhos, trilhando e aprendendo pelo Caminho do Amar.

Dedico igualmente, aos meus pais Italo e Catarina, que também errando e acertando colaboraram para eu ser o que sou hoje: uma pessoa feliz!

Agradecimentos

Eu tenho um sonho - I Have A Dream
Uma canção para cantar - A song to sing
Que me ajuda a superar - To help me cope
Qualquer coisa - With anything
Se você vê as maravilhas - If you see the wonder
De um conto de fadas - Of a fairy tale
Você pode agarrar o futuro - You can take the future
Mesmo se você falhar - Even if you fail
Eu acredito em anjos - I believe in angels
Algo bom em - Something good in
Tudo o que vejo - Everything I see
Eu acredito em anjos - I believe in angels
Quando eu sei que a hora - When I know the time
é a certa para mim - Is right for me
Eu vou cruzar a corrente - I'll cross the stream
Eu tenho um sonho - I have a dream
(Abba, 1979, compositor: Benny Andersson & Björn Ulvaeus)

Eu amo música. Acredito que ela tem o poder de mudar a emoção que estamos naquele momento. Se meu dia está cinza, ouço uma música e o dia fica mais colorido.... Essa música do grupo Abba é uma das músicas que embalaram essa Tese.... Eu tenho sonhos! Muitos já realizei...outros em processo de realização. Um deles é o Doutorado, que só foi possível porque contei com a ajuda, incentivo e apoio de anjos. Sim, eu acredito em anjos. Tem gente que chama de amigos, professores, familiares...eu prefiro chamá-los de anjos... anjos que me possibilitaram atravessar a corrente, ou o caminho de forma mais leve e tranquila. Minha gratidão aos

- À uma força que me acompanha em todos os momentos da minha vida - o Espírito Santo;
- Meus filhos, Camila e Carlos Eduardo, aguentaram firme minha ausência e meu ranços;
- Minhas irmãs, Rita e Rosa, o apoio que sei que sempre poderei contar;
- Meu pais, Italo e Catarina, por terem me dado a base de todo o conhecimento: o amor;
- À irmã que eu escolhi, Maria Nilza, por me ouvir pacientemente nos meus piores dias de loucura;
- À Luciéli, minha amiga e companheira de viagem, muitos sonhos e metas projetadas entre Santiago a Santa Maria;

- À Cleni, amiga que o doutorado me deu;
- Aos meus alunos, que durante esses mais de 20 anos, me ensinaram a ser professora.
- Ao meu professor/orientador e amigo, Dr. Valdo Barcelos, que me mostrou um mundo de possibilidades;
- Aos membros da Banca, Prof. Dr^a Helenise Sangoi Antunes, Dr. Giovani Pasini, Prof. Dr. Wenceslau Leães Filho e Prof. Dr. Elenor Kunz, que com muito carinho e generosidade me mostraram novas perspectivas;
- Aos professores do PPGE da UFSM, pelos conhecimentos aprendidos;
- Ao Enzo e a Renata pela força na tradução do abstract e resumen;
- A professora Tânia Carpes pelo olhar generoso ao me conceder a Licença Prêmio, possibilitando a conclusão desta Tese em 24 meses;
- Aos gestores, professores e alunos das Escolas Cajuzinho e Brigadeiro pela aceitação e carinho que me receberam para realizar a pesquisa e intervenção;
- Às professoras Girassol e Lavanda, por terem possibilitado minha aprendizagem e pesquisa em suas turmas com muita generosidade e afeto;

RESUMO

PELO CAMINHO DO AMAR: *Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena Dávila*

Esta Tese de Doutorado está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa, Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Nela parto do pressuposto de que somos seres biológico-culturais. Assim sendo, nada acontece fora da nossa biologia, intermediados pela cultura no fluir de nosso viver. Vivemos, aprendemos e criamos novos mundos no viver e conviver. Esta pesquisa é um convite a caminhar juntos, imaginando um novo mundo pelo Caminho do Amar na Educação Infantil. Tive como objetivo investigar as proposições de Humberto Maturana e Ximena Dávila, tendo como horizonte uma formação de professores(as) baseada na emoção do amar como um princípio epistemológico transformador. A metodologia utilizada é inédita e autoral, e teve como base as perspectivas da Biologia-cultural e está organizada em quatro momentos: 1) Conhecer/Observar; 2) Ruminação; 3) Atuação/Ação; 4) Ruminação Recursiva. Este trabalho está dividido como um Menu/Degustação de um restaurante: Entrada; Prato Principal; Sobremesa e Cafezinho. A entrada serve para abrir o apetite. Despertar os sentidos e aguçar o paladar para o prato principal. O prato principal conta com o referencial teórico que foi utilizado como subsídio para a construção desta Tese/Degustação. A sobremesa deste banquete foi construída como um doce, que deve ser ingerido vagarosamente, abrangendo a metodologia. O Cafezinho é a hora das reflexões finais. Faço esta analogia, por acreditar que o cozinhar, assim como o educar, precisa de preparação, cuidado e carinho. A ideia é que o leitor deguste calmante cada palavra, saboreie as ideias, imaginando novas possibilidades. Nas degustações/leituras concluí que em nossa vida só possuímos o momento presente, que muda continuamente ao ser vivido. O viver nos acontece num constante fluir, e pode e deve ser saboreado com muito prazer. O viver apenas acontece, sem esforço. Viver é bonito, leve, e colorido, assim como deve ser a escola, porque lá é lugar de descoberta. De alegria. De vida. Escola é o lugar para errar. Escola é o lugar para experimentar novos sabores, odores e texturas. A escola deve ser um lugar de encantamento. Encantamento pelo saber. Sem competições. Sem castigos. Onde professor e aluno dançam, cresçam e aprendam juntos. Onde cada um possa ser o que é. Onde o erro é só mais uma forma de aprender. A criança que não aprende a suavidade do toque, do olhar e do escutar o outro dificilmente será um adulto que tenha essas características. Aprendemos a amar, sendo amados. Aprendemos a escutar o outro, sendo escutados. Aprendemos a respeitar, sendo respeitados. O adulto que não sabe amar, tocar, ouvir e sentir o outro, é porque não teve essas vivências quando criança. Desaprenderam ao crescer, a amar, sentir, tocar e a se expressar com sinceridade e espontaneidade.

Palavras-chave: Humberto Maturana; Ximena Dávila; Biologia do Amar; Biologia do Conhecer; Educação Infantil.

ABSTRACT

THE PATH OF LOVE: thinking other ways for the education of children based on the ideas of Humberto Maturana and Ximena Dávila.

The PhD thesis herein is the result of the Post-Graduation Educational Program on Teaching, Knowledge and Professional Development of the Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). I base this thesis on the assumption that we are biological – cultural beings, meaning that nothing happens outside our biology although mediated by culture during the course of our lives. We experience, learn and imagine new worlds while living and sharing our life with others. This is an examination and an invitation to walk together, imagining a new world in the Path of Love for the Education of Children. My objective was to research the propositions of Humberto Maturana and Ximena Dávila in view of the future training of teachers based on the feeling of love as a transforming epistemologic principle. The methodology I used is original and unprecedented, was based on the prospects of the cultural biology and was organized into four stages: 1) to know / to observe 2) to ponder 3) Motion / Action 4) Recursive pondering. The thesis herein is divided as a menu in a restaurant: First course; main course; dessert and coffee. The first course is meant to boost the appetite, open up the senses and sharpen the palate for the main course. The main course are the theoretical references that were used as a platform for the development of the Thesis / Degustation herein. The dessert in this banquet was developed as a sweet treat that must be chewed slowly, because it comprises the methodology. And the coffee time is the moment for the final reflections. I made this analogy because I believe that in cooking, as in the process of educating, it is necessary the training, care and love. The idea behind all this is that the reader can taste slowly every word, every idea, thinking of new possibilities. In my degustations / readings I concluded that all we have in our life is the present moment, that changes constantly while we are living it. To be alive is something that happens as a matter of constant flowing so it can and must be tasted with utmost pleasure. To be alive just happens, effortlessly. To live is beautiful, light and colourful, and that is the way the school should be because that is the place where the awakening takes place. The awakening of life, of happiness. The school is the place to make mistakes, to experience new flavours, smells and textures. The school should be a place of marvels. To be marvelled by knowledge. It is not a place for competitions or punishments. It is the place where teacher and student should dance, grow and learn together. A place where each one can be what it really is and where the mistakes are only another way of learning. The child that does not possess the ability of the caring touch, look and listening of others will hardly own those same features as an adult. We learn to love while being loved. We learn to listen to others while being listened to. We learn to respect others while being respected. The adult that cannot love, touch, listen or feel others has not been taught those experiences while being a child. They were not being raised with love and to feel, to touch and to express themselves sincerely and spontaneously.

Key words: Humberto Maturana; Ximena Dávila; Biology of Love; Biology of Knowledge; Children Education.

RESUMEN

POR EL CAMINO DEL AMAR: Imaginando otros mundos en la Educación Infantil a partir de Humberto Maturana y Ximena Dávila

Esta Tesis de Doctorado está vinculada al Programa de Postgrado en Educación en la Línea de Investigación LP1, Docencia, Saberes y Desarrollo Profesional de la Universidad Federal de Santa Maria (PPGE / UFSM). En ella parto del presupuesto de que somos seres biológico-culturales. Así, nada sucede fuera de nuestra biología, intermediados por la cultura en el fluir de nuestro vivir. Vivimos, aprendemos y creamos nuevos mundos en el vivir y convivir. Esta investigación es una invitación a caminar juntos, imaginando un nuevo mundo por el Camino del Amar en la Educación Infantil. Tuve como objetivo investigar las proposiciones de Humberto Maturana y Ximena Dávila, teniendo como horizonte una formación de profesores basada en la emoción del amar como un principio epistemológico transformador. La metodología utilizada es inédita y autoral, y tuvo como base las perspectivas de la Biología-cultural y está organizada en cuatro momentos: 1) Conocer / Observar; 2) Rumia; 3) Actuación / Acción; 4) Rumia recursiva. Este trabajo está dividido como un menú / degustación de un restaurante: Entrada; Plato principal; Postre y Cafecito. La entrada sirve para abrir el apetito. Despertar los sentidos y aguzar el paladar hacia el plato principal. El plato principal cuenta con el referencial teórico que fue utilizado como subsidio para la construcción de esta Tesis / Degustación. El postre de este banquete fue construido como un dulce, que debe ser ingerido lentamente, abarcando la metodología. El Cafecito es la hora de las reflexiones finales. Hago esta analogía, por creer que el cocinar, así como el educar, necesita de preparación, cuidado y cariño. La idea es que el lector deguste calmante cada palabra, saboree las ideas, imaginando nuevas posibilidades. En las degustaciones / lecturas concluí que en nuestra vida sólo poseemos el momento presente, que cambia continuamente al ser vivido. El vivir nos sucede en un constante fluir, y puede y debe ser saboreado con mucho placer. El vivir sólo sucede, sin esfuerzo. Vivir es hermoso, ligero, y colorido, así como debe ser la escuela, porque allí es lugar de descubrimiento. De alegría. De vida. La escuela es el lugar para errar. Escuela es el lugar para experimentar nuevos sabores, olores y texturas. La escuela debe ser un lugar de encantamiento. Encantamiento por el saber. No hay competencias. Sin castigos. Donde el profesor y el alumno bailen, crezcan y aprendan juntos. Donde cada uno puede ser lo que es. Donde el error es sólo una forma de aprender. El niño que no aprende la suavidad del tacto, de la mirada y del escuchar al otro difícilmente será un adulto que tenga esas características. Aprendemos a amar, siendo amados. Aprendemos a escuchar al otro, siendo escuchados. Aprendemos a respetar, siendo respetados. El adulto que no sabe amar, tocar, oír y sentir el otro, es porque no tuvo esas vivencias cuando era niño. Desaprendieron al crecer, amar, sentir, tocar y expresarse con sinceridad y espontaneidad.

Palabras llave: Humberto Maturana; Ximena Dávila; Biología del Amar; Biología del Conocer; Educación Infantil.

MENU/SUMÁRIO



1. ENTRADA 15

- 1.1. Despertando os sentidos: introdução leve e saborosa 17*
- 1.2. Entre sopas e mundos criados 21*
- 1.3. Caminho do Amar: viver no bem-estar 24*
- 1.4. Caminhos percorridos no fluir do meu viver27*

2. PRATO PRINCIPAL 38

- 2.1. Humberto Maturana: o homem com olhos e curiosidade de menino 40*
- 2.2. Ximena Dávila Yáñez: mulher com calma de uma brisa de verão e risada contagiante 47*
- 2.3. Nossa origem: Homo sapiens amans amans 51*
- 2.4. O emocional e a Biologia do Amar 64*
- 2.5. Entre o perceber e o conhecer – o ensinar e o aprender 70*
- 2.6. O ser criança e o brincar 80*
- 2.7. Corporeidade e afetividade 86*
- 2.8. Formação de professores no Caminho do Amar93*

3. SOBREMESA 108

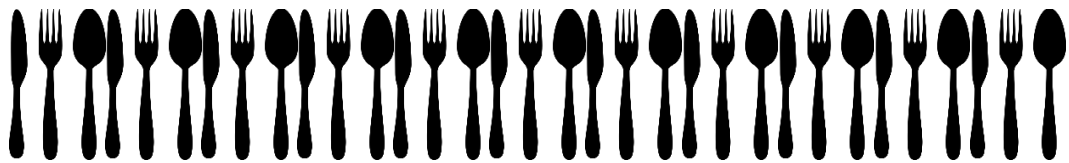
- 3.1. Hora de pôr a mão na massa: Metodologia 110**
- 3.2. Conhecer/Observar 113**
- 3.3. Ruminação 116**
- 3.4. Atuação/Ação 116**
- 3.5. Ruminação Recursiva: Bolo pronto! Que alegria!**
Relato de uma experiência no viver e conviver 125

4. CAFEZINHO 147

- 4.1. Um convite à reflexão.... Com sabor de quero mais...**
Café, bolo e ruminação, o que ficou, o que concluí 147
- 4.2. Referências Bibliográficas 160**
- 4.3. Anexos 164**



ENTRADA



A vida acontece, a experiência nos acontece, os mundos que vivemos nos acontecem ao trazê-los à mão em nossas explicações. (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.168).

A entrada serve para abrir o apetite. Despertar os sentidos e aguçar o paladar para o prato principal. A entrada deve ser bem pensada, porque precisa despertar a fome. Senão for bem equilibrada, saborosa, leve, colorida e suave a pessoa não degusta com prazer total o prato principal, porque já estará saciada. Essa entrada, não de comida, mas de escrita, busca exatamente isso, despertar os sentidos para as demais “degustações”. Degustações de leituras, percepções que nos fazem lembrar as lembranças e emoções que já vivenciamos. O viver nos acontece num constante fluir...e pode e deve ser degustado com muito prazer.... O viver apenas acontece, sem esforço. Viver é bonito, leve, saboroso e colorido...como deve ser a entrada de nosso Menu/Degustação, chamado Tese.

A americana Elisabeth Gilbert (2008), no seu livro “Comer, rezar e amar”, faz uma bela reflexão sobre a busca de si mesmo, em caminhos pela Itália, Índia e Indonésia. Ela aprende sobre ela mesma vivendo e convivendo com pessoas e situações decorrentes destas viagens.

Nesta Tese/Degustação me inspiro nesta ideia da busca de mim mesmo para poder entender melhor a Biologia do Amar e a Biologia do Conhecer, no Caminho do Amar, assim proponho o “Comer, refletir e amar”. Comer as palavras, degustar o que foi escrito. Sentir as nuances de sabores de cada palavra. Refletir, sentir o que foi escrito, se concorda, se discorda, se é interessante, se serve... Amar, esse o verdadeiro sentido da Tese/Degustação... que o Caminho do Amar seja trilhado diariamente em nossas escolas e em nossa vida....e que mesmo não indo para a Itália, Índia e Indonésia, seja uma viagem divertida e saborosa.

Bon appétit. Buon appetito! Buen provecho!

1.1. Despertando os sentidos: introdução leve e saborosa

Babette e Tita, feitiças, sabiam que os banquetes não se iniciam com a comida que se serve. Eles se iniciam com a fome. A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir a fome... (ALVES, 2004, p.52)

Não sou nenhuma “chef” na cozinha. Mas sou apreciadora de comida e uma ótima degustadora. Como, porque adoro sentir os sabores. Experimentar gostos diferentes. Posso não estar com fome, mas quando o cheiro atinge meu olfato, na hora uma fome voraz é despertada. As glândulas salivares acordam, enchendo minha boca. Meus olhos ganham vida, procurando a fonte de tal beleza. Meu estômago grita: está na hora de comer! Imediatamente! Rápido! Os meus sentidos ganham vida própria, e só fico feliz quando o objeto de meu desejo, despertado apenas pelo cheiro, enfim é saciado.

A palavra *desejo* tem som, sabor e cheiro. Som de pássaros cantando ao amanhecer. Sabor delicioso, de um sorvete de menta com chocolate. Cheiro de terra molhada pela chuva. A etimologia da palavra também é bela. *Desejo* provém do latim, *desiderium*, *desiderare* simplificando a tradução, “esperar pelo que as estrelas trarão dos astros, a partir dos astros¹”. Dessa forma, não espero que os astros tragam, mas sim que as leituras e experiências vividas por mim na construção dessa Tese seja degustado, saboreado e que novas proposta e perguntas surjam desse Menu cheio de vida e de esperança. Acredito na possibilidade de mudança. Acredito que podemos ter uma escola mais amorosa, ética e com mais generosidade. Uma escola onde a fome por saber, tão natural nas crianças, não seja aniquilada nos primeiros anos de vida e nem que o amor em educar seja exaurido pelas frustrações. Rubem Alves, afirma que

sempre me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores. Os professores que fizeram as perguntas já foram crianças; quando crianças, suas perguntas eram outras, seu mundo era outro... Foi a instituição “escola” que lhes ensinou a maneira certa de beber água: cada um no seu ribeirão..., mas as instituições são criações humanas. Podem ser mudadas. E, se forem mudadas, os professores aprenderão o prazer de beber águas de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando crianças. (ALVES, 2004a, p. 17)

¹ <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/desejo/> acessado em maio de 2019

Essa preocupação com o “ser professor” também me acompanha, pois torna-se muito difícil alguém desmotivado e desesperançado motivar alguém, ou conseguir despertar o desejo e a fome de querer aprender. Claudio Naranjo, Educador e Psiquiatra chileno, complementa essa ideia dizendo que,

Penso que o desenvolvimento humano é fundamental não apenas para alcançarmos uma sociedade viável, mas também para a felicidade do indivíduo, pois não creio que estejamos neste mundo simplesmente para sobreviver e penso que nos conviria pensar mais detidamente em nosso planeta como uma espécie de purgatório onde chegamos para fazer um trabalho interior: cultivar nosso espírito e deixa-lo melhor do que quando chegamos (NARANJO, 2015, p.122)

Acredito que a vida não pode ser encarada como algo pesado, e muito menos o nosso trabalho como um fardo a ser arrastado por anos a fio. Ter essa perspectiva do nosso fazer, nos adocece e é fruto de nossa cultura. No menu terá um momento que será para degustarmos com calma sobre o mal-estar fruto de nosso viver e conviver na cultura patriarcal/matriarcal que estamos inseridos.

Mia Couto (2016), escritor Moçambicano, escreve que “cozinhar é um modo de amar os outros”. Sou melhor apreciadora da comida do que cozinheira. Não consigo despertar a fome de comida no outro, como diz a epígrafe dessa sessão. Não sinto muito prazer em cozinhar. Mas sinto muito prazer em escrever. Escrevo porque amo. Escrevo porque desejo despertar a fome de saber, em quem lê. Essa tese será apresentada como um Menu de um restaurante. Menu este para ser degustado lentamente, para que os sentidos sejam despertados. Sabores, odores, leveza e conhecimentos percorridos no Caminho do Amar. E que cada leitor/degustador seja invadido pelas mesmas sensações que eu tive ao escrever: alegria, contentamento e satisfação e muitas perguntas...

Apresento esta Tese como um cardápio, porque comer é algo essencial para a nossa sobrevivência. Sem comer morremos. Penso que refletir sobre a situação da Educação na atualidade e o ser criança também é questão de sobrevivência de nossa espécie *Homo sapiens-amans amans*. Precisamos de amor tanto quanto de comida. Podemos fazer de nossas refeições um momento especial, de confraternização, partilha, co-inspiração e colaboração, ou apenas

um momento para ingerir alimentos, frio e só. Assim penso a escola, temos a opção de fazer dela algo grandioso e de relações amorosas e criativas, ou apenas um lugar frio, cinza e insípido.

A Tese está apresentada da seguinte forma:

Entrada: é a introdução dos conceitos e proposições abordadas no estudo;

Prato Principal: é a exploração mais detalhada do Referencial Teórico revisitado no caminho.

Sobremesa: É o detalhamento da metodologia utilizada e os resultados obtidos após a intervenção realizada.

Cafezinho: É o momento final. Reflexões que findam este percurso trilhado no Caminho do Amar.

A Tese intitulada “*PELO CAMINHO DO AMAR: Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena Dávila*”, foi construída com determinação e clareza nos objetivos ensejados desde o princípio deste processo. Meu objetivo geral era:

- Investigar as proposições de Humberto Maturana e Ximena Dávila, tendo como horizonte uma formação de professores baseada na emoção do amar como um princípio epistemológico transformador.

E como objetivos específicos, buscava:

- Identificar, do ponto de vista epistemológico, as principais contribuições das proposições de Humberto Maturana e Ximena Dávila para a formação de professores (as) na contemporaneidade;
- Pesquisar o sentido das proposições da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer de Humberto Maturana e Ximena Dávila, na faixa etária de 4 a 5 anos, em duas escolas de Educação Infantil no Município de Santiago;
- Investigar a relação da corporeidade com o emocional infantil, através da análise bibliográfica e intervenção com crianças da Educação Infantil na

faixa etária de 4 a 5 anos, em duas escolas de Educação Infantil de Santiago/RS;

- Criar possibilidades para educar nos Caminhos do Amar.

No decorrer desse Menu Degustação chamado Tese os objetivos um a um, como ingredientes utilizados para fazer uma saborosa refeição, foram realizados, respondendo a questões e abrindo novas perspectivas na Educação Infantil. Que essa Tese/Degustação sirva para despertar o desejo de trilhar o Caminho do Amar na vida e na escola.

No caminho percorrido durante o processo de doutoramento, principalmente durante a pesquisa e intervenção nas escolas de Educação Infantil, me encontrei com o meu ser criança. Maturana (2005) diz que somos crianças crescidas. Assim me sinto. Ser criança é ser curioso. Ser agitado. Ser espontâneo. Ser carinhoso. Ser sem preconceitos. Busco, nesse processo de viver e conviver, ser alguém que sabe amar a todas as coisas incondicionalmente, alguém que erra, que chora, que se decepciona, que se frustra, mas que não perde a fé no outro e a esperança de uma educação melhor. Uma Educação pelo Caminho do Amar. Com isso, serei um ser humano melhor e conseqüentemente uma professora melhor. Só sendo feliz é possível despertar essa felicidade nos meus alunos. Neste encontro com a criança que habita em mim, busco responder a duas questões fundamentais nessa pesquisa, que são elas:

- Como as proposições epistemológicas da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana e Ximena Dávila, a partir da perspectiva da Biologia-Cultural, podem contribuir para a formação pedagógica na Educação Infantil?
- Como educar no Caminho do Amar?

Ao responder estas questões no decorrer da escrita o faço sempre em primeira pessoa, pois não posso escrever, falar e defender uma ideia fora de mim. As proposições de Humberto Maturana e Ximena Dávila somaram em concepções e ideias que já possuía. Esses autores (2004, 2009, 2011, 2014, 2016) dizem que nada acontece fora do indivíduo. O mundo não é independente

de nós. Tudo está em nós, em nossa biologia. E assim, acredito. Esta Tese foi construída com muita dedicação e carinho. Cada letra digitada é a soma de sensações: realização de um sonho; esperança; amor; sabores que ficam na boca com o desejo de quero mais.

Ao abrir esta Tese Menu/Degustação desejo que cada um observe as fotos inseridas na primeira página. A foto central sou eu aos quatro anos de idade. As outras são de crianças que estiveram comigo nesta caminhada pelo Amar. No conviver com essas crianças percebi que o que busco como pesquisadora é me encontrar. Buscar a emoção do ser criança. Alves (2004 a), diz que “para as crianças o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite” (ALVES, 2004a, p. 10). Sinto-me feliz como se tivesse em um parque de diversões, cheio de atrações, luzes e cores, me reencontrando com aquela menina, de olhos verdes e muito sapeca que ainda habita em mim. Cada vez que me encontro com aquela Cida² criança, me transformo em uma pessoa melhor, mais humana, mas simples, mais leve, por isso ao pesquisar e construir essa Tese, sei que não conseguirei transformar a realidade da sociedade, mas me transformei. Me encontrei. As ler e estudar os autores pesquisados pude me perceber melhor, como ser humano e como professora/pesquisadora. Quando entrei no Doutorado era outra pessoa. Hoje, sei que ainda tenho muitos caminhos a trilhar, muito a aprender, mas sei que estou mais próxima da menina de cabelos cacheados e olhar feliz que inicia essa Tese e esse Menu de muitas degustações...

1.2 Entre sopas e mundos criados

Thomas Mann, no seu livro José do Egito, conta de um diálogo entre José e o mercador que o comprara para vendê-lo como escravo, no Egito: Estamos a um metro de distância um do outro. E, no entanto, ao seu redor gira um universo do qual o centro és tu e não eu. E ao meu redor gira um universo do qual o centro sou eu, e não tu”. Fascinam-me esses universos que me tangenciam e que, no entanto, estão

² Fui registrada como Maria Aparecida, mas nasci Cida e construí minha identidade como Cida, inclusive tenho dois livros publicados como Cida Azzolin.

distantes de mim. Gosto de ouvir conversas para viajar por outros mundos. (MANN, apud ALVES, 2004a, p.24)

Cozinhar é uma arte. Cozinhar é magia. Cada ingrediente tem seu sabor, mas quando se mistura com o outro ingrediente a alquimia acontece, um novo sabor aparece. Acontece também uma mágica na casa. A casa, fica mais aconchegando e calorosa, é só imaginarmos uma sopa num frio invernal sulino. Vários legumes, cada um com sua textura, seu odor, seu gosto e tudo junto vira um prato que aquece o corpo e aquece a alma, se esta estiver pronta para ser aquecida.

O que acontece com os legumes na sopa, acontece no nosso viver e conviver. Essa analogia mostra como criamos mundos neste (con)viver, ou seja, viver com o outro. Somos o centro de nosso mundo, nossos desejos, emoções, sonhos, frustrações, ideologias, etc., nos formam e fazem parte de nossas escolhas. A epígrafe dessa sessão retirada do livro de Rubem Alves (2004a), fala dessa mistura de mundos que acontece no viver. Somos o centro do nosso universo, onde meio e organismo mudam junto em plena interação. Quando convivemos com outras pessoas o mundo delas interage com o nosso mundo e dessa interação novos mundos são gerados, ou seja, o mesmo processo da sopa. Maturana e Dávila dizem que

El mundo que vivimos, vemos y sentimos, no tiene existencia sin nosotros. El mundo que vivimos, vemos y sentimos no pre-existe a nuestro vivirlo-verlo-sentirlo. No es que estemos a uno de los lados del encuentro con la otredad que surge cuando hablamos del mundo que vivimos. Somos nosotros y el mundo, en rigor, nosotros-mundo en ese encuentro. ((MATURANA, DÁVILA, 2016, p.31)

Como já foi apresentado acima, cada ser vivo possui seu mundo em completa interação com mundos diversos de outras pessoas. Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009, 2016) denominam de nicho ecológico o meio onde o ser (organismo) vive e convive de forma dinâmica e esse processo de conservação do modo de viver do ser no seu nicho ecológico, é chamado de organismo-nicho. Pela importância do termo, cabe a citação nas palavras dos autores,

Estamos refiriéndonos al hecho biológico de que todo ser vivo en su operar como organismo existe, necesariamente, en un nicho ecológico multidimensional variable que surge con él y cambia con él en la realización de su epigénesis; nicho ecológico que, en cada caso, involucra todos los aspectos del modo de vivir del organismo. Entender esto es particularmente fundamental en el caso nuestro como seres humanos, ya que, en nosotros, nuestro nicho ecológico involucra todas las dimensiones de nuestro vivir y convivir, psíquicas y fisiológicas. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 545)

Voltando a analogia da sopa, somos responsáveis pela panela de sopa que fazemos, simples assim? De forma nenhuma simples, pois quando percebemos que somos responsáveis pelo mundo (sopa) que geramos, percebemos que possuímos escolhas e que a vida que levamos é construída a partir dessas escolhas. O que fazemos, ou não fazemos constitui nosso viver. Perceber isso é doloroso, pois percebemos que somos os únicos responsáveis e não mais pais, filhos, marido, esposa, namorado, namorada, governo, patrão etc. Nós, apenas nós. Ao mesmo tempo que dói, liberta, porque se sou responsável, sou também a única que posso realmente mudar o meu mundo, ou seja, dar um novo sabor a minha sopa (mundo). Humberto Maturana (2005), acrescenta dizendo que “lo que él sostiene es que el mundo en que vivimos es el mundo que nosotros configuramos y no un mundo que encontramos. (...) El mundo em que vivimos lo configuramos en la convivencia, incluso cuando hablamos de lo interno y lo externo (MATURANA, 2005, p.30-31). Ainda o autor diz que “podemos ser cualquier clase de ser humano según nuestro vivir y la historia de nuestro vivir (MATURANA, 2005, p. 32). Podemos mudar nossa história. Podemos fazer diferente. Escolher diferente, mudar, realizar sonhos, desejar, buscar.... Se hoje o meu viver não está bom, posso fazer escolhas diferentes e transformá-lo, mas para isso preciso me dar conta da responsabilidade que tenho sobre a minha vida e o meu fazer, assim “todo el rango de la variedad humana está en mí. Puedo ser torturador y puedo ser justo. Todos somos capaces de todo, y lo único que me permitirá en algún momento del vivir no ser lo que no quiero ser, es el saber que lo puedo ser” (MATURANA, 2005, p.33). Na escola, também temos escolhas. Também podemos fazer diferente. Sabemos o tipo de professor e professora que não queremos ser, ou não queremos para nossos filhos, então façamos diferente! Posso educar a partir

do Caminho do Amar, se assim o desejar. A escolha sempre é minha. Eu gero o meu mundo. Eu faço a minha sopa com o sabor que eu desejar!

1.3 Caminho do Amar: viver no bem-estar

Pensamos que o viver ao qual a noção do tao nos convida é o viver fundamental do viver do ser vivo em sua natureza biológica que se dá na existência no existir num presente cambiante contínuo” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 59)

Humberto Maturana e Ximena Dávila no livro “Habitar Humano-em seis ensaios de Biologia-Cultural” (2009), abordam sobre a Biologia do Tao ou o Caminho do Amar, sendo o viver sem expectativas, viver o momento presente, em equilíbrio e harmonia conosco e com os outros seres da natureza, “constitui um convite a um viver no bem-estar psíquico e corporal, um viver sem esforço na unidade de toda a existência no fazer que surge do ver o presente quando não há preconceito ou expectativa”(MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 59). É perceber a vida como um constante fluir, leve e sem esforço, apenas acontece.

O *Caminho do Tao*, tem origem muito antiga na China, por volta do ano 500 a. C, sendo a base para a doutrina mística e filosófica Taoísta. Lao-Tsé compilou suas ideias no Livro *Tao Te Ching*, neste período. *Tao*, expressa a ideia, de origem de todas as coisas, onde os opostos se completam. Busca aprender o caminho para a autorrealização de cada ser humano, Mabel lam, explica que

De acordo com o tao, o Universo é o produto da polaridade existente dentro da unidade primordial: repouso e movimento, contração e expansão, condensação e dispersão, avanço e recuo. Desde as manifestações mais simples e peculiares até as mais complexas e universais, cada ser, expressa essa polaridade original. A inter-relação entre o yin e o yang gera todas as coisas vivas que habitam o Universo. (IAM, 2009, p.16)

O yin e o yang juntos, diferentes e opostos, um complementando o outro, gerando o equilíbrio e a harmonia no universo. Desse equilíbrio e harmonia no fluir do viver que o Caminho do Amar trata.

Maturana e Dávila (2009) falam que seguir o Caminho do Tao, faz com que mude o olhar sobre as perguntas sobre a nossa existência. O pensamento filosófico tradicional persegue verdades absolutas e questões sobre o ser em si, onde a pergunta fundante é: Quem sou eu? Os autores explicam que “desde o seu início, o pensar filosófico ocidental segue o caminho da pergunta pelo ser, pergunta esta que parece possível de responder a partir do pensar místico-espiritual-religioso que vê um fundamento transcendente para a transitoriedade do ocorrer do suceder em tudo que existe” (2009, p.61). O Caminho do Amar, ou Caminho do Tao é uma nova forma de perceber o viver e conviver, onde a pergunta básica é “Como nós, seres humanos, fazemos o que fazemos? E complementam dizendo que

Parece-nos que a experiência básica cujo cultivo constitui o caminho do Tao é uma experiência de *bem-estar* que se estende a todas as dimensões relacionais do humano como uma experiência de harmonia psíquica e corporal em todas as dimensões do viver e conviver, qualquer que seja a circunstância do viver que se viva. Segundo nós, a experiência do tao não tem a ver com o que se vive, e sim com *como se vive o que se vive*. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 63)

O viver no Caminho do amar é viver e conviver no presente, não ignorando o passado, mas deixando ele onde está, ou seja, como algo que já aconteceu e não volta mais. Também perceber que o futuro é apenas uma possibilidade, ele não existe. Só temos o presente que muda a cada instante ao vivê-lo. “O presente é o próprio suceder do viver. O presente é o ocorrer no ocorrer, o que sucede no fluir do suceder. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 64). Os autores dão o exemplo dos animais que vivem fora do linguajar³. Vivem o presente sem reflexões, saudade e expectativas, assim não há frustrações, e nem tristezas. As expectativas nunca se cumprem sempre levam a dor causando o mal-estar. Os animais citados, apenas vivem. Isso não quer dizer que nós devemos viver sem reflexões, pois essas fazem parte da nossa condição de ser lingüajeantes, mas para alcançarmos o Caminho do Tao, ou o Caminho do Amar, precisamos aprender a viver no presente. Viver percebendo que a vida é um constante fluir; é espontâneo.

³ O entrelaçamento do emocional, com a linguagem.

Ximena Dávila afirma que toda a dor e sofrimento são de origem cultural. Isso quer dizer que sofreremos pela perda de algo, por saudade, frustrações, medos, insegurança etc. Esses sentimentos, são valorados a partir da cultura em que vivemos. Um exemplo em nossa cultura é a perda de um ente querido, nos causa imensa dor, sofreremos pela falta da pessoa. Em outras culturas a morte não é o fim, é um momento celebrado e festejado. Outro exemplo é a poligamia, em nossa cultura é considerada como traição, sofreremos se somos traídos. Em outras culturas é natural se ter vários parceiros. No viver em uma cultura, aprendemos o que deve nos causar dor e sofrimento. Para viver no caminho do bem-estar é preciso que nos libertemos do apego à dor e ao sofrimento, que as expectativas, desejos e exigências causam. Os autores dizem que

Nuestro vivir y convivir ocurren en nuestro operar como totalidades relacionales en la unidad ecológica organismo-nicho que integramos. Y nuestros sentimientos íntimos de bien-estar o mal-estar, al hacerlos conscientes en nuestro vivir humano en el lenguaje, el conversar y el reflexionar, constituyen la presencia de nuestro ser para nosotros mismos en la armonía o desarmonía de nuestra existencia somática sensorial. Cuando hablamos de cómo nos sentimos nos referimos a esa armonía o desarmonía, distinguiendo, en nosotros mismos, distintas sensaciones en nuestra corporalidad que nos llevan a actuar describiéndonos como estando en el dolor, la alegría, la urgencia, la serenidad, el bien-estar o el mal-estar, de modo que podemos escoger el curso de nuestro hacer desde ahí. Cuando vivimos nuestros sentimientos íntimos y nuestra sensorialidad corporal en armonía, no tenemos conflictos de identidad, no vivimos la dualidad alma o mente cuerpo, no tenemos preguntas sobre nuestra existencia, simplemente vivimos en el fluir de la arquitectura dinámica de la unidad ecológica organismo nicho que integramos en la realización de nuestra autopoiesis molecular. Es solo cuando tenemos una desarmonía de deseos que surge un conflicto que queremos explicar y disolver, que aparece la sensación de dualidad existencial justamente en el acto de explicar. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 459)

O viver é algo que simplesmente acontece. Nossa biologia mostra isso, mas como não somos apenas seres biológicos, e sim biológicos e culturais, ou seja, somos a soma da nossa biologia com a cultura que vivemos e convivemos. A dor e o sofrimento são fruto da cultura e não da biologia. O nosso organismo é um sistema perfeito, feito para funcionar em harmonia e equilíbrio, quando saímos fora desse padrão acontece o desequilíbrio, gerando o mal-estar.

O caminho do bem-estar, ou Caminho do Amar na Educação é possível, se paramos de ver os alunos como mercadoria, ou um projeto de futuro. Cada

aluno apenas é o que é, no momento presente. Com seu ritmo e seu jeito de ser. Educar no caminho do amar é valorizar a espontaneidade, o brincar, a alegria, a ternura, no momento presente, sem expectativas de um futuro incerto. Educar no momento presente.

1.4. Caminhos percorridos no fluir do meu viver⁴

*Desde o dia em que ao mundo chegamos
Caminhamos ao rumo do Sol
Há mais coisas pra ver
Mais que a imaginação
Muito mais pro tempo permitir*

*E são tantos caminhos pra se seguir
E lugares pra se descobrir
E o Sol a girar sob o azul deste céu
Nos mantém neste rio à fluir*

*É o ciclo sem fim que nos guiará
À dor e emoção, pela fé e o amor
Até encontrar o nosso caminho
Neste ciclo, neste ciclo sem fim*

*É o ciclo sem fim que nos guiará
À dor e emoção, pela fé e o amor
Até encontrar o nosso caminho
Neste ciclo, neste ciclo sem fim*

(Música do Filme “O Rei Leão”, 1994)

A feitura desta Tese, cada linha, cada pensamento, cada ideia surgida foi construída a partir do que vivi e dos mundos que gerei convivendo com outras pessoas. Voltando a analogia da sopa. Cada momento que vivi e convivi são os ingredientes que me possibilitaram ser o que sou hoje, no momento presente. Acredito que a vida é cíclica e dinâmica, estamos sempre aprendendo, se assim o desejarmos. E como diz a música citada na epígrafe, à dor e a emoção, pela

⁴ Expressão usada por Humberto Maturana. A vida é um contínuo fluir. “O mundo que muda no ser vivido enquanto se conserva num contínuo fluir estacionário no qual também muda o que se conserva” (2009, p.25). A expressão diz respeito a vida do amanhecer ao amanhecer. Um constante devir. Tudo flui naturalmente. Fluir do viver são as relações sociais que as pessoas estabelecem no seu viver. Sendo que só são consideradas relações sociais as que forem estabelecidas sob a emoção do amor. As demais relações são antissociais. São relações pautadas nas emoções de competição, inveja, dominação, etc...podem ser relações de trabalho, de estudo, mas não são relações íntimas, ou sociais.

fé e o amor, isso sou; isso acredito. Para que os leitores possam entender o meu ser e o meu fazer como professora/pesquisadora, cabe conta-lhes os meus caminhos percorridos até aqui:

Voltando no tempo... Ano de 1982.

Estava com 8 anos de idade. Era o primeiro dia da segunda série do Ensino Fundamental. Ansiedade, medo, euforia. Sentimentos que estão sempre presentes, quando algo novo se inicia. Ouço o sinal para a entrada dos alunos nas salas. Tinha que ir para a minha. Ao entrar no prédio para ir para o meu destino, vejo uma sala nova, que no outro ano estava fechada. Cortinas com os smurfs⁵, bem diferente da minha sala, onde as cortinas eram de um branco amarelado. Mesas e cadeiras pequeninas com as pernas pintadas de amarelo, próprias para o meu tamanho, julguei. E a professora que lá estava era linda, sorridente. Abraçava todas as crianças com tanto carinho, que resolvi que ia estudar naquela sala e com aquela professora. Só que era uma turma da pré-escola, primeiro ano que teria na escola essa modalidade. Eu estava indo para a segunda série, não tinha como ser aluna da professora bonita e querida. Quando estava no Ensino Médio, consegui enfim, ser aluna da professora bonita, em geografia. Anos mais tarde volto para a mesma escola, como professora. A professora que me encantou quando tinha 8 anos, passou a ser minha colega de trabalho.

Hoje pesquiso a Biologia do Amar e a Biologia do Conhecer (MATURANA, 2004, 2005, 2009, 2011, 2016) e vejo que esta lembrança da professora influenciou os caminhos que escolhi trilhar. Tenho o desejo de fazer algo real, concreto, para contribuir para esta fase do desenvolvimento infantil. Com oito anos senti o quanto aquela professora enxergava seus alunos e percebia a legitimidade de cada um. Quando uma criança não queria “desgrudar” dos braços da mãe, ela ia até a criança, conversava, abraçava e a criança passava dos braços da mãe para os dela, na total aceitação. Hoje minhas percepções são diferentes de quando eu tinha 8 anos, é claro. Mas a emoção do amor presente naquela professora é o que me motiva até hoje, muitos anos depois, a perceber a importância do trabalho colaborativo com base na emoção do amor.

⁵ Smurfs, desenho infantil muito famoso na época.

Como seres humanos, nos construímos a todo o momento. Formamo-nos a partir das experiências vividas, das experiências não vividas, dos sonhos sonhados e das conquistas realizadas e não realizadas... tudo isso nos constitui, no fluir do viver. Ter a possibilidade de rever os caminhos que escolhi, para poder entender as motivações encontradas para realizar tal pesquisa, pensando como me construí na pesquisadora que sou hoje é quase um processo catártico, pois revejo, relembro vivências, paixões e situações ao longo de mais de 20 anos como professora. Todas as experiências aqui narradas e revisitadas em minha memória, como as que fui participante em movimentos sociais, em oficinas e grupos de teatro, organizações de eventos, atividades em diferentes setores, modalidades de ensino e componentes curriculares na escola, me construíram e me fizeram ser a educadora que sou hoje: comprometida com o pleno desenvolvimento do(a) educando(a), percebendo que aquele ser que conviveu ou conviverá comigo durante 200 dias letivos é dotado de um potencial ilimitado e que deve, sobretudo, ser respeitado e valorizado como ser único que é. Dessa forma, percorrer o Caminho do Amar, buscando gerar mundos na Educação Infantil, em Humberto Maturana, é o resultado da minha caminhada e, principalmente, das respostas que encontrei na leitura deste autor.

Minha trajetória trabalhando com pessoas começou muito cedo, aos 14 anos. Nesse trajeto aprendi a escutar, a respeitar e a perceber aquele ser humano, independentemente da idade. Aprendi, sobretudo, a aprender em cada aula, em cada oficina, em cada ação como gestora. Aprendi a superar meu próprio Ego, minhas convicções e ideologias para respeitar as convicções e ideologias dos outros. Aprendi a me calar, nas vezes que a vontade de falar era quase sufocadora. Anseio, sonho em continuar aprendendo e sobretudo buscando entender esse ser complexo e belo chamado ser humano, da espécie *homo sapiens sapiens*, que é sobretudo originalmente *homo sapiens amans amans*⁶.

A partir deste momento faço um convite para juntos percorrermos os caminhos de minha memória, conhecendo minha trajetória de vida.

⁶ Humberto Maturana e Ximena Dávila (2005, 2009, 2016) afirmam que somos originários da espécie *homo sapiens-amans amans*, surgida a mais de 3 milhões de anos. Esta espécie organizava-se em famílias, não havendo distinção entre homens e mulheres. Conviviam em harmonia com a natureza, em pleno bem-estar psíquico-corporal-relacional, no conversar e na co-inspiração. Tais afirmações são embasadas em pesquisas arqueológicas.

Fiz toda a minha educação Básica em uma mesma instituição (1981 – 1992), o Colégio Estadual Cristóvão Pereira, em Santiago, Rio Grande do Sul, que fica a 470 Km da Capital do Estado, Porto Alegre. Na época sonhava em fazer o curso de Artes Cênicas, na UFRGS, pois fazia teatro desde os 14 anos, uma das minhas grandes paixões. Nesta mesma época participei do Movimento de meninos e meninas de Rua⁷, onde realizava oficinas de dança e teatro com crianças e adolescentes em situação de risco. Assim entrei em contato com os escritos de Paulo Freire, Augusto Boal e Olga Reverbel. Sempre fui inquieta, adoro desafios e quando sou presenteada com um, busco saber, conhecer sobre o assunto da melhor forma possível. Assim, aconteceu, mesmo sendo também adolescente, mas como estava na condição de formadora, busquei auxílio e até mesmo conforto nestes autores. Identifiquei-me com as palavras de Paulo Freire (2000, p.101): “Quanto mais me experimentava ensinando a jovens como eu, tanto mais me convencia de que realmente estava me tornando um professor, algo que eu amava ser⁸”

Meu pai pedreiro, minha mãe do lar, não tinham condições financeiras de arcar com custos de uma Universidade. Dessa forma, como sempre gostei muito de estudar, e já tinha certa “experiência” no trabalho pedagógico, ao terminar o Ensino Médio fui fazer o Curso Normal. Na primeira vez que fui substituir uma professora, fiquei encantada, era na minha escola, onde havia saído há poucos meses e voltava como “professora”. Neste momento percebi que havia encontrado o que gostava de fazer. Uma profissão que me possibilitava interpretar vários papéis, poderia unir minha paixão de falar em público e de escrever, mas, sobretudo, poderia colaborar, fazer algo significativo para outro ser humano. Percebi que iria me realizar como profissional, trabalhando com crianças e o desejo de alfabetizar foi se construindo e o sonho de cursar Artes Cênicas foi substituído pelo desejo voraz de me aperfeiçoar como educadora. A partir disso, começou minha vida acadêmica.

Estava terminando o terceiro ano do Curso Normal, faltando apenas o estágio, soube da abertura de uma turma no Curso de Pedagogia da URI/Santiago, me inscrevi e passei no vestibular. O primeiro dia de aula foi algo inesquecível e sabia que daquele dia em diante eu não pararia de estudar e

⁷ Movimento Social que busca à garantia de direitos às crianças e adolescentes.

⁸ FREIRE, Paulo. A Educação na cidade.4º ed. São Paulo. Cortez. 2000

buscar aperfeiçoamento. No primeiro semestre de Pedagogia fui convidada para trabalhar com oficinas de teatro e com uma turma da Educação Infantil, na Escola da URI, como bolsista pelo CIEE⁹, uma experiência bastante gratificante, onde comecei a observar o desenvolvimento da criança e como o conhecimento é construído. Percebi o quando a afetividade e a interação são importantes no processo de ensino e aprendizagem.

Quando acabou o período da bolsa, sai da escola para trabalhar em um Projeto da Prefeitura, denominado Criança Feliz, também como bolsista do CIEE e também com Oficina de teatro. No Projeto os educandos iam na escola regular e no turno oposto iam ao Projeto, a grande maioria eram crianças carentes financeiramente. Pude em dois anos perceber duas realidades diferentes: crianças abastadas financeiramente em uma escola particular e crianças com recursos financeiros escassos em outra. Percebi que a conta bancária dos pais não determina a felicidade dos filhos, que muitas crianças na escola particular só tinham dinheiro, mas, o principal, que era na atenção e no amor, eram carentes, em contrapartida muitas crianças no Projeto não possuíam dinheiro, mas vivam acolhidas, cuidadas e amadas. Esse aprendizado me possibilitou perceber que o que realmente importa é o amor e a atenção e o cuidado no momento presente.

Em 1999, saiu concurso para professor do estado do Rio Grande do Sul. Fui aprovada em primeiro lugar. Devido a minha classificação, e por haver vaga, pude começar a trabalhar como professora do quadro efetivo no Colégio Estadual Cristóvão Pereira, em uma turma de alfabetização, na escola em que estava desde os meus seis anos de idade, e que havia acabado de realizar o estágio curricular, numa segunda série do Ensino Fundamental.

Em 2000 começou de fato a minha história como professora de escola regular e na Educação Básica. Em 2002 assumi outra nomeação, na Escola Alceu Carvalho, totalizando 60 horas de trabalho. À noite, tinha uma turma na Educação de Jovens e Adultos, de alfabetização. De manhã, no Cristóvão Pereira, tinha turmas de Filosofia no Ensino Médio e a tarde uma 1^o série do Ensino Fundamental. Começava de manhã com adolescentes, à tarde com alfabetização de crianças e a noite com os adultos. O trabalho com a

⁹ Centro de Integração Empresa-Escola

alfabetização de adultos e de crianças foi algo que me marcou e que me fez compreender o processo de construção da escrita, me fez perceber que o processo de construção do conhecimento é o mesmo, mas que as metodologias devem ser de acordo com a realidade de cada etapa. Neste ano tive a oportunidade de vivenciar o método Paulo Freire, perceber na prática o que eu apenas sabia teoricamente. Essa experiência possibilitou me construir como uma educadora mais humana, dinâmica e preocupada com o contexto social.

Em 2003, para facilitar na dinâmica da minha vida, consegui ficar 40h no Colégio Cristóvão Pereira. Nesta época a escola estava passando por uma fase bastante difícil, drogas, violência, depredação do patrimônio, entre outras coisas. No anseio de fazer mais, de colaborar para que a escola voltasse a ser referência no município, me candidatei ao cargo de diretora o qual exerci por seis anos. Nesse percurso percebi que precisava saber mais, ter mais conhecimento sobre gestão, então em 2005, fiz Especialização em Gestão Escolar. Na construção da Monografia, comecei a pesquisar sobre a Síndrome de Burnout em professores e sua relação com a autoestima, e como esses fatores afetam o processo de ensino e aprendizagem. Essa temática surgiu devido eu estar na escola há muito tempo e pude perceber a mudança em alguns colegas, que outrora tinham sido meus professores e eram carinhosos, motivados e comprometidos com os educandos e que naquele momento demonstravam desinteresse, irritação e despersonalizavam os alunos. Dessa forma busquei entender a situação, motivada pelo anseio de ajudar, de fazer algo concreto. Nesse momento começou meus estudos sobre a Síndrome de Burnout.

Em 2007 estava previsto para acontecer um Seminário de Educação da empresa de Santa Catarina- CEITEC, em Santiago, mas um palestrante, por motivos pessoais cancelou sua participação. O diretor da empresa para não cancelar o evento, me convidou para montar uma palestra e usar o tempo do palestrante, convite que aceitei prontamente. Após minha palestra, que foi intitulada de “Cuidando de quem educa”, o diretor do Ceitec me desafiou a transformar a palestra em livro. Assim em 2008 foi lançado o livro: *“Cuidando de quem educa- abordagem teórico crítico sobre a Síndrome de Burnout em professores”*. Nesta mesma empresa fui convidada a elaborar material de curso à distância. Dessa forma construí um material de Sociologia, que deu origem ao segundo livro lançado em 2010, pela editora LEW de Tapera/RS, com o nome

de *“Te liga – Antologia sociológica”*, este que está na 3ª edição. Neste mesmo ano mais um convite: elaborar um curso de Filosofia para a empresa UNICEAD, de Montes Claros/MG, e assim nasceu o curso ead, *“Amando a sabedoria- curso básico de filosofia”*, que sou tutora até o presente.

No Cristóvão Pereira havia turmas específicas de alunos surdos. Como gestora possuía uma grande preocupação de integrá-los na rotina regular da escola. Deseja também, que todos os segmentos e a comunidade santiaguense tivessem conhecimento básico de Língua de Sinais, para que houvesse comunicação com os surdos, não só da nossa escola, mas da cidade. Assim em 2006, 2007 e 2008 organizei na escola com a parceria da Prefeitura Municipal os “Encontros de Escolas de Surdos”. Escolas específicas de surdos da região participaram do evento, realizando oficinas e palestras. Como os resultados foram extremamente positivos em 2008 sediamos o *VIII Encontro Estadual das Escolas de Surdos*, com palestrantes eicineiros do país inteiro.

Depois de seis anos, dois mandatos como gestora, conseguindo cumprir todas as metas do plano de ação, como: a qualificação do ensino e aprendizagem, reformas prediais, aquisição de um Laboratório de Informática e um Laboratório de Ciências. Buscando sempre resgatar a história da escola, lançamos o *“Jornal Nota 10”*¹⁰, e adquirimos instrumentos para criação da Banda Marcial, algo que era extremamente importante para a comunidade escolar, pois fazia parte da memória afetiva de grande parte das pessoas envolvidas nesse processo. Através de muita luta e mobilização da comunidade, consegui manter a Educação de Jovens e Adultos, que por determinação da Seduc/RS¹¹, era para ser fechada. Depois desses anos na gestão, muitas vitórias e algumas decepções, voltei para sala de aula. Como só havia turmas de História nas etapas três e quatro da Educação de Jovens e adultos e uma 4ª série, do Ensino Fundamental, com Estudos Sociais, aceitei o desafio, e comecei assim minha vida de professora de História. Na turma de 4ª série havia um aluno surdo, que só se comunicava em LIBRAS, e na etapa três da EJA havia três alunos surdos e não havia intérprete de LIBRAS na escola. Tarefa bastante desafiadora, visto que iria trabalhar com uma disciplina que não possuía habilitação e com alunos

¹⁰ O “Jornal Nota 10”, é um jornal que foi criado para divulgar as produções de alunos e professores, surgiu na década de 70 e circulou durante 10 anos. Em 2004, o Jornal Nota 10 voltou a circulação.

¹¹ Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul

que falavam uma língua diferente da minha. Este ano com toda a certeza aprendi muito mais que ensinei...

Quando assumi a responsabilidade com a disciplina de História e o trabalho com alunos surdos, fui atrás de conhecimento, dessa forma fiz dois cursos de LIBRAS, e me inscrevi no curso de História Parfor/UFSM. Quando fui chamada para começar o curso, expectativa e emoção misturaram-se, voltar a fazer uma graduação, voltar a estudar e sentar nos bancos acadêmicos é algo que sempre me motivou e alegrou. Além disso, estudar na UFSM, parecia algo tão distante da minha realidade. Um verdadeiro sonho além das possibilidades de concretude. Então, ter uma matrícula nesta instituição foi algo fantástico, com sabor de conquista.

Em 2013, por acaso fiquei sabendo do processo seletivo para o Mestrado Profissional em Educação na Unipampa Jaguarão, este com enfoque em Gestão Escolar. Como ainda havia arestas no meu estudo sobre a Síndrome de Burnout, fiz o projeto *“O perfil do gestor e a Síndrome de Burnout”*, e fui selecionada. No decorrer do curso de Mestrado, com as leituras e sob a orientação do professor Lúcio Jorge Hammes, o projeto modificou-se para *“Conhecer: primeiro passo para vencer o Bicho Papão da Síndrome de Burnout”*, pois ao me aprofundar na temática percebi que a grande maioria dos professores e profissionais da saúde da minha cidade não conheciam esta doença.

Após coleta de dados e pesquisa de campo, surgiu a Intervenção no Colégio Cristóvão Pereira que tinha como principal objetivo problematizar e conhecer a Síndrome de Burnout, suas causas, consequências, formas de prevenção e alternativas de superação. A Intervenção proposta se constituiu em encontros de estudo e convivência, totalizando 20h em que, além da abordagem teórica, buscamos desenvolver a interação entre colegas, o reconhecimento de si e do outro. Os encontros foram realizados em formato de oficinas, divididas em seis momentos, com os seguintes temas: Síndrome de Burnout: conhecendo e perdendo o medo do bicho papão; EU sou mais EU; Eu me estimo; Resiliência e *coping*: construindo um castelo de proteção; Eu e você, você e eu; A avaliação foi feita através de Grupos focais, confrontado com o questionário realizado no início da pesquisa. Assim foi possível avaliar se houve modificação de comportamentos e pensamentos após a realização da oficina. Também foi feita

a construção de material de apoio ao gestor, sobre a Síndrome de Burnout, um *feedback* ao gestor da escola.

Criei a analogia do título da dissertação “*Conhecer: o primeiro passo para vencer o Bicho Papão da Síndrome de Burnout*” (2015), porque: Bichos Papões, mulas sem cabeças, bruxas, velhas do saco, são seres que povoam a imaginação de crianças e até mesmo de adultos que cresceram e foram educados pelo medo de que esses seres os levassem e fizessem alguma coisa muito má. Ninguém sabe exatamente o que eles faziam com crianças desobedientes, mas todo mundo sabia que não era bom desafiá-los. “Teimar”, gritar, falar, palavrões, roubar guloseimas da geladeira, nem pensar, pois o Bicho Papão, ou qualquer um de seus amigos vinham e levava a criança desobediente, deus sabe para onde. Toda esta explicação de seres assustadores, que povoam imaginários de crianças até hoje, cabe para explicar o título do projeto, devido o mesmo processo acontecer com a Síndrome de Burnout, por não a conhecermos, ela se torna cada vez mais assustadora e terrível, levando inúmeros professores ao adoecimento, aumentando o número de laudos para tratamento da saúde. Conclui que momentos como os propiciados pela intervenção deveriam ser adotados como prática constante nos espaços educacionais.

Desde o início da minha vida acadêmica no ano de 1998, sempre aproveitei todas as oportunidades de escrever projetos e artigos com o intuito de participar em Congressos e Seminários Educacionais, pois assim aprendia através da troca de experiências. Como sempre me identifiquei com os escritos de Paulo Freire, participei dos fóruns de Estudos - Leituras de Paulo Freire em 2014, em Santo Ângelo, com a temática “*Saúde do Educador: diálogo, interação e amorosidade*” e em 2015 em Santa Maria: “*Vencendo a Síndrome de Burnout com diálogo e interação*”. Espaço de discussões e troca de experiências e muitas aprendizagens.

Nos anos de 2014 e 2015, fui Orientadora de Estudos do Pacto Nacional de Fortalecimento do Ensino Médio, onde coordenava grupos de estudos com os professores do Ensino Médio do Colégio Cristóvão Pereira; em 2016, além da coordenação pedagógica do Ensino Médio, tinha turmas de 6º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, com a disciplina de História. Experiência enriquecedora, pois ainda não havia trabalhado com séries finais. Em 2017 atuei, na

Coordenação Pedagógica do Ensino Médio e coordenação do Grupo de Teatro, grupo este que no ano de 2016, ganhou o prêmio de melhor texto original no 2º *Enceninha, Festival Estudantil de Teatro de Santiago*, com o texto “*Jardim Encantado*”, de minha autoria.

Em 2015, fui convidada pelo coordenador do Proipe/UFSM¹² para participar do Programa como professora colaboradora e apoio pedagógico. Viajamos a várias cidades, falando, mas principalmente ouvindo professores, suas angústias, seus temores, sonhos e esperanças. Mais uma vez tive a oportunidade de unir teoria e prática.

Sinto-me privilegiada. Trilhei caminhos que me oportunizaram trabalhar com Educação Infantil, séries iniciais e séries finais do Ensino Fundamental. Ensino Médio Regular com as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Relações Humanas, Artes e História, também com turmas da educação de Jovens e Adultos da Alfabetização ao Ensino Médio. Essas vivências e interações em diferentes modalidades de ensino, diferentes idades e interesses me possibilitam entender a escola num todo, com maior sensibilidade na hora de resolver situações conflitantes. Toda essa experiência me faz perceber que realmente estou no lugar certo. Faço o que amo fazer. Não importando o setor, a disciplina, a faixa etária. O contato com o outro e a possibilidade de fazer a diferença na vida de alguém é o que mais me motiva e me impulsiona a querer saber e conhecer mais. Meu desejo é aprender sempre, em cada situação, com cada colega, cada professor e cada aluno.

Sempre quando ouvia falar em alguém que concluía o Doutorado e recebia o título ficava encantada. Cresci pensando que ser Doutor era coisa para pessoas iluminadas, “coisa para ricos”, como muito ouvi enquanto crescia e infelizmente continuo ouvindo na fala dos meus alunos. Hoje, estando no processo de doutoramento, vejo que as pessoas “iluminadas” são pessoas que percorreram caminhos, uns tortuosos, outros com caminhos mais leves, mas fizeram esta escolha, assim como eu. Estar no Doutorado é, sem sombra de dúvidas, a realização de um sonho, que se tornou possível porque houve pessoas que acreditaram e me incentivaram a correr atrás e buscar este caminho. Uma dessas pessoas foi o professor Doutor Valdo Barcelos, meu

¹² Programa de Inovação Pedagógica, ligada a UFSM, que realiza formações de professores em seminários e workshop.

orientador, que acreditou no meu projeto e me deu a oportunidade de realizar meus sonhos, através dos estudos do doutorado. Oportunidade, palavra doce e instigante. Segundo Cortella (2008), a palavra Oportunidade, “vem do nome de um vento. Os romanos tinham o hábito na Antiguidade de dar nome aos ventos. E um vento que eles apreciavam, imensamente, era aquele que levava o navio em direção ao porto, era chamado de *ob portus*, o vento oportuno” (CORTELLA, 2008, p.46). Apenas possuir o sonho e vontade de realizar não são suficientes se não houver a oportunidade. Senão houver vento, ou seja, acesso no meu caso, à Pós-Graduação, a caravela não vai a lugar algum. Eu tinha o sonho, e o vento *ob portus* soprou e estou navegando feliz por mares desconhecidos, no Caminho do (A)mar.

Pesquisar novas perspectivas. Novos olhares. Imaginar outros mundos na Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena Dávila, no doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa nº 1, “Docência, saberes e desenvolvimento profissional” que tem como foco contribuir para a educação, na linha de formação de professores, é o resultado de percepções de uma vida profissional construída com base na afetividade e na interação entre os alunos. Acredito que é na Educação Infantil onde noções de ética, democracia, percepção e reconhecimento do outro são desenvolvidas. Humberto Maturana e Ximena Dávila me inspiram a sensibilidade, o olhar nos olhos dos meus alunos e perceber este ser, como um ser legítimo e que deve ser amado e respeitado em sua integralidade. Com essas sensações afloradas, busquei ser uma pessoa melhor e, conseqüentemente, uma educadora melhor. Novos conhecimentos foram construídos até este momento. No término desta caminhada e início de novos passos, reafirmo que é no fluir do viver que amamos e construímos novos olhares para transformar a realidade.



PRATO PRINCIPAL



Para leerlo se requiere candor y confianza. Candor para no anteponer continuamente nuestras creencias sobre lo que debe ser, entre nosotros lectores y lo que disse el autor. Si no tenemos candor, nunca sabremos lo que el autor nos disse, y lo aceptaremos o lo rechazaremos sin saber que aceptamos o que rechazamos. Si no tenemos confianza en la impecabilidad del autor, estaremos siempre en lucha con él, no lo oiremos, y aceptaremos o rechazaremos lo que disse sin saber lo que disse. (MATURANA, 2011, p.9)

Depois das delícias de entrada.... vem a hora esperada.... o prato principal com o referencial teórico utilizado nesta Tese/Degustação.

A fome e o desejo, já foram despertados na entrada, agora as ideias serão aprofundadas. Vamos imaginar que estamos sentados em uma linda mesa, toda decorada e com comida quente, cheirosa, saborosa e rodeados de pessoas queridas. Essa é a sensação que desejo despertar em cada leitor e leitora.

Sementes são lançadas ao vento, assim como as ideias. Pensamos, refletimos e escrevemos, mas, cada observador produz suas próprias conclusões. Como diz o autor que será estudado nesta tese, Humberto Maturana, na epígrafe desta seção, peço sinceridade e confiança ao leitor. Que as ideias não sejam rechaçadas antes mesmo de serem lidas, que os conhecimentos a priori sirvam de base para o refletir e pensar uma nova perspectiva para a de formação de professores da Educação Infantil, momento primordial no desenvolvimento da criança. Maturana diz que o ser humano não é a medida de todas as coisas, referindo-se à citação de Protágoras, mas, sim, é a origem do mundo que vive, dessa forma somente nós podemos refletir sobre o nosso fazer no mundo e fazer algo diferente para melhorá-lo.

Pesquisei as proposições de Maturana e Ximena Dávila, principalmente a Biologia do Amar e a Biologia do Conhecer, buscando entender melhor o ser gente, buscando alternativas e novos caminhos para a ação docente na Educação Infantil. Acredito que o maior investimento de recursos financeiros públicos e maiores investimentos em pesquisas científicas deveriam ser nesta fase do desenvolvimento, por ela ser fundamental para o pleno desenvolvimento humano. Segundo a pesquisadora argentina Laura Gutman, (2016) o adulto que somos hoje é o resultado do amor ou a falta dele que obtivemos na infância.

Dessa forma nós adultos, possuímos uma carência muito grande, não suprida na infância, e por isso que como adultos buscamos aceitação e precisamos nos sentir pertencentes a algum lugar. Buscar um lugar de referência não é ruim, o problema é que nos distanciamos do nosso ser essencial. Paramos de ouvir nossa bússola interna e nos guiamos pelos o que os outros dizem e fazem, deixamos de ser o centro de nosso ser. Isso causa mal-estar e adoecimento.

As crianças em idade da Educação Infantil estão totalmente abertas para as descobertas, para o novo, para as aprendizagens. As noções de democracia, amor, ética, respeito a si e aos outros, são facilmente desenvolvidas. Somos frutos do amor. Nascemos para amar. O ódio, a inveja, a competição, são aprendidas no meio onde a criança está inserida. Na escola de educação infantil, onde a maioria passa sete horas diárias a partir dos 4 meses de idade, urge ser um ambiente harmônico, colaborativo, de livre expressão e de livre aprendizagem, onde as pessoas que ali convivem se respeitem, e sejam felizes, para que a criança aprenda, a colaborar, a amar e ser feliz.

2.1. Humberto Maturana: o homem com olhos e curiosidade de menino

Hay una sola condición que nos permite darnos cuenta de nuestra ceguera: tenemos que ver y conocer, es decir que al comprender nuestra propia ceguera, dejamos de estar ciegos. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.77)

Um menino chileno nascido no dia 14 de setembro de 1928. Foi criado apenas pela mãe, fato que segundo ele não lhe causou nenhum problema, pois nunca foi lhe dito que era um problema. Cresceu e desenvolveu-se normalmente. Franzino, travesso, com poucos amigos, fugia da escola e ia para casa com o argumento que estava melhor lá. Todo dia tinha que ser mandado de volta para a escola pela mãe. Com isso aprendeu a ler com nove anos de idade, movido pela emoção da inveja, porque via os benefícios que os outros tinham ao saber ler, então aprendeu este feito em uma semana. Aos onze já tinha preocupações além de sua idade, se interessando pela linguagem, sendo fascinado pelo fato de a linguagem ser usada para bendizer ou maldizer algo, ou alguém. Fala com

extremo carinho e admiração por sua mãe, ao seu entrevistado por Bernhard Pörksen, relata:

La que me marcó decisivamente fue mi madre. Fue ella quien me enseñó a hacerme responsable de mi propia comprensión del mundo y a confiar en mí mismo. Recuerdo que un día estaba jugando con mi Hermano mayor cuando mi madre nos llamó; tenía once años entonces. ¡Niños! Nos dijo, “nada en si es bueno o malo. Una conducta puede ser adecuada o inadecuada, correcta o equivocada. Y ustedes son responsables de decidir qué es lo que corresponde cada vez”. Y finalmente agregó: ¡Ya, sigan jugando! (...) Si una conducta no puede ser catalogada como intrinsecamente buena o mala, entonces – fue lo que me quedó claro – es necesario observar la red relacional en que está inserta, y decidirse autonomamente por una manera de actuar. Para mí, en este episodio se expresa una determinada actitud, marcada por la confianza en mi Hermano y en mí, y que trata de una autonomía y libertad, individual que hay que manejar conscientemente: nada tiene validez absoluta, y justamente por eso se trata de optar y decidir. (...) Hoy diría que fue mi madre quien me enseñó lo que significa tomar responsabilidad y actuar de una forma autónoma a la vez que respetuosa. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.161)

Maturana conta que eram pobres, que sobreviviam com o salário da mãe, como assistente social e com uma renda extra que ela ganhava dançando em um “cabaret”. Ele lembra que antes da mãe sair para trabalhar, no inverno, ele a auxiliava a colocar folhas de jornal dentro da japonsa, para ajudá-la com o frio. Eram pobres, mas ele desde cedo percebia que havia muitos outros em condições bem piores e sentia-se um privilegiado. Deu-se conta disso quando acompanhava a mãe no trabalho.

Um certo dia, Humberto, resolveu que não era mais Humberto e sim Sasha, e que não mais usaria o sobrenome do pai Maturana e só usaria o Romesín, sobrenome da mãe. E assim foi, quando alguém o chamava de Humberto ele simplesmente não respondia, nem mesmo aos professores. Aos 17 anos, mudou de nome mais uma vez, Talbalcaín, nome do filho de Caim. Decidiu por este nome após ler a história bíblica e achar que Deus foi injusto com Caim. Ao entrar na Universidade teve que voltar a ser o Humberto Maturana, tornando-se um adulto com olhos de menino, cheios de vida e sabedoria. Em seus escritos afirma:

Como niño tuve la suerte, sin darme cuenta, de crecer como una especie de filósofo de la naturaleza, fascinado por la belleza de los seres vivos y deseoso de entender su arquitectura dinámica espontánea. Tuve la suerte de hacerlo guiado por un sentimiento espontáneo de empatía con la arquitectura dinámica de lo vivo, porque yo mismo nunca considere diferente de los seres maravillosos que veía. Pero quizás en este sentido tampoco fui tan diferente de los demás niños, porque encontraba que era tan curiosos como ellos, lo que a su vez fue un regalo que me permitió, durante mi desarrollo, seguir siendo completamente yo mismo y aceptar lleno de respeto lo que iba siendo de mí. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.30).

Em 1948 ingressou no curso de Medicina, mas depois de três meses de aula, foi hospitalizado porque estava com tuberculose. Em decorrência da enfermidade ficou dois anos na cama e novamente trocou o nome, “Quería ponerme un nombre que no tuviera nada que conmigo, porque no era yo el enfermo” (MATURANA, 2005, p.19), assim o fez. Tornou-se o Irigoitia. Depois deste tempo, ainda ficou mais um ano internado no sanatório de Putaendo, em repouso absoluto, lá aproveitava o tempo lendo escondido e pensando, refletindo sobre a vida. Casou-se, teve dois filhos, separou-se e casou novamente. Tornou-se doutor em Biologia pela Universidade de Harvard. Trabalhou um tempo como pesquisador no MIT (Massachusetts Institute of Technology). Voltando ao Chile, 1960. Relata que saiu do MIT, porque não gostava de competir, que não desejava desenvolver suas ideias em oposição a outros. Preferia uma forma de existência independente que não limitasse seu pensar. Afirma: “El que compite el trabajo de otros como el criterio de calidad decisivo para la propia persona” (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.173). No retorno ao Chile, tornando-se professor na Escola de Medicina. Nunca foi considerado um professor tradicional, ou dentro dos padrões de normalidade. Suas aulas eram irreverentes e ousadas. Levava cobras nos bolsos para demonstrar que o deslocamento do animal dependia do terreno, passarinhos de papéis, ovos com ratos, ratos correndo pela sala, isso lhe resultou a fama de professor divertido. Paula Escobar, descreve Maturana como:

Canoso, ruliento, de andar armonioso y cuerpo menudo. Su mirada es algo inquieta. Viva. Comienza una frase, se silencia un momento, y de pronto le comienzan a brillar los ojos y cuenta algo increíble. Una historia mágica, que parece que recién hubiera inventado. Y sus manos se mueven, los ojos de niño miram desafiantes y sus palabras, precisas y moduladas, transportan a una realidade insólita (MATURANA, 2005, p.17).

Sua humildade e simplicidade é demonstrada quando fala de si mesmo:

Jamás he pensado ser un *pensador Latinoamericano*, como me definió un integrante del Instituto para el Desarrollo de la Democracia. Solamente he procurado hacer seriamente lo que he estado haciendo que es entender a los seres vivos Y, a través del entendimiento de ellos, lograr entender a ser humano". (MATURANA, 1994, p.9).

Humberto Maturana afirma que somos seres humanos pelo modo de viver e, esse modo de viver, se constitui na linguagem. O ser humano se constitui na dinâmica que entrelaça a corporeidade e o modo de viver. Mais ainda, a corporeidade do homo sapiens é o resultado de uma história evolutiva. Em suas palavras: "la corporalidad Homo Sapiens Sapiens es el resultado, generación tras generación, de transformaciones en torno a la conservación de un modo de vivir, que no es outro que el modo de vivir en el lenguaje¹³" (MATURANA, 1994, p.38).

Maturana define o amor, como a emoção que funda o social. O amar é entregar liberdade e construir um mundo com o outro. E o mundo está aí para ser visto, percebido, mas o ver, o perceber, depende de nós e não do mundo. E complementa:

Esta es nuestra libertad trágica como seres humanos. Es nuestra libertad porque nuestra capacidad de ver, de percibir, depende de nosotros como individuos; es nuestra tragedia porque la ceguera ante el mundo que vivimos y que legamos cotidianamente a nuestros hijos com nuestros actos, es nuestra responsabilidad". (MATURANA,2005, p.119)

Em uma entrevista com Bernhard Pörksen foi afirmado que Maturana havia relatado um medo de enlouquecer por suas ideias, então ele responde:

¹³ Linguagem para Maturana é uma forma de existir, um modo de viver e conviver. Através dela é possível o conhecer e o viver no linguajar (2011; 1994). "Solamente los seres humanos vivimos inmersos en el lenguaje de una manera tan profunda que llegamos a disfrutar del fluir de la palabra" (1994, p.11). Linguagem são coordenações de coordenações de condutas consensuais. "A linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Se minha estrutura muda, muda meu modo de estar em relação com os demais e, portanto muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do linguajeio no qual estou, e mudam as interações das quais participo com meu linguajeio. Mas a linguagem se constitui e se dá no fluir das coordenações consensuais de ação, e não na cabeça, ou no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe" (1999, p.28)

En algún momento me di cuenta que el pensamiento circular no representa una amenaza para mi juicio, sino que amplía mi entendimiento. Pensar que uno ya no parte de una realidad externa sino de la propia experiencia, también puede ser algo profundamente gratificante y tranquilizador. Uno deja de cuestionar las propias experiencias y deja de rechazarlas como irreales o ilusorias. Y no constituyen un problema, no generan un conflicto emocional, uno simplemente las acepta. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.49)

Assim, não existe uma realidade exterior ao indivíduo. Tudo o que acontece conosco, incluindo a forma que vemos as cores, as sensações que temos, são processos internos. Por isso Maturana descreve o sistema nervoso como um sistema fechado. Tudo parte do Eu. Tudo acontece dentro de nós.

Humberto Maturana Romesin desenvolveu, juntamente com o também chileno Francisco Varela, a teoria de Autopoiesis (2001, 2004a, 2005, 2016), que é a união de duas palavras de origem grega *auto* e *poiesis*, que significa produção, criação, ou seja, a capacidade que cada organismo tem de se auto gerir, ou se auto produzir. Na busca para entender o sentido do humano, propõe que um ser vivo não é, está permanentemente sendo. A vida é a estabilização da instabilidade, e para isso é necessário a autopoiesis. Maturana e Ximena Dávila, em suas palestras explicam o processo e autopoiesis de uma forma bastante simples, dando o exemplo de uma mãe conversando com seu filho: o filho pergunta a mãe – mamãe por que tenho que comer? A mãe prontamente responde: para ficar grande como seu irmão, e para isso você precisa comer, porque a comida ao ser ingerida vai ser transformada no teu corpo, em nutrientes, que te farão crescer. Maturana, com seu jeito de menino, acrescenta: A então é isso a autopoiesis, mamãe? Autopoesis, assim, é o processo de se autogerir do nosso organismo.

Maturana propôs a Biologia do Conhecer, que é uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir a ser dos seres vivos no domínio de sua existência (MAGRO e PAREDES In: MATURANA, 2014, p.10). Maturana também propõem a Biologia do Amar, que define o amor como a “emoção fundamental que constitui o social”, defendendo um sentido biológico para o amor e que este só se dá na aceitação mútua (MAGRO e PAREDES in MATURANA, 2014, 47- 72). Afirma que a “linguagem é um operar em coordenações de coordenações de ação”. Propõe,

também, que não existe competição sadia, pois a competição nega a compreensão do mundo humano, porque nega a consciência social, nega a conversação, e os acordos, gerando a luta e apagando a inteligência. Sempre haverá um perdedor e um vencedor. Sempre haverá a negação da legitimidade do outro.

Ensina com palavras doces e verdadeiras, dizendo que precisamos ensinar aos jovens que “el mundo se comprende sólo si se mira con amor, el trabajo es socialmente valioso sólo si se da desde la comprensión que el mirar con amor genera”. (MATURANA, 2005, p.124).

Como seres humanos nos parecemos, temos as mesmas emoções: amor, paixão, inveja, medo, motivação, inteligência.... o que nos diferencia uns dos outros e nos torna únicos é a forma que vivemos. É no fluir do viver que nos diferenciamos, e como vivemos nesse fluir é sempre responsabilidade nossa, a partir de nossas escolhas. Somos em nossa biologia: nosso pensar, nossas crenças, nossos modos de nos relacionarmos com os outros e conosco, bem como, com o mundo em geral. Mundo que geramos através das relações que estabelecemos.

O autor que está sendo pesquisado, Humberto Maturana, apresenta dois conceitos essenciais para entender os aspectos culturais em que vivemos: Sociedade *Matríztica*¹⁴ e Sociedade Patriarcal. Para melhor entendermos esses conceitos apresento a definição de cultura: “Una cultura es una red de coordinaciones de emociones y acciones en el lenguaje que configura un modo particular de entrelazamiento del actuar y el emocionar de las personas que la viven” (MATURANA, 2005, p.134). Dessa forma quando se modifica as redes de conversações, muda-se a cultura, pois esta é o modo de viver e conviver.

Assim vivemos numa sociedade com uma cultura patriarcal, ou seja, baseada na dominação e apropriação de bens e dos outros. Valorização da luta, da guerra, das hierarquias, do poder e submissão. Valorização da procriação e do controle do outro através da apropriação da verdade. Nesta cultura patriarcal estamos sempre lutando contra a fome, lutamos a favor da paz, sendo esta uma

¹⁴ O termo em espanhol usado pelos autores se escreve com “Z”, a partir da criação da Escuela Matríztica. Vou manter a escrita com “Z” na minha escrita, mas tem livros que já foram traduzidos para o português e Matríztica está com “s”, assim quando for citação direta traduzida será Matrística.

afirmação de guerra, lutamos contra a desnutrição, contra o analfabetismo, e assim por diante...O conhecimento dá poder, dá autoridade, quando mais títulos possuímos, mais poder temos. Desprezamos a sabedoria e simplicidade popular. Desprezamos a natureza. Valoramos apenas o racional e o poder e deixamos de lado o emocional.

O oposto da cultura patriarcal é a cultura *Matríztica*. Baseada no respeito e na colaboração. A mudança de uma cultura patriarcal, para uma *matríztica* é possível através da reflexão e do amor. Estabelecendo novas redes de conversações, onde o outro seja legítimo, rompendo com a apropriação da verdade, cheias de crenças e com as ideologias recheadas de verdades absolutas.

Segundo o autor, de sete a quatro mil anos antes de Cristo, na região cretense pré-micênica, as sociedades eram *matrízticas*, onde as pessoas viviam em grupos pequenos e compartilhavam o alimento, viviam em harmonia com a natureza e, entre eles, não havendo diferença entre homens e mulheres. Os homens participavam da criação das crianças, havia o toque e o carinho e as carícias utilizadas no sexo frontal. Nascemos do amor e quando este nos é privado adoecemos. Em suas palavras,

los seres humanos, en un sentido estricto, surgimos del amor, porque el amor como emoción constituye el dominio de acciones de aceptación recíproca en el que pudo surgir y conservarse el conversar, agregándose, como parte constitutiva del vivir que nos define, al modo de vida de nuestros ancestros homínidos. De allí resulta que como seres humanos somos seres adictos al amor, y dependemos para la armonía biológica de nuestro vivir de la cooperación y la sensualidad, no de la competencia y la lucha. (MATURANA, 2005, p.138)

Nas sociedades patriarcais o amor é visto como algo cósmico, transcendente. Dessa forma, precisamos sempre buscá-lo, idealizando-o. O individual e o social se contrapõem, sempre existe um “eu” pessoal e um “eu” profissional. Em contrapartida, nas sociedades *matrízticas*, o amor é cotidiano, acontece sem esforço, porque faz parte de nossa biologia, não existe busca, ele nos é natural. Não existe conflito entre o social e o individual pelo simples fato de o social nascer do individual, ou seja, o social surge das conversações que constituem o individual. A transformação de uma sociedade *matríztica* para uma

sociedade patriarcal se constituiu quando os homens começaram a ver os lobos que caçavam seus rebanhos como inimigos e começaram a matá-los. “Cuando el excluir al lobo de su alimentación normal deja de ser un acto episódico y passa a ser parte del modo de vida que esa familia o comunidad conserva generación tras generación, surge el pastoreo” (MATURANA, 2005, p.56). Nesse momento, os homens começaram a cercar suas propriedades. Os mais fortes começaram a dominar e a subjugar os mais fracos. Começa a dominação pela força física, ou pelo conhecimento. Acrescentando,

El bien y el mal surgen con el patriarcado, antes no hay bien ni mal. El bien passa a se aquello que está con el patriarcado y el mal, por lo tanto, lo que está contra él. Las religiones centradas en la lucha entre bien y el mal se separan exactamente em esos mismos términos. En las culturas “matrísticas” no hay ni bien ni mal, hay cosas bien hechas y cosas mal hechas, cosas adecuadas y cosas no adecuadas, pertinentes y no pertinentes, pero no se vive en la dicotomía del bien y el mal, no se vive en la culpa, y lo mal hecho es producto de una cegueira que se puede corregir. (MATURANA, 2005, p. 58)

É imperativo salientar que na cultura patriarcal a culpa, se resolve com castigo e com o perdão, em contrapartida, na cultura *matrística*, não é o mal, mas o erro, e ao se ter o conhecimento, não voltamos a cometê-lo.

Paulo Freire, no livro “*El grito manso*” (2009, p.33) diz que “la obligación de profesores y professoras no es caer em el simplismo, porque el simplismo oculta la verdade, sino la de ser simples”. Assim percebo Humberto Maturana. Suas proposições buscam entender o sentido do humano, não com simplismo, mas com simplicidade. Simplicidade no falar, no expor suas ideias. Diz que não deseja convencer ninguém. Apenas deseja continuar fazendo o que está fazendo: refletir sobre o fluir do viver.

2.2. Ximena Dávila Yáñez: mulher com calma de uma brisa de verão e risada contagiante

Quando expandimos nuestra capacidad de escuchar a otros y a nosotros mismos, expandimos nuestra capacidad de vivir nuevos mundos o nuevos domínios sensoriales-operacionales-relacionales.

Más aún, en la medida que nuestro escuchar se expande, no podemos fingir que no hemos escuchado cuando hemos escuchado, perdemos la inocência y podemos comenzar a hacernos preguntas que habíamos desdeñado o que considerábamos preguntas reflexivas prohibidas, como: ¿Em qué mundo quiero habitar, solo o con otros? Ya que es, solamente desde un substrato reflexivo de respetarse y amarse, que podemos respetar y amar nuestros sentires, emociones y haceres, y desde allí elegir – conscientemente -, un vivir que nos lleve al infierno de la continua autodepreciación o al paraíso de la armonía del respeto por sí mismo. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.56)

Escrever sobre a Ximena Dávila nesta Tese tornou-se muito importante, porque depois de ler vários livros de Humberto Maturana, fazer um curso da Escuela Matríztica, assistir vários vídeos-aulas com Humberto Maturana e Ximena Dávila, percebi que seria injusto dizer que esse trabalho é feito a partir de um estudo da obra e proposições somente de Maturana. Não. Ximena, está junto, escreve junto e tem papel fundamental no trabalho de Maturana desde o final dos anos noventa. Maturana, relata que foi Ximena que fez com que ele percebesse que o humano vai muito além de sua biologia. Ximena aproximou Maturana ao mundo real, de vivência e convivência, colaborando para que suas proposições fossem entendidas de forma mais fácil, mais prática, com um linguajar mais acessível ao entendimento de todos. Maturana expressa isso em sua apresentação no Livro “El arbol del vivir” (2016),

En su trabajo, Ximena me mostro que lo que da forma a nuestro vivir y convivir humano es la configuración de nuestros sentires íntimos que constituyen, en cada instante, el fundamento de todo lo que hacemos, y se hacen aparentes en su operar solo si se les permite revelarse a nuestro sentir, ver y escuchar en las distintas dimensiones sensoriales, operacionales, emocionales y relacionales de nuestro conversar y hacer, cuando, movidos por el dolor o por la curiosid, nos detenemos a reflexionar sobre la intimidad de nuestro vivir y convivir. Es, pues, la comprensión de lo que sucede en el Conversar Liberador, como dinámica experiencial reflexiva, lo que nos revela nuestro existir biológico-cultural a la vez que se hace aparente que los seres humanos en la realización de nuestro vivir y convivir no solo somos la base sensorial, operacional y relacional del cosmos que vivimos, sino que somos, a la vez, el fundamento epistemológico de todo conocer. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.14)

O “El arbol del vivir” (2016) é escrito por Humberto Maturana e Ximena Dávila. Ela, Ximena, inicia sua apresentação dizendo que tem sido uma mulher afortunada, pois nasceu como filha do amor e que esta emoção sempre esteve presente na sua criação pelo pai e sua mãe. Demonstra em seus escritos a

profunda admiração que sente por seus pais e a família que eles criaram. Diz que aprendeu com sua mãe o amar como um suceder espontâneo, exemplifica dizendo que,

No se hablaba del amor, simplemente se vivía cada día en cómo ellos se relacionaban. Nunca la escuchá hablar mal de nadie o discutir con mi papá. “El perdón es un regalo que uno se hace a sí mismo – me decía – te libera a ti y a los otros, no hay que tener rabia o enojos en el corazón pues envenenan el alma (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.19)

Aprendeu também com a mãe a generosidade pelos outros e por si mesma. Relata que aprendeu tantas coisas com sua mãe e que se transformou na relação de convivência materno-infantil de cuidado e de amor não falado, mas vivenciado espontaneamente. Com o pai aprendeu a importância da leitura e do escutar e ser escutado. Ximena conta que seu pai lhe escutava sempre. Fazia com que ela percebesse o quanto as opiniões dela eram importantes para ele.

Ximena Dávila Yáñez foi aluna na Pós-Graduação em Epistemologia, na Facultad de Ciencias de la Universidad del Chile, de Humberto Maturana, onde iniciou uma relação de companheirismo, co-inspiração e amizade. Ximena afirmou a seu professor:

- Todo dolor y sufrimiento es de origen cultural.

Humberto Maturana, com seu olhar inquieto, e muito surpreso, pensou e respondeu:

- ¡pero qué interesante!

Desde dia em diante não pararam de produzir juntos. Tornaram-se sócios na *Escuela Matriztica*, fundada no ano 2000. Percebem a biologia-cultural como a dinâmica relacional-operacional do habitar humano. Buscam a compreensão dos fundamentos biológicos-culturais do humano, a partir do entendimento da Matriz Biológica-Cultural da Existência Humana.

Ximena Dávila já trabalhava como consultora em empresas, mas depois de conhecer e conversar com Maturana, desenvolveu um novo olhar sobre seu próprio fazer: o *Conversar Liberador*, que inicialmente chamava de *Conversar Matriztico*, por ser um espaço e momento acolhedor e maternal, sua definição

A mi parecer, su entendimiento tiene derivas en los campos del bienestar, de la salud y la armonía psíquica-corporal del ser humano. Y esto en general en el acompañar a las organizaciones en los procesos de transformación cultural que ellas viven o desean vivir. Además en el mejoramiento de las relaciones humanas en los procesos de ampliación de un conversar colaborativo en la legitimidad de nuestra diversidad cultural al interior o entre estas comunidades. Y este entendimiento es igualmente válido para el ámbito de la educación en lo que se refiere a los procesos de ampliación del entendimiento de lo vivo y lo humano como el fundamento central del quehacer docente. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.21)

O *Matríztico* (com z), quer dizer, segundo Ximena Dávila (2016), gerar um viver e conviver no amar, gerando o bem-estar do mútuo respeito, da honestidade, da colaboração, da equidade, da ética social, da reflexão, da conversação, democrático e acolhedor. Ximena, explica que

Matríztica es una escuela de pensamiento al sur del mundo, donde lo que hacemos es biología cultural. Tenemos três áreas fundamentales: formación, organizacional y del conocimiento, que es la arista académica, que esta a cargo de la publicación de artículos, nuevos o recopilados, dado que uno de nuestros propósitos es realizar una serie donde vaya todo el trabajo que há realizado Humberto y el que hemos efectuado en conjunto, como un acervo de lo que es el entendimiento y la biología cultural. (REVISTA PÁGINA V, Sustentabilidad e desarrollo humano¹⁵, p.23, 2019)

Ler os escritos de Ximena Dávila, significou muito para mim. Pesquisa há muito tempo sobre o processo de adoecimento laboral, e nela consegui esclarecer várias questões decorrente desse processo levando um indivíduo a adoecer, uma das afirmações feita por ela, diz que

Entender que cada persona opina siempre desde sus propias expectativas, y que una nunca puede satisfacer las expectativas propias y menos las de otros, resulta libertador y me centra en mis propios deseos, no en un sentir egoísta, sino que en un sentir de plena integridade conmigo misma, que es el único lugar desde donde el respetarme, el a amarme, el aceptarme surgen espontáneos. Y desde ese lugar yo puedo, en cualquier circunstancia, encontrar la salida consciente hacia el bien-estar o hacia el mal-estar. Somos, indudablemente, los generadores de los mundos que vivimos. (DÁVILA in, MATURANA, DÁVILA, 2016, p.25)

Somos responsáveis pelo nosso bem-estar ou nosso mal-estar. Entender isso dói, mas ao mesmo tempo liberta. Se sou responsável, posso mudar e transformar minhas escolhas e criar outro mundo para mim e para as pessoas

¹⁵ <http://www.paginav.cl/revista/4/20/> acessado em 27/05/2019

de minhas relações íntimas. Eu, somente eu, posso gerar um novo mundo na harmonia e bem-estar para mim mesma. Nas palavras da autora

¿Cómo se puede cambiar?, transformando la cultura y ¿cómo se transforma la cultura / transformando el lenguaje y ¿ cómo se transforma el lenguaje/, teniendo um entendimento de qué es el lenguaje, cómo surge, y desde ahí, cómo surge el ser humano. (REVISTA PÁGINA V, Sustentabilidad e desarrollo humano, p.23, 2019)

Mulher forte e determinada que demonstra em suas falas muita sensibilidade em perceber e olhar o outro como legítimo outro. Diz que seu ofício e paixão é conversar, e o faz com muito carinho e comprava isso quando diz: “Vivo el conversar como un arte, que me gusta llamar: el arte de danzar juntos”. (Ibidem, p. 24). Conhecendo um pouco mais dessa mulher que fez e faz a diferença na vida do Doutor Humberto Maturana, continuamos dançando juntos na escrita dessa Tese/Degustação.

2.3. Nossa origem: Homo sapiens amans amans

Nosotros somos el presente de las transformaciones de nuestro convivir en el curso de esa deriva evolutiva en la que el vivir conscientes de lo que hacemos es el fundamento de nuestra existencia humana. Los seres humanos podemos decir que escogemos hacer lo que queremos hacer y que escogemos no hacer lo que no queremos hacer, según la configuración de sentires íntimos que vivimos en las redes de conversaciones en que hacemos lo que hacemos. (...) Sin embargo, em general, no nos damos cuenta de que siempre hacemos lo que queremos hacer aun cuando decimos que no queremos hacer lo que hacemos y, frecuentemente, tampoco nos damos cuenta de que cuando actuamos en el esfuerzo estamos haciendo lo que no queremos hacer porque queremos conservar algo que no queremos perder. ((MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 87)

Siempre que observamos una conducta humana que lleva a que outro humano adquiera presencia como un legítimo outro en coexistencia con éste, lo que vemos es amor. Y siempre que uno se conduce de una manera que genera esta legítima presencia del outro, uno estará abierto y percibirá todo sin rechazarlo con juicio prematuro. Sea lo que sea. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p. 136)

Na primeira epígrafe os autores dizem que sempre somos responsáveis por nossas escolhas, mesmo quando dizemos que não queremos, estamos

fazendo uma escolha. Se fizermos uma análise rápido de nossa história veremos que essa afirmação é algo realmente inovador. Culturalmente temos, a necessidade de culpabilizar o outro por nossos infortúnios e a seres transcendente as nossas vitórias. Na Idade Média, o demônio, sempre através do sexo feminino era o culpado por doenças, má colheita, vacas com pouco ou muito leite e assim vai... ainda hoje, culpamos filhos, maridos/esposas pela falta de tempo para investir na carreira, o patrão por não realizar um trabalho de qualidade... Sempre é o outro. Precisamos refletir e entender como isso aconteceu? Por que nossa sociedade se organiza dessa forma hierárquica e competitiva? Vou responder a partir da história do *homo sapiens-amans amans*.

No curso de História aprendemos sobre a Evolução que deu origem ao *Homo sapiens sapiens*, mas nunca parei para pensar em como a sociedade se organizou dessa forma. Como a competição tornou-se parte de nossa vida. Há competição desde o nascimento. Crianças competindo, impelidas pelos adultos. Casais competindo. Filhos e pais competindo. Sem falar no mercado de trabalho que virou norma ser o melhor, produzir mais, sem pensar nos custos disso. A competição normatizada em nossa cultura, não é algo saudável, porque quando competimos, anulamos o outro e assim não há amor. Só existe amor, se houver a percepção do outro em sua legitimidade, como a segunda epígrafe afirma.

Também não havia pensado em como o homem passou a se sobrepor a mulher nas relações e no mercado de trabalho. Quando isso começou e se normatizou, virando a regra? Será que sempre foi assim? É imperativo buscar estas respostas para se entender a proposta do Educar no Caminho do Amar, ou Caminho do Tao, dessa forma retornarei os conceitos de Patriarcado/Matriarcado e de *Matríztica*, para se chegar ao *homo sapiens-amans amans* que nos deu origem.

Em 1484 dois Padres Inquisidores, Heinrich Kramer e James Sprenger, escreveram um manual para facilitar o trabalho dos demais inquisidores, o "*Malleus Maleficarum*", nome original, "O martelo das feiticeiras" em publicações mais recentes. Neste manual é apresentado com minúcias as fases para se combater o mal que agia através do feminino. O diabo sempre usava a mulher, transformando-a em uma feiticeira, ou bruxa, para alcançar seus propósitos maléficos. Com essa influência ela tinha poderes para manipular os elementos

da natureza, plantas, animais e podiam interferir na saúde de outras pessoas, tanto para curar, quanto para matar. No livro apresenta-se todas as formas de se combater o mal, ou seja, a mulher, que era consideravelmente mais fraca tanto física como intelectualmente do que o homem. No capítulo denominado “Dos remédios prescritos pela Santa Igreja contra os Íncubos e Súcubos”, onde Kramer e Sprenger declaram: “(...) embora não pareça que os homens fornicem assim diabolicamente com o mesmo grau de culpabilidade; porque sendo intelectualmente mais forte que as mulheres, são mais capazes de abominar tais atos”. (KRAMER; SPRENGER, 1484, p. 322). No manual é demonstrado que o homem também pode ser influenciado, ou até mesmo possuído pelo demônio, mas por pedido de bruxas. A mulher é a porta de entrada dos demônios e sempre a culpada da maldade. Este Manual Oficial da Inquisição levou à morte mais de 100 mil mulheres. Após sofrerem torturas inimagináveis eram queimadas vivas, para terem suas almas purificadas.

Na introdução do livro “O Martelo das Feiticeiras (*Malleus Maleficarum*)”, a intelectual carioca Rose Marie Muraro (2004), apresenta um breve olhar histórico sobre a mulher e a vida numa sociedade *matríztica*. Ela afirma que

Segundo a maioria dos antropólogos, o ser humano habita este planeta há mais de dois milhões de anos. Mais de três quartos deste tempo a nossa espécie passou nas culturas de coleta e caça aos pequenos animais. Nessas sociedades não havia necessidade de força física para a sobrevivência, e nelas as mulheres possuíam um lugar central (...). Nesses grupos, o princípio masculino e o feminino governam o mundo juntos. Havia divisão de trabalho entre os sexos, mas não havia desigualdade. A vida corria mansa e paradisíaca. (MURARO, 2004, p. 05)

Percebemos que as sociedades nos seus primórdios não se organizavam a partir da segregação dos gêneros. A mulher era considerada sagrada, pois era o único ser que mesmo sangrando mensalmente não morria e possuía a capacidade divina de gerar uma vida. Muraro explica que mesmo a mulher tendo esse “poder”, não havia a submissão masculina, diferente das sociedades matriarcais/patriarcais, onde sempre o “chefe” oprimia o outro, ela complementa

Ao contrário da mulher, que possuía o “poder biológico”, o homem foi desenvolvendo o “poder cultural” à medida que a tecnologia foi avançando. Enquanto as sociedades eram de coleta, as mulheres mantinham uma espécie de poder, mas diferente das culturas patriarcais. Essas culturas primitivas tinham de ser cooperativas, para poder sobreviver em condições hostis, e, portanto, não havia coerção

ou centralização, mas o rodízio de lideranças, e as relações entre homens e mulheres eram mais fluidas do que viriam a ser nas futuras sociedades patriarcais. (MURARO, 2004, p. 06)

Riane Eisler (2001), escritora, socióloga, advogada e ativista social austríaca, que conseguiu fugir do nazismo com sua família para Cuba e posteriormente para os Estados Unidos onde reside até hoje, corrobora com essa ideia dizendo que

Assim como na época de Colombo a descoberta de que a Terra não era plana possibilitou encontrar um novo mundo surpreendente que ali estivera durante todo aquele tempo, estas descobertas arqueológicas — oriundas do que o arqueólogo britânico James Mellaart denomina uma verdadeira revolução arqueológica — revelam o mundo surpreendente de nosso passado oculto. Elas mostram um longo período de paz e prosperidade enquanto prosseguia nossa evolução social, tecnológica e cultural: muitos milhares de anos em que todas as tecnologias básicas sobre as quais a civilização foi construída se desenvolveram em sociedades que não eram dominadas pelo homem, nem violentas ou hierárquicas. (EISLER, 2001, p.10)

Nessas sociedades primitivas não havia a competição, mas a colaboração. O trabalho era feito em conjunto, assim como a organização da vida diária. Não havia domínio do mais forte sob o mais fraco e não havia a propriedade privada. Rose Marie Muraro diz que as sociedades passaram de matricêntricas para patriarcais no momento que os grupos deixaram de ser nômades e passaram a ser sedentários, quando começaram o cercamento das propriedades. O homem descobriu seu papel na reprodução. A partir desse momento, vale a lei do mais forte. E começam junto com o patriarcado as guerras por terras e poder. “Nos grupos matricêntricos, as formas de associação entre homens e mulheres não incluíam nem a transmissão do poder nem a da herança, por isso a liberdade em termos sexuais era maior. Por outro lado, quase não existia guerra, pois não havia pressão populacional pela conquista de novos territórios” (MURARO, 2004, p. 06). A sociedade era organizada de forma harmônica e sem hierarquia.

A arqueóloga Marija Gimbutas afirma que a agricultura começou a mais ou menos 9 a 8 mil anos atrás, na Velha Europa, no Neolítico indo-europeu. Em suas pesquisas a partir de artefatos ela relata que

El arte inherente a la Diosa, con su sorprendente ausencia de imágenes de guerra y dominación masculina, refleja un orden social en el que las mujeres, como jefes de clanes o sacerdotisas-reinas, desempeñaban un papel central. La Vieja Europa y Anatolia, así como la Creta minoica eran una “gylanía”. Este sistema social equilibrado, ni patriarcal ni matriarcal, queda reflejado en la religión, mitología y folklore que se derivan de los estudios de la estructura social correspondiente a las culturas minoicas y la Vieja Europa, y se corrobora por la continuidad de los elementos en un sistema matrilineal, como el de la Grecia Antigua, Etruria, Roma, El País Vasco y otros países de Europa. (GIMBUTAS, 1996, p.29)

Gimbutas relata em seus escritos que as civilizações indo europeias viviam em pleno desenvolvimento, mas de forma tranquila, sem guerras dentro de um sistema *matríztico*. Quando a cultura patriarcal suplantou a cultura *matríztica*, deu origem a um novo sistema social, os *Kurgan* (origem russa), nome dado pela autora unindo os estudos em arqueologia e linguística feitos por ela, em suas palavras

Mientras las culturas europeas continuaban una existencia pacífica y alcanzaban niveles de auténtico florecimiento y sofisticación en el arte y la arquitectura durante el quinto milénio a. C., en la cuenca del Volga, al S. Rusia, surgía una cultura neolítica muy diferente, con el caballo domesticado y armas letales, lo que después de mediados del quinto milénio, aparece incluso al O. del Mar Negro. Esta nuevas fuerza cambió inevitablemente el curso de la Prehistoria europea. Yo la denomino la cultura “Kurgan” (*kurgan* significa túmulo), porque, en ella, los muertos eran enterrados bajo túmulos circulares que cubrían las construcciones funerárias de los varones importantes. (GIMBUTAS, 1996, p.29)

Com o aparecimento dos *Kurgan* é visível que a organização social mudou, dando início ao patriarcado. A hierarquia passou a ser fundamental, onde uns por descendência, ou pelo o uso da força detinha o poder sobre os outros e a mulher passou a ser propriedade do homem e totalmente submissa a ele. Riane Esler (2001) acrescenta afirmando que

Um dos resultados do reexame da sociedade humana a partir de uma perspectiva holística tem sido a nova teoria da evolução cultural. Esta teoria, a qual denominei teoria da transformação cultural, propõe que, subjacente à grande diversidade superficial da cultura humana, há dois modelos básicos de sociedade. O primeiro, que eu denominaria modelo *dominador*, é popularmente chamado patriarcado ou matriarcado – a *supremacia* de uma metade da humanidade sobre a outra. O segundo, no qual as relações sociais se baseiam primordialmente no princípio de *união* em vez da supremacia, pode ser

melhor descrito como modelo de *parceria*. Neste modelo – a começar pela mais fundamental diferença em nossas espécies, entre macho e fêmea — a diversidade não é equiparada à inferioridade ou à superioridade (EISLER, 2001, p. 11)

As palavras patriarcado e matriarcado possuem o mesmo sentido de dominação, palavras de origem grega, *mater* (mãe), *pater* (pai) mais *archein* (reinar, dominar). Assim o contrário de patriarcal, não é matriarcal, pois as duas formas, a base é a supremacia de um gênero sob o outro. Uma forma de organização social e cultural diferente disso é uma sociedade *matríztica*, proveniente de matriz geradora, materno. Em uma sociedade *matríztica*, a organização acontece em forma de colaboração, não há hierarquias, disputas de poder e competições. Juntos, homens e mulheres trabalham e vivem em equilíbrio e harmonia. Infelizmente, a sociedade que vivemos a organização social é baseada na violência, na subjugação e submissão. Vivemos ainda no patriarcado/matriarcado. Maturana e Verden-Zöllner (2004), apresentam um modo de voltarmos a um estilo de vida onde a base seja a colaboração, onde não há o conflito de gênero e muito menos a competição entre homem e mulher, os autores declaram que

O patriarcado é um modo de viver um espaço psíquico. Se quisermos recuperar a igualdade colaborativa da relação homem-mulher da vida matrística, temos de gerar um espaço psíquico neomatrístico. Nele as pessoas de ambos os sexos devem surgir na qualidade de colaboradores iguais no viver de fato, sem esforço, como simples resultado de seu crescimento como crianças em tal espaço, no qual as diferenças de sexo são apenas o que são. Para que isso aconteça, devemos viver à maneira dos homens e mulheres que vivem como colaboradores iguais, por meio de uma co-inspiração na qual homens e mulheres, mulheres e homens, co-participam da criação de uma convivência mutuamente acolhedora e libertadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.24)

Percebemos que as malezas de nossa sociedade não são de gênero, raça, poder aquisitivo, escolaridade. A situação está assim, porque a base está alicerçada na competição e na lei do mais forte, independente de gênero. Riane Eisler explica que

O problema subjacente não são os homens enquanto sexo. A raiz do problema está no sistema social em que o poder da espada é idealizado — em que homens e mulheres são ensinados a relacionar a verdadeira masculinidade com a violência e a dominação, e a ver os

homens que não combinam com este ideal como "demasiado indulgentes" ou "afeminados". (EISLER, 2001, p.12)

O patriarcado/matriarcado influencia inclusive nas emoções e sentimentos que “podem” ser sentidos, como exemplo a frase diga por muitos: “Homem não chora”, ou “isso é coisa de mulherzinha”, “isso não é trabalho para mulher” e muitas outras expressões que comprovam a influência cultural em nosso sentir. Realmente o problema não é de ser homem, ou de ser mulher. O problema está na base cultural de nossa sociedade.

Esler (2001) diz que podemos superar as questões do patriarcado/matriarcado, vivendo em um modelo de parceria. Trocando o conflito gerado pela disputa, por algo bem mais equilibrado e leve, como o pensar e construir juntos, como parceiros, e que

Utilizando os modelos de dominação e parceria na organização social para análise tanto de nosso passado como de nosso futuro potencial, podemos também começar a transcender as polaridades convencionais entre direita e esquerda, capitalismo e comunismo, religião e secularismo, e mesmo entre masculinismo e feminismo. O quadro mais amplo que emerge daí indica que todos os movimentos modernos pós-Iluminismo em prol da justiça social, fossem eles religiosos ou seculares, assim como os movimentos mais recentes, feministas, pacifistas e ecológicos, são parte de uma tendência subjacente à transformação do sistema de dominação em um modelo de parceria. Além disso, em nossa época de tecnologias de poder sem precedentes, estes movimentos podem ser vistos como parte do impulso evolucionista de nossa espécie rumo à sobrevivência. (EISLER, 2001, p. 13)

Na cultura Patriarcal/Matriarcal a parceria e a colaboração não acontecem naturalmente. É forçado, deixando de ser uma parceria, tornando-se um contrato. Sempre tem o chefe, o líder, o patrão; O que é normal é a competição, a hierarquia, a desconfiança e a luta. Sempre necessitamos lutar contra a fome, lutar contra o analfabetismo, lutar contra a poluição e assim por diante. Sempre existe a luta. O viver acaba não sendo visto como um fluir harmônico, o equilíbrio é quase inexistente. Maturana e Verden-Zöllner (2004) afirmam que “em nossa cultura patriarcal, vivemos na desconfiança e buscamos certezas em relação ao controle do mundo natural, dos outros seres humanos e de nós mesmos. Falamos continuamente em controlar nossa conduta e

emoções” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 37). Neste sistema de cobrança, não é permitido errar, mudar de opinião. As certezas absolutas são vendidas como obras primas. Matamos por ideais e verdades. Precisamos buscar em nós a nossa origem de *homo sapiens-amans amans*.

Humberto Maturana e Ximena Dávila criaram o termo *Homo sapiens-amans amans* (2004, 2009, 2011, 2016), para explicar nossa espécie zoológica nascida e guiada pelo amor. Entendendo o amor como fundamento biológico do social. Os autores explicam que o

Homo sapiens-amans amans como identidad a la vez zoológica y psíquica. El guión (-) em *sapiens-amans* hace referencia a que la emoción que funda lo humano es el amar. *Sapiens*, en la denominación zoológica, hace referencia a lo propio de lo humano que sería el lenguaje, y *amans* lo agregamos nosotros para referirnos al ámbito emocional que lo hace posible. El segundo *amans* hace referencia a que el amar es todavía central em nuestra identidad *Homo sapiens-amans amans* actual prevaleciente, y aparece como nuestro vivir e convivir biológico-cultural fundamental en el presente histórico que vivimos. Si hablamos de *ethicus* asociado al segundo *amans* estamos diciendo que lo amoroso es orientado por lo ético como identidad relacional porque en este momento histórico lo ético está pasando a ser el ámbito reflexivo fundamental que ocupa nuestro presente cultural. En zoología *sapiens-amans* haveria referencia a cómo queremos llamar a la especie, y el segundo *amans* a lo que queremos evocar como referente evolutivo cultural aún presente. Estas distintas denominaciones, al igual que cuando hablamos de *arrogans* o de *agressans*, corresponden a linajes culturales psíquicas que aparecen o han aparecido en el devenir histórico humano, de modo que cada una de ellas es oportuna según de qué estemos hablando. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.546)

Humberto Maturana e Ximena Dávila escrevem que a identidade de *Homo sapiens-amans amans* se conserva, se as nossas relações estabelecidas na linguagem e no conversar em nosso viver-conviver, forem pautadas na legitimidade, respeito, honestidade, colaboração e co-inspiração com os outros e conosco. Na escrita dos autores

En el curso de la deriva evolutiva natural de nuestro linaje, el lenguajear, el conversar y el reflexionar se incorporon en la dinámica de generación de mundos en su conservación entrelazada con el placer de distinguir y describir los elementos del vivir cotidiano, que ya eran parte de al historia original del linaje básico de los primates bípades antecessores nuestros antes del surgimento de lo humano (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 440)

Dessa forma nosso ser biológico e cultural pode conservar e agir como *Homo sapiens-amans amans*, se a emoção que o guia for o amor. Ser como *Homo sapien-amans agressans*, onde a emoção que norteia este ser é a agressão, opressão e submissão do outro, segundo os autores

Linhagem humana em que a emoção fundamental que guia o conviver é a agressão e que se conserva no devir cultural em redes de conversações definidas desde a psique da dominação, da subjugação, do servilismo, da apropriação e da discriminação. Este tipo de linhagem biológico-cultural surge e se conserva sob a forma de civilizações imperiais e escravistas que em seu operar negador do amar levam, cedo ou tarde, à sua própria destruição. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.40)

O *Homo sapiens-amans arrogans*, também como identidade biológica-cultural pode levar a extinção e destruição do humano. Esta linhagem a emoção fundamental do viver e conviver é a arrogância e verdades absolutas “definidas desde a psique da vaidade, na onipotência e na discriminação” (Ibidem, ibidem). Para os autores a única linhagem que fez e faz possível a permanência da vida e do viver e conviver na antroposfera¹⁶ é o *Homo sapiens-amans amans*, porque seu fazer biológico-cultural é gerado pela emoção do amar. Quando existe uma harmonização do viver e conviver na antroposfera e na biosfera, na emoção ética podemos conservar o *Homo sapiens-amans amans-ethicus*.

Na dinâmica evolutiva uma nova linhagem surge quando acontece uma mudança da forma de viver e conviver desse organismo e essa mudança se conserva nas gerações seguintes. O que forma uma linhagem e seu vir a ser evolutivo é seu modo de viver e conviver. A manutenção dos sentires e fazeres éticos, literários, filosóficos, místicos, científicos, tecnológicos, étnicos, culturais e estéticos do organismo-nicho no viver e conviver. Para Maturana e Dávila, os seres humanos atuais são

el presente de una historia de generación y diversificación de linajes por deriva natural¹⁷ en la conservación, por reproducción sistémica, de mundos psíquicos recursivos como ámbitos relacionales y

¹⁶ Humberto Maturana e Ximena Dávila definem a Antroposfera “o âmbito de coerências ecológicas onde se realiza e conserva o humano, que surge com o viver humano como um modo humano de estar inserido na biosfera e ser parte dela. Tudo o que constitui nosso viver humano (desde nosso operar biológico natural até as maiores fantasias de nossos artifícios criativos) é parte da antroposfera e, como tal é parte da biosfera, assim como o é o modo de viver de qualquer ser vivo”. (2009, p.19)

¹⁷ Evolução por deriva natural: processo de ramificação e conservação de linhagens, ou seja, Evolução é a deriva natural na conservação de modos de viver, e Seleção Natural é o resultado da sobrevivência diferencial na deriva natural. (MATURANA, DÁVILA, 2016)

operacionais, em um processo a la vez de conservação y de transformación del modo *Homo sapiens-amans amans* de vivir y habitar biológico-cultural de la unidad ecológica organismo-nicho que generamos e integramos en nuestro vivir-convivir. En este devenir evolutivo, los câmbios que se han conservado en la transformación biológica-cultural de nuestro vivir-convivir humano y que han dado forma al curso de la deriva de nuestro linaje en lo anatómico, lo fisiológico y lo psíquico, tienen que ver con nuestro vivir en redes de conversaciones teniendo al amar como el gran fundamento sensorial, operacional, y relacional que hace posible, contiene e integra, esa transformación. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.440)

Os autores propõem que a deriva natural da nossa linhagem humana ocorre num processo de transformação do nosso sentir e nas relações íntimas no viver-conviver. Suas mudanças e transformações no viver cotidiano dos seres humanos, momento a momento fazem parte das *eras psíquicas*¹⁸ que serão apresentadas a seguir. É salutar entender o que significa o termo psíquico para os autores,

El sentido que la palabra psiquis tiene para nosotros, modulando lo que se entiende em filosofía y ciencia, refiere a la naturaliza abstracta de procesos relacionales íntimos que no se pueden describir y cuya presencia se evoca con imágenes poéticas. Esta palabra evoca para nosotros una distinción diferente de lo mental que es traído a la mano como la arquitectura dinámica relacional de la identidad individual-social de un ser humano o ser vivo. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.546)

Segundo Maturana e Dávila (2009), são seis eras psíquicas: *Arcaica; Matrística; Apoderamento; Moderna; Pós-moderna; Pós-pós-moderna*. Irei apresentar cada uma delas, porque acredito na importância de conhecê-las para entender melhor no viver e conviver cotidiano, entendendo nosso fazer, para entender nosso ser gente.

A *Era Psíquica Arcaica* surge a uns três milhões de anos, com o surgimento da família ancestral. O amar é a emoção que estabelece as relações, tornando possível o *bem-estar psíquico-corporal-relacional*, surgindo o *linguagear*, entrelaçando as coordenações de coordenações de fazeres com as

¹⁸ Os autores, Humberto Maturana e Ximena Dávila apresentaram inicialmente a ideia das Eras Psíquicas no Livro *Habitar Humano-seis ensaios de Biologia-Cultural*, lançado no Brasil em 2009. As *eras psíquicas* são as “configurações do *emocionar* do viver cotidiano que, segundo nosso parecer, caracterizam distintos momentos da história humana, assim como distintos espaços psíquicos ou distintos modos de habitar em que aconteceram e a partir dos quais aconteceram todas as dimensões do conviver relacional” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 30).

emoções, surgindo o conversar. Esta linhagem deu origem ao *Homo sapiens-amans amans*, pois seu conviver cotidiano tinha como base a emoção do amar, no conversar e fazer as coisas juntos na cooperação.

Era Psíquica Matrística consiste no viver e conviver no prazer do bem-estar sem precisar justificativas. Surge na espontaneidade do viver no amar. Acaba esta forma de viver quando surge a desconfiança no mundo natural e a invenção de teorias que procuram controlá-lo. “As culturas matrísticas estão centradas na visão materna do cosmos como aquele que acolhe, contém e nutre dando e tirando na renovação cíclica do existir” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 35)

O amar é a base da co-inspiração e do bem-estar. Para o amar não existe esforço, ele é natural, “como o fluir da água, que em seu fluir não é o resultado de um esforço por parte da água, mas, antes, sua condição natural. Conhecimento do divino nos mundos que se vivem” (Ibidem, ibidem). Na explicação dos autores

Sem dúvida, este *bem-estar psíquico-corporal* que surge de maneira espontânea não surge da reflexão, e sim de um modo de viver e conviver em coerências com o mundo natural. O Sol, a Lua, as estrelas surgem naturalmente brilhantes, o céu aparece distante e a terra nos regala seus frutos de maneira espontânea. Porventura o Sol, a Lua, as estrelas, o céu e a terra fazem algum esforço por cultivar estes atributos?

O viver e o conviver desta forma é um constante fluir acolhedor, espontâneo e leve. A agressão e a submissão não fazem parte da rotina diária. A co-inspiração e colaboração é rotineira e cotidiana.

Quando se quebra essa relação de confiança e o amar deixa de ser o centro do viver e conviver começamos a *Era Psíquica do Apoderamento*, que consiste na valorização da verdade e da autoridade. O sentimento de prazer ao poder controlar o outro através da força, da persuasão, opressão e medo à dor.

Esta era surge na perda da confiança nas coerências espontâneas do mundo natural em que se vive e na expansão do desejo de controle e apoderamento de tudo. E, com o apoderamento, vão aparecendo modos de conviver que se nutrem e sustentam na apropriação da alma de outros e na justificação racional da discriminação desde as quais se mantem culturas centradas em relações de dominação, subjugação,

hierarquia e na negação de si mesmo e do outro, próprias da relação de autoridade e obediência. (Ibidem, p.39)

A *Era do Apoderamento* é guiada pela emoção do desejo de poder, buscando o domínio das coisas naturais. O viver e conviver deixa de ser um constante fluir espontâneo e passa a ser através da manipulação e da argumentação racional para poder melhor operar no mundo negando a emoção do amar. Nesta era surge as variações do *Homo sapiens-amans*, conforme a emoção que guia estes seres, podendo assim tornar-se o *Homo sapiens-amans agressans*, onde a emoção fundante é da agressão, violência, subjugação e discriminação. E o *homo sapiens-amans arrogans*, onde a emoção que é sua base é o da vaidade, discriminação e onipotência.

A *Era Psíquica Moderna*, tem como emoção fundante a necessidade de obediência dos outros sob o exercício do poder. Acreditam que só é possível conhecer a realidade a partir do desenvolvimento das ciências e da tecnologia e que é possível se apropriar do mundo natural e dominá-lo e acabam dominando esses recursos.

Nesta era o saber é utilizado como forma de supremacia e poder sobre quem não sabe. Existe uma única verdade, e quem a possui domina os outros. Os autores dizem que

Confiança em que podemos conhecer direta e/ou indiretamente o *em si* dos mundos que vivemos, e confiança em que o conhecimento do mundo ou dos mundos que vivemos dará validade universal a nossos argumentos e afirmações cognitivas, afixando nosso poder sobre eles. Confiança em que o conhecimento da realidade e, portanto, a ciência, e, com ela, a tecnologia gerarão bem-estar na humanidade por meio da autoridade da razão. E é desde essa confiança que se inventam teorias filosóficas que justificam a conservação política de linhagens biológico-culturais do tipo *Homo sapiens-amans arrogans* e *Homo sapiens-amans agressans*, crendo, além do mais, que é possível saber desde a razão o que é bom para outro, o que, por sua vez, justifica a imposição desse saber. (Ibidem, p.41)

O viver e conviver passa a ser uma disputa de poder. A compreensão, co-inspiração e colaboração não são mais o centro da convivência, e sim o ter a razão, possuir a verdade absoluta e incontestável. Quem detém o conhecimento tem o poder e a obediência de quem não tem.

Na *Era Psíquica Pós-Moderna* acontece a confiança no saber que se sabe o que se crê que se sabe. Cegueira e onipotência na crença do saber absoluto, fanatismo e alienações ideológicas. Progresso a qualquer custo, Manipulação, desonestidade e irresponsabilidade fazem parte do processo. Maturana e Ximena dizem que a

dominação cultural da ciência e da tecnologia: momento em nosso devir histórico em que nós, seres humanos, sabemos que podemos fazer tudo o que imaginamos se operarmos com as coerências operacionais do domínio em que imaginamos. Pedimos aos nossos cientistas, tecnólogos, empresários, políticos etc. que sejam como deuses onipotentes, em sua capacidade de fazer, numa atitude em que corremos o risco de que nós, os outros seres humanos, passemos a ser meros instrumentos para a realização de tais propósitos. (Ibidem, p. 43)

O respeito pelo outro e por si mesmo não é a base da convivência. A co- Inspiração e colaboração também não são considerados importantes. O que importa é o contrato que é feito. A liderança é supervalorizada. O líder deve ser seguido e obedecido. Nesta era a dor e o sofrimento pela negação do amar é algo comum, “contudo, a dor e o sofrimento que geram a contínua negação do humano não eliminam de todo o fundo amoroso de nossa condição de *Homo sapiens-amans amans* que faz possível soltar as certezas como o primeiro passo rumo à reflexão sobre o próprio viver, caminho que leva à mudança de era que recupera o respeito por si mesmo. (Ibidem, p. 44)

A grande oportunidade de mudança surge na *Era Pós-Pós-Moderna*. Momento de reflexão e da ação consciente e ética. Buscamos soltar as certezas e verdades absolutas, abrindo a consciência das cegueiras que nossas alienações cognitivas geraram. Os autores dizem que se

formos responsáveis em nosso reflexionar, veremos que todas as alienações cognitivas, sejam elas ideológicas, tecnológicas, religiosas, filosóficas, políticas ou perseguidoras do controle, da eficiência, da ambição e da aspiração ao poder, geram mal-estar, dor e sofrimento em todas as dimensões do conviver, porque nelas as pessoas, os seres vivos em geral, pouco a pouco desaparecem nas sombras tirânicas das cegueiras de seu raciocinar desde a onipotência. (Ibidem, 45)

Essa era surge quando percebemos que somos nós os responsáveis pelo nosso viver e conviver no mal-estar, gerado pela competição, opressão e

negação do amar, mas que também somos nós os responsáveis por viver e conviver na emoção do amar, na cooperação e co-inspiração. Esse refletir ético, leva surgimento de uma nova linhagem denominada *Homo sapiens-amans amans-ethicus*, a partir da pergunta: como estamos fazendo o que fazemos? Poderemos chegar a uma análise de nós mesmos e dessa forma mudar o nosso fazer. Nosso ser é inacessível, mas podemos mudar o nosso fazer e dessa forma mudar a realidade. As crianças que convivem conosco agirão conforme nós agimos, através de nossos fazeres. Estas crianças também serão adultas que farão a diferença. E só dessa forma que se pode mudar uma cultura. Agindo diferente e refletindo sobre o nosso fazer cotidiano. Na escrita dos autores

Este resurgimiento solo puede suceder desde la ampliación de nuestra consciencia de que somos nosotros mismos quienes generamos los dolores y los sufrimientos que vivimos desde el apego a la ceguera de la omnipotencia humana, tanto como del bien-estar de la alegría, la sabiduría, la espiritualidad y la belleza de vivir en la honestidad y el respeto por nosotros mismos. Y este resurgimiento solo ocurrirá si convivimos y actuamos desde la consciencia de que, solo si nosotros lo queremos, podremos vivir-convivir en la continua generación de la armonía de la antropósfera y de la biosfera como un actuar intencional humano. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.450)

Podemos acabar com o a cegueira sobre si mesmo somente se pararmos de achar que a responsabilidade é do outro. Quando percebemos que nós somos responsáveis o olhar se expande e começamos a mudar nosso fazer, voltamos a ser guiados pelo existir-habitar humano no amar. Com essa reflexão, gera a ampliação da consciência, reencontramos nossa origem que é de um ser amoroso. Voltamos a origem do ser *Homo sapiens-amans amans*, evoluindo para a linhagem de *Homo sapiens-amans amans-ethicus*. Dessa forma poderemos viver e conviver no mútuo respeito, fazendo da vida uma obra de arte, construída na co-inspiração e colaboração, assim, criando um conviver democrático e generoso.

2.4. O emocional e a Biologia do Amar

La vida es corta. Todo el amor que podamos derramar alguna vez, cuando dejemos de protegernos a nosotros mismos, no será para

nuestro propio bienestar, sino para el prójimo. Entonces nuestra vida habrá valido la pena. (GUTMAN, 2016, p.23)

(...)
*Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir*
(...)
(Luiz Santos / Luiz Mauricio Pragana Dos Santos, 1982)

O tempo passa, o tempo voa e se caso não nos permitirmos ser felizes, não conseguiremos fazer as pessoas que convivem conosco também felizes. A felicidade de que falo só é possível se for consequência do viver no amar. Se desrespeito o outro, oprimo, exploro, faço ações que diminuem o outro, não posso encontrar o bem-estar gerado pela felicidade. Viver vale a pena, quando vejo e percebo o outro e a mim mesmo como um ser legítimo. Isso é amar a si mesmo e amar ao outro.

Não conseguimos fazer de conta que se vive, que se ama, que se respeita. Ou estamos numa emoção ou não estamos, escreve Humberto Maturana (2014). Ele descreve a emoção como uma dinâmica corporal que se vive como um domínio de ações, ou seja: ou se está numa emoção ou não se está. As emoções são ações que fazemos. Elas são vividas e não expressadas. É comum confundir emoção com sentimentos. Sentimentos correspondem às distinções reflexivas ao observar nossas emoções. Ao trocarmos a emoção, mudamos a ação. Assim, não existe ato racional que não tenha uma emoção que a funde. Para ser diferente teríamos que ser um ser fragmentado. E não o somos. Somos um ser único, não dual. As situações não acontecem no cérebro, ou na psique. Elas acontecem nas relações com os outros, ou nas circunstâncias, mediadas pela linguagem. Psíquico, mental, espiritual são formas que o ser vivo tem de viver sua dinâmica relacional, não estão em nossa corporeidade, embora a afete. Qualquer que seja o espaço psíquico que tenhamos vivido, sempre poderemos mudá-lo através da reflexão que fazemos no presente. Nas palavras de Maturana:

Somos humanos en el vivir humano, y ese vivir humano es lo que distinguimos en la vida cotidiana al hablar de lo psíquico. Al mismo

tempo somos humanos en la realización relacional de nuestra corporalidad. *Homo sapiens sapiens*, y nuestra corporalidad cambia su realización según el fluir de nuestro ser humano. Al mirarnos en la reflexión nos vemos en la dualidad mente/cuerpo, aunque no somos duales en esos terminos, pero sí surgimos en una dinamica relacional que nos constituye como el resultado del operar de nuestra corporalidad en un dominio diferente de modo que ese operar afecta nuestra corporalidad. (...) atentamos um momento a nuestro vivir cotidiano y notaremos que cada vez que hablamos de lo mental, de lo psíquico o del alma, nos referimos a un modo de ser, a una forma de vivir, a una manera de relacionarnos, con otros, con el mundo, o con nosotros mismos. (2005, p. 189-190)

Todo fazer humano se dá no emocionar. Qualquer ato racional possui uma emoção a priori. Toda a história da humanidade tem a ver com o fluir das emoções, dos desejos e não com os recursos materiais, fatores econômicos ou tecnológicos. São os desejos que nos fazem buscar estes recursos. São os desejos que nos fazem ambicionar algo, sentir inveja e obter o que queremos a qualquer custo. É o curso de nosso emocionar que determina o curso de nossas ações, ou seja, quando mudamos nosso emocionar, mudamos nosso conversar, ou vice e versa.

Vivemos de acordo com a cultura na qual estamos inseridos, assim nossa identidade humana é tanto constituída quanto conservada numa dinâmica sistêmica definida pela rede de conversações da cultura que vivemos. Portanto, podemos ser *Homo sapiens sapiens*, *Homo sapiens amans*, *Homo sapiens agressans* ou *Homo sapiens arrogans*, de acordo com a cultura que vivemos e conservamos em nosso viver (MATURANA, 2005). Ao mesmo tempo podemos deixar de ser seres humanos de um tipo ou de outro ao mudarmos de cultura, dependendo da “configuração de emoções que dá à cultura que vivemos seu caráter particular” (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.196). Maturana afirma que “a emoção que estrutura a coexistência social é o amor, ou seja, o domínio das ações que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência. E nós, humanos, nos “tornamos seres sociais desde nossa primeira infância, na intimidade da coexistência social com nossas mães”. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.45).

Para entendermos as emoções do outro, precisamos observar suas ações, mas para isso precisamos realmente olhar, sem pré-julgamentos e pré-

conceitos. Como humanos existimos no entrelaçamento da emoção e da razão. Todo o sistema racional tem um fundamento emocional. As relações humanas são constituídas através da emoção e não da razão. Para pensarmos numa transformação social, precisamos mudar a cultura em que vivemos e isso só é possível quando mudamos a emoção nas redes de conversações.

Quando falamos em biologia, estamos falando de um domínio de observação, de explicação e de reflexão sobre o viver/conviver dos seres vivos. A Biologia do Amar se refere ao entendimento de que o amor é a emoção que fundamenta o social, segundo Maturana:

O amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humano ou não. A biologia do amor é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano individual. Na condição de seres racionais linguajeantes, somos animais pertencentes a uma história evolutiva centrada na conservação de um modo de viver na biologia do amor. Esta tornou possível a origem da linguagem, que ainda hoje nos caracteriza. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 134).

Somos seres dependentes fisiologicamente do amor. Quando o amor nos é negado adoecemos. Nosso sistema fisiológico funciona em harmonia, quando esta harmonia se rompe, adoecemos. “A negação do amor rompe esta congruência e dá origem a alterações fisiológicas que possibilitam processos como alterações na dinâmica motora, endócrina, imunológica, neural ou do tecido em geral” (MATURANA, 2005, p. 51), e ainda:

Somos o presente de uma história evolutiva de coexistência consensual, na qual surgiu o conversar como resultado da intimidade do viver homínide em aceitação mútua. A rigor, somos filhos do amor, e a biologia de nossas corporeidades, assim como a de nosso desenvolvimento infantil, pertence à biologia do amor. Além do mais tudo isso ocorre de modo tão fundamental que o crescimento normal de uma criança humana requer a biologia da mútua aceitação em interações corporais íntimas com a mãe. E a maioria de nossas doenças e sofrimentos surge de alguma interferência em nosso operar na biologia do amor. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.135)

Na sociedade patriarcal, a qual pertencemos, vivemos priorizando a racionalidade, pois nos formamos numa luta constante entre bem e mal. Vivemos a partir da desconfiança e isso descaracteriza nosso ser social. Se as relações não forem pautadas no amor, não são relações sociais, segundo Maturana (2011, p. 99): “La vida diária revela esto, en la medida que muestra que las fronteras sociales sólo pueden ser traspasadas a través de la seducción emocional y nunca a través de la razón”. Verden-Zölller acrescenta:

Tal forma de viver – o modo de vida homínideo – se baseia na mútua aceitação, numa coexistência centrada na ternura e na sensualidade da carícia mútua, na cercania de uma intimidade sexual prolongada, no compartilhar da comida, na convivência em pequenos grupos e na cooperação do macho no cuidado das crianças. (...) Quando o viver no linguajar surge nessa história evolutiva, ele o faz num fluir relacional e interativo. Este entrelaça as coordenações de coordenações comportamentais consensuais do linguajar com o emocionar próprio desses primatas, constituindo o que chamamos de conversar. Enfim, acreditamos que é o viver no conversar que constitui o humano. Acreditamos também que o humano surge, de fato, quando o conviver no conversar, como um modo de vida que se conserva geração após geração na aprendizagem das crianças, passa a definir a linhagem da qual somos agora o presente. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.134-135).

O Amor, para Humberto Maturana, é um fenômeno biológico cotidiano. É a emoção que funda o social. “A emoção fundamental na história dos homínideos é o amor. Há ódio, lutas, matanças no mundo, sim, é claro. Mas tudo se acaba na aceitação do outro” (MAGRO e PAREDES in MATURANA, 2014, p.102). Movemo-nos nesta oscilação de negação e aceitação do outro. O amor “não tem nada de especial, ele é cotidiano” (Ibidem, 2014, p.111). O amor consiste na aceitação do outro, na convivência, como um verdadeiro outro, sem expectativas. O Amor pertence a nossa biologia. “Somos determinados por nossa estrutura como organismos biológicos. Como organismos biológicos humanos, apresentamos (ao observador que configura descrições e explicações) os fenômenos da linguagem e do conhecimento”. (SCHLICHTING e BARCELOS, 2012, p. 96). Em adição, Maturana acrescenta:

Por lo tanto, yo mantengo que un observador sostiene que ocurren fenómenos sociales, cuando él ve o ella ve dos o más organismos en interacciones recurrentes que siguen un curso operacional de

aceptación mutua. También mantengo que la emoción que hace posible las interacciones recurrentes en aceptación mutua es aquella que connotamos en la vida diaria con la palabra amor. O, en otras palabras, digo que amor es la emoción que constituye el fenómeno social; que cuando el amor termina, el fenómeno social termina, y que las interacciones y relaciones que ocurren entre sistemas vivos bajo otras emociones diferentes del amor no son interacciones sociales o relaciones sociales. Por lo tanto, cuando hablo de amor no hablo de un sentimiento ni hablo de bondad, o sugiriendo generosidad. Cuando hablo de amor hablo de un fenómeno biológico, hablo de la emoción que especifica el dominio de acciones de un modo que trae como consecuencia la aceptación mutua, y yo sostengo que tal operación constituye los fenómenos sociales. (2011, p.90).

Quando falamos que nossa sociedade está em crise, que existem problemas sociais, éticos e morais, estamos falando de problemas que surgem no individual. Uma sociedade não é algo abstrato ou genérico. São pessoas que convivem e tem relações com outras pessoas. Os problemas sociais surgem da cegueira em relação ao outro. Na falta de percepção da legitimidade do outro. Os problemas que a sociedade enfrenta, são problemas relacionados com a falta de amor. Para mudarmos nossa sociedade precisamos mudar nossas emoções. Para Maturana as emoções são “disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (MATURANA, 1999, p. 15). Mudamos a emoção, mudamos a ação.

Viver no amor significa viver na aceitação do outro, sem competições. Assim “não existe competição sadia. A competição é cultural e humana, e não constitutivo do biológico” (MATURANA, 1999, p. 21). Qualquer tipo de competição nega o outro e “sem aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social” (199, p. 24).

Ao levarmos a Biologia do Amar para a Educação Infantil daremos um importante passo. Faremos um movimento fundamental para a construção de uma sociedade onde as relações humanas sejam pautadas no amor e construídas na harmonia. Sem competições e sem premiações. Onde as atividades sejam colaborativas. Onde cada criança seja vista como um ser único, respeitado e valorado na sua integralidade.

Na sociedade patriarcal que vivemos, educar a partir da Biologia do Amar é um desafio. Significa substituir a competição pela colaboração. Hierarquia e obediência pelo amor. Não é essa, uma tarefa fácil, mas acredito que é possível. Porque acredito que precisamos educar para devolver a comunidade o que

recebemos dela. Precisamos educar para a responsabilidade social e democrática. Para que haja uma transformação social, é necessária uma mudança cultural e, para que haja mudança cultural, é necessário mudar as emoções. E em vez da motivação ser a competição, deve ser a colaboração. Em vez da indiferença, o amor. Assim é possível sair do patriarcado, para uma sociedade neomatriztica.

2.5. Entre o perceber e o conhecer – o ensinar e o aprender

...uno inevitablemente participa em la creación del mundo en que vive. Esta forma de ver las cosas, que invito a compartir sin ningún tipo de presión o exigência, dignifica al individuo. Y quien se sinte digno e respetado tiene a posibilidad de estimarse y respetarse a sí mismo; puede asumir la responsabilidad por lo que hace. (MATURANA, 2004a, p.205)

Não existe realidade independente de homens e de mulheres, nada acontece fora, sem antes acontecer dentro de cada um de nós. Somos responsáveis pelo mundo que criamos, como diz a epígrafe. Vemos, ouvimos, sentimos, cheiramos a partir do que acreditamos, do que pensamos. É um movimento interno. Dessa forma, a realidade está nas relações que estabelecemos. Ao propor isso, Maturana nos mostra que somos nós os responsáveis por nossas ações, conseqüentemente por nossa vida. Na proposição de Maturana:

Pero el que piensa que sus supuestos son verdaderos en un sentido absoluto, comete un error decisivo: confunde creer con saber, se atribuye por lo tanto cualidades que como ser vivo simplemente no puede tener. Por supuesto que en nuestra cultura se há hecho habitual separar entre el observador y lo observado, o entre sujeto y objeto, como si existiese una diferencia entre ambos, como si ambos estuviesen aparte. Si uno le ove así, entoces necesita describir con mayor precisión la relación entre estas dos entidades percebidas como independientes. Yo, en cambio afirmo que esta separación no nos lleva a ningún lado y quiero mostrar qué parte tiene el observador en sus observaciones. (...) La suposición de que esta realidad externa independiente de nosotros existe, parece una idea absurda y sin

sentido: es absolutamente imposible de validar. (...) Pero si enfatizo que todo lo dicho es dicho por un observador. (...) No existe una vista exterior de aquello que hay que explicar. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.35-36).

A Biologia do Conhecer é dar-se conta que não existe realidade exterior a nós. Como não existe diferença na experiência entre ilusão e percepção, porque o reconhecimento é sempre feito a *posteriori*. Com isso, fizemos acordos de ações em nossas relações. Assim, cada vez que alguém não sabe algo, podemos lhe ensinar, gerando um acordo de ações. Todo o conhecer¹⁹ depende necessariamente do observador²⁰. O problema não está na percepção, ou no dar-se conta, mas consiste em crer que uns podem dominar a outros, ou pela força, ou pelo conhecimento que possui. O conhecimento é acessível a qualquer pessoa. Verdades absolutas induzem ao terrorismo. Qualquer forma de coerção deve ser afastada. Nas palavras do autor:

Y quien además de eso quiere liberar a los otros de su supuesta ignorancia y percepción errónea del mundo, se torna peligroso. La certeza de la verdad sirve entonces para justificar explotación y avasallamiento, guerra e cruzadas. (...) A veces creo que vivimos en una cultura donde la convicción de ser dueño de la verdad es entendida como una invitación al imperialismo. ¿ Por qué, si uno sabe exactamente lo que es correcto, habría de dejar que los otros sigan sumidos en la ignorancia?; No sería mejor, se pregunta uno en esta cultura, no sería adecuado y pertinente corregir de una vez todas la cosmovisión supuestamente ignorante, a la verdadera y correcta? Luego, en algún momento, lo diferente aparece como una amenaza inaceptable e insoportable cuya corrección y eliminación parece indicada. Porque uno sabe; conoce las respuestas correctas, la manera de vivir correcta, el dios verdadero. La posible consecuencia de esta postura es que seres humanos empleen violencia contra otros seres humanos. Se justifican diciendo que tendrían un acceso privilegiado a la verdad o estarían luchando por un determinado ideal. Y esta idea según ellos legitiman su conducta y los distingue de los delincuentes comunes. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.57)

¹⁹ O conhecer nas palavras de Maturana: “Conocer es para mi la observación de una conducta adecuada en un dominio determinado, y no la representación de una realidade apriórica, no un procedimiento de cálculo basado en las condiciones del mundo exterior. Cuando un animal o un ser humano se conduce de manera adecuada y coherente con las circunstancias específicas, o cuando un observador llega a la conclusión que está percebiendo una conducta adecuada en una situación observada por el, entonces este observador dice que tal animal o tal persona conoce; que tiene conocimiento. Por lo tanto, el conocimiento – dicho de otra manera - es la conducta considerada adecuada por un observador en un determinado dominio” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 80)

²⁰ Para Humberto Maturana nós, como seres humanos agimos como observadores, isto é, fazemos as distinções através da linguagem. “Descubrimos que nuestra experiência es que nos encontramos observando, conversando o actuando, y que cualquier explicación o descripción de lo que hacemos es secundaria a nuestra experiência de encontrarnos nosotros mismos en hacer de lo que hacemos”. (2011, p. 17). E o observar é uma experiência que trata também da existência supostamente separada das coisas (2004). Ou seja, quando observo algo, não faço parte do objeto, mas a definição dele, tem a ver comigo, no que acredito, no que percebo.

O conhecimento deve servir como forma de crescimento individual, nunca como forma de diminuir o outro. Não devemos desejar convencer a ninguém sobre nossas crenças e verdades. O que podemos fazer é convidar as pessoas a refletirem, a encontrarem suas próprias verdades. Não podemos, e não devemos obrigar, ou manipular alguém para perceber a beleza de ser ético e viver na democracia. “O caminho só se faz ao caminhar. Os meios que dispomos são a expressão do fim que persigo” (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p. 62-63). Bemhard Pörksen, questiona sobre como pode se provar, ou dar uma explicação científica, transformando uma hipótese em verdade, Maturana responde:

...una prueba es una propuesta de explicación aparentemente aceptable, generada y producida por el suceso que se quiere probar. Las pruebas o explicaciones no tienen nada que ver con reflejar una verdad o realidad exterior, sino que son expresión de una relación interpersonal: se da crédito a una argumentación o explicación porque a uno le parece probada, ya que su descripción se ajusta a lo que uno mismo – no importa por qué razones y basado en los más diversos criterios de validez – considera aceptable. (...) Cuando por fin los problemas aparecen como resueltos y las respuestas están, la actitud de duda y búsqueda da lugar a un estado de sosiego; se acabaron las preguntas. Las pruebas y explicaciones se basan fundamentalmente en la aceptación que encuentran por parte de una persona o grupo de personas. Cambian una relación. Cuando aceptamos algo, consciente o inconscientemente siempre usamos un determinado criterio de validez para decidir si lo explicado y probado es aceptable (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.66)

Como seres humanos, nos construímos a partir das relações estabelecidas através do conversar²¹. Somos seres Biológico-culturais. E nos construímos a partir das relações que estabelecemos. Dessa forma, “toda história individual humana é sempre uma *epigênese* na convivência humana. Isto é, toda história individual humana é a transformação de uma estrutura inicial homínida fundadora, de maneira contingente com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço humano” (MATURANA, 1999, p. 28). Aprendemos com os outros. Na interação, no contato, no toque, no olhar. Assim, para se educar é necessário criar um espaço de convivência com a

²¹ Conversar para Maturana é o “entrelazamiento del lenguaje y del emocionar. Conversar palabra que viene del latín “con” que quiere decir “junto con” y “versare”, que quiere decir “dar vueltas alrededor de una cosa”, es decir ir juntos, rondar en compañía”(MATURANA, 1994, p.13). Ou seja, conversar, dar voltas juntos para se entender.

criança, onde professor e aluno se aceitem mutuamente, percebendo a legitimidade do outro. Ambos se transformando na convivência. Com isso, a criança aprenderá não como algo externo, mas como um modo de ser no viver. Aprende-se amar, amando. Aprende-se a odiar, odiando. Aprende-se a ser agressivo, sendo tratado com agressividade e assim por diante.... Aprendemos fazendo. Na infância aprendemos amar, vivendo as ações que constituem o outro como um outro legítimo, ou seja: aprendemos a partir do convívio com a mãe ou com as outras pessoas que interagem, na total aceitação. E, ainda, Maturana propõe:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar” (MATURANA,1999, p. 29)

A criança aprende no contato com os outros seres das suas relações. Aprendemos, ouvindo, sentindo. Sri Prem Baba no seu livro “PROPÓSITO a coragem de ser quem somos” (2016), escreve que,

Se já teve a oportunidade de acompanhar o crescimento de uma criança, você sabe que ela nasce confiando e amando com toda a sua pureza. A criança que ainda não foi corrompida e contaminada pelas crenças e misérias dos adultos à sua volta simplesmente segura na mão do pai e da mãe e vai com eles, sem saber para onde a estão levando. Contudo, aos poucos ela deixa de confiar. Começa a ser atingida pelo medo na forma de desconfiança e da insegurança, e pelo ódio na forma de raiva e vingança.

Mas por que isso acontece? Porque ensinam isso para ela. (2016, p.25).

A criança que convive na total aceitação de si e do outro, viverá a partir da emoção do amor, estabelecendo uma relação de confiança com os outros. Maturana afirma que “la posibilidad de vivir en confianza surge de aceptar la propia legitimidade y la legitimidade del mundo em el que se vive que surge de vivir como niño o niña en la aceptación total por la madre²². La aceptación total del niño trae la aceptación de sí y del outro que es fundamento de lo social” (MATURANA, 2005, p.72). A biologia não determina o futuro da criança, ela crescerá e aprenderá a partir das relações que forem estabelecidas. Ela mudará conforme o meio mudar. Em relação a isso, Maturana acrescenta:

A educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. Há duas épocas ou períodos cruciais na história de toda pessoa que têm consequências fundamentais para o tipo de comunidade que trazem consigo em seu viver. São elas a infância e a juventude. Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma. Na juventude, experimenta-se a validade desse mundo de convivência na aceitação e no respeito pelo outro a partir da aceitação e do respeito por si mesmo, no começo da uma vida adulta social e individualmente responsável. (1999, p.29)

Precisamos parar um pouco para pensar que mundo desejamos. Eu desejo um mundo em harmonia. Onde as crianças possam viver e conviver no amor. Para que isso seja possível, as escolas precisam estar nesta mesma sintonia. Somos seres em contínuo vir a ser. Podemos transformar nossa realidade, mudando nossas emoções. A criança precisa aprender a se aceitar, a conviver com seus erros de forma natural e tranquila. Isso só é possível se ela conviver num ambiente onde seu fazer é corrigido, não o seu ser. Explico: quando dissemos que uma criança é burra ou boba, que não faz nada direito, estamos corrigindo seu ser e não o fazer. Uma criança que tem seu ser diminuído

²² Maturana ao se referir a mãe, refere-se tanto a mulher, ou o homem que exerce a função de cuidado e amor à criança. Ele usa o termo mãe masculino, para referir-se ao homem que cuida.

e desrespeitado, através da correção, ou de castigos, aprenderá a fazer o mesmo com os outros. Ensinamos a ela que isso é correto.

Existem falas recorrentes na sociedade: as crianças precisam obedecer para aprenderem a viver em sociedade. O conhecimento dá poder. Ou ainda: estude para ter poder, para ser patrão e não empregado. Essas falas não expressam a verdade. O poder é concedido por quem obedece. As relações de poder surgem da obediência. A obediência é um ato de autonegação, porque se constitui quando fazemos algo, sem querer fazer. Em contrapartida, quando fazemos o que o outro pede de forma espontânea, querendo fazer, não existe autonegação, nem obediência, existe colaboração. O saber é um instrumento do fazer, é necessário e útil. O que acontece é que quem não sabe, acaba conferindo o poder a quem sabe. Dessa forma, para que a educação seja um processo transformador, precisamos viver numa inspiração democrática desde a Educação Infantil, onde as crianças aprendam desde cedo sua responsabilidade social. Maturana explica que,

É necessária uma postura reflexiva no mundo no qual se vive; são necessários a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem a premência da competição. Se aprendi a conhecer e a respeitar meu mundo, seja este o campo, a montanha, a cidade, o bosque ou o mar, e não a negá-lo ou a destruí-lo, e aprendi a refletir na aceitação e respeito por mim mesmo, posso aprender quaisquer afazeres” (1999, p.32).

Trabalhando com esse olhar, a democracia torna-se algo natural, sem conflitos e de forma harmônica.

A Democracia é um modo de viver. Uma obra de arte. Deve ser construída passo a passo, momento a momento na convivência. Um “novo matríztico”, onde a emoção da igualdade é fundamental. É uma forma de romper com o patriarcado. É um projeto comum, onde existe a participação de todos num espaço de conversações. Existe a possibilidade de se perceber os erros cometidos e reorganizar as ações. Não exige perfeição. É o desejo de uma convivência na fraternidade. É o oposto do que acontece nas sociedades patriarcais, onde as ideologias são defendidas como verdades absolutas,

tornando-se espaços de lutas e de competições. Cada um tentando subjugar o outro a aceitar suas ideias. As ideias são vendidas como mercadorias, havendo a negação do outro que pensa diferente. O meio torna-se um espaço ditatorial, não havendo espaço para a reflexão. A emoção, base da democracia - que a faz possível - é o viver no mútuo respeito. Senão existe a emoção, não existe a ação, porque toda a ação é impulsionada por uma emoção. Essa emoção é desenvolvida desde criança. A democracia é uma volta à infância, um convite para se respeitar mutuamente. É um desejo comum.

Para que de fato exista a democracia, é necessário existir a reflexão, a colaboração, a escuta e principalmente a aceitação do outro. Isso é natural para as crianças. Compartilhar, amar, acarinhar, colaborar fazem parte de nossa biologia. Não são culturais. Podemos perceber ao observar uma criança pequena: é comum tirar alimento de sua própria boca e oferecer aos outros. Somos animais compartilhadores e cooperadores, como afirma Maturana (1994). Se uma criança possui emoções de ódio, egoísmo e violência, é porque aprendeu com os adultos que convivem com ela, “la historia de la humanidad há seguido el caminho aprendido por los niños. Han sido los niños los que han conservado el modo de vivir de los adultos con los cuales convivían”. (1994, p.44). E ainda acrescenta:

Nosotros somos el presente de esa historia pero somos un presente mixto. En la infancia conservamos una relación de mutuo respeto, de colaboración, de participación, de aceptación. En la vida adulta tenemos que entrar a una convivencia inmersa en la autoridad, en la sometimiento, en la competencia. Esse es, efetivamente, un problema. Si queremos construir una convivencia democrática, tenemos que assumir que la democracia se funda en el respeto por el otro y que el respeto se aprende en la relación materno infantil y se puede conservar si uno es cuidadoso en el desenvolvimiento de los niños, de modo que lleguen a ser adultos capaces de conciencia social. (1994, p.56)

A Educação não deve preparar para o futuro. Como se as crianças fossem um instrumento para o desenvolvimento de uma política econômica. Não sabemos como o futuro será. Mas se a educação for feita no presente, no agora, desenvolvendo a fraternidade, a aceitação de si e do outro, sem competições e premiações por melhor isso, ou aquilo. Devendo ter por base a emoção do amor

e da colaboração. Teremos, com certeza, crianças - que serão adultos - que viverão na democracia e se aceitarão e aceitarão os outros em sua legitimidade. “Enfim, a responsabilidade surge quando nos damos conta de se queremos ou não as consequências de nossas ações; e a liberdade surge quando nos damos conta de se queremos ou não nosso querer, ou não querer as consequências de nossas ações” (MATURANA, 1999, p.34). A partir disso, a liberdade e a responsabilidade surgem de forma natural, a partir do pensar e do fazer. A realidade que vivemos hoje é fruto dos nossos desejos. Sou responsável pelo mundo que vivo.

A infância pode contribuir para a paz, para a solidariedade, para cooperação e colaboração, na medida que conserva a relação materno infantil. É nessa relação que surge a consciência social. Não nascemos para a agressão, para a luta e competição. Essas emoções surgiram com o patriarcado. Nascemos para viver em harmonia com os outros seres e com a natureza. E a função do educar é: “recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive” (MATURANA, 1999, p.34). Educar consiste no viver em plenitude com os outros e com o meio que o cerca. É perceber-se parte do todo, em perfeita comunhão²³. Na percepção das belezas, dos sons e sabores da vida. Sem dominação, sem hierarquias e obediências. Mas na pureza da convivência ética e democrática.

Quando perguntam a Maturana sobre o que ele espera de seus alunos, ele responde que espera que eles sejam capazes de fazer qualquer coisa, sendo responsáveis por seus atos e explica:

Yo espero de mis alumnos que sean capaces de hacer cualquier cosa siendo responsables de lo que hacen, y eso exige que sean capaces de reflexionar sobre su quehacer. Pero la reflexión es un acto que exige “soltar lo que se tiene para ponerlo en el espacio de las emociones y mirarlo. Si tengo algo y no lo suelto porque temo perderlo,

²³ Koinonia, provém do adjetivo Koinon (comum), tem o sentido de convivência e ajuda mútua em uma comunidade.

no lo puedo ver, y nunca reflexionar é sobre lo que tengo. Si no soy capaz de assumir la actitud de dejar lo que tengo para mirarlo, nunca podré ser responsable de mis acciones, porque buscar é una justificación fuera de mi emoción, en la pretensión de tener un acceso a una realidad transcendente. Si miro lo que tengo puedo darme cuenta de si lo quiero o no lo quiero, y esse acto pertenece al emocionar, no al razonar aun cuando hablemos de lo razonable. Para hacer algo, sin embargo, requiero de la razón, pero no lo haré sin la emoción que sustenta la acción que quiero realizar. (2005, p.249)

É comum nas escolas o foco total ser nos resultados apresentados, provas, testes...as crianças, adolescentes e adultos são considerados bons alunos se apresentarem bons resultados. Mas o que deveria ser ensinado desde pequenos é que aprendessem a fazer, fazendo. Precisamos perceber que os valores se fundam na emoção fundamental que é o amor. Esses valores não se aprendem e nem se ensinam. Se vivem. O primordial deveria ser que cada um e cada uma, aprendessem a aproveitar o caminho, o processo. A desfrutar o prazer de aprender, de fazer e compartilhar conhecimentos. Assim, cada aluno e cada aluna, seria partícipe do mundo que gera com os outros.

A aprendizagem é um fator interno, por isso o que nos acontece está determinado em nós. As interpretações do que ouvimos, do que vemos, do que aprendemos, depende de nós e não do outro. Somos responsáveis pelo que falamos. Não pelo o que o outro escuta. Não podemos mudar o outro. O professor não pode mudar seu aluno, ou fazer com que ele aprenda a força. Sobre como o erro é visto nas escolas, Maturana nos ensina:

Dejemos en claro que todos los seres humanos son inteligentes y que muy rara vez realmente cometen un error lógico. Sin embargo, especialmente los niños utilizan numerosas distinciones que a los adultos por algún motivo no les gustan y por eso las encuentran equivocadas y criticables. Si uno por ejemplo piensa que las ideas de un alumno son ilógicas y erradas, porregla general no significa más que lo dicho pertenece a outro dominio de la lógica que aquel sobre cuya base yo estoy escuchando y evaluando. Vale decir que un error es un enunciado que uno hace en un dominio de la realidad y que es escuchando y evaluado desde outro dominio de realidad.(...) As ilusiones y errores pueden ser consideradas – hablando ironicamente- como verdades parciales; corresponden parcialmente a um fenómeno, pero operacionalmente uno cree que corresponden a la totalidad del fenómeno. (...)Eso significa que los errores son escasos, no son indicios de fracasso frente a una realidad dada en forma independiente del observador, sino que se trata de los juicios y reflexiones post facto de un ser humano que vive en el lenguaje. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.153).

O aluno só aprende se quiser, bem como se estiver na mesma emoção do professor. A aprendizagem não é externa. O professor pode fazer malabarismos, mas se o aluno não estiver na mesma emoção, não estiver desejando aprender, ele não vai aprender. “O aprender é um fenômeno de transformação estrutural na convivência” (MATURANA, 2005, p.239). É esta convivência que determina se o aluno aprende e se transforma, ou apenas faz de conta para tirar uma boa nota, e esquece tudo após algumas horas. Nas palavras de Maturana:

El niño o la niña en la escuela no aprende matemáticas, sino que aprende a convivir con un profesor de matemáticas. Esta relación entretenida o fascinante algún día quizás lo motive a seguir por su cuenta, y se convertirá en un profesor de matemáticas o en un matemático. Un profesor a uno no le enseña algún contenido, sino que uno conoce un modo de vida. En este proceso, posiblemente uno se se familiarice con las reglas de cálculo, las leyes de la física o la gramática de un idioma. Mi afirmación es que el alumno aprende al profesor. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.149)

A inteligência tem a ver com o consenso estipulado culturalmente. Não tem a ver com resolução de problemas. Portanto todos os seres vivos são inteligentes em algum conjunto de dimensões. Todos(as) somos capazes de alguma magnitude de existência consensual (2005). Quando um aluno é “rotulado” como difícil, indisciplinado, Maturana, com seu jeito simples e direto de falar, diz que este aluno muitas vezes está lutando para ser visto, aceito e respeitado em sua legitimidade. Quando se olha para este aluno, enxergando-o realmente, abre-se espaço para o diálogo, neste momento toda a resistência se dilui. “Tiene algo profundamente sanador ser visto, recuperar la autoestima y participar en una interacción sustentada en el amor. (...) Todo es interesante si uno se interesa por ello” (MATURANA, PÖRKEN, 2004a, p.149). O educar é conviver. Para isso é necessário um espaço de aceitação mútua, onde o emocionar se transforma através das relações e conversações no fluir do viver.

2.6. O ser criança e o brincar

A criança e as brincadeiras são a coisa das coisas. São energia, manifestação de Deus, tendo a capacidade de anteceder aquilo que por ela se aceda – a “essência universal das coisas”. O valor da criança e das brincadeiras é do eterno. Esta eternidade não está nas representações (olhares, correntes, opiniões, interpretações...), mas está na sua energia. As crianças são intemporais. Representantes de Deus, filhos de Deus, energia de Deus pela chama interior. As crianças são o que são. Não somos nós adultos que devemos olhar para elas. Elas é que devem olhar para nós. (Cunha, Kunz, 2017, p.80)

Resgatamos historicamente a evolução na percepção do ser criança, como um ser biológico-cultural²⁴. É através da interação materno-infantil que a criança aprende a ser e conviver com o mundo ao seu redor. As mudanças nas relações entre as pessoas acontecem a partir das mudanças no emocionar. Essas mudanças acontecem no momento que passamos de um viver no acolhimento e afeto materno-infantil para a vida competitiva do mundo adulto. A criança vive desde seu nascimento imerso em uma cultura matrízica, onde há cooperação e confiança, valorização do toque, do acolhimento, das emoções, não havendo disputas, competições e hierarquias. Na vida adulta passa a viver numa cultura patriarcal, incentivada a competir, a negar as emoções, voltada totalmente para a apropriação e dominação, gerando um conflito e muitas vezes causando o adoecimento. “Cada vez que começa a se conservar – geração após geração – uma nova configuração do emocionar de uma família, o qual é espontaneamente aprendido pelas crianças pelo simples fato de viver nela, surge uma nova cultura” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.14).

A palavra Infância provém da palavra latina *Infantia* e significa não falante, ou seja, aquele que não adquiriu condições próprias para a fala. O conceito de infância foi evoluindo com o passar dos séculos. Até o século XII a infância não era representada nas iconografias deste período. Somente a partir do século XIII surgiram algumas representações de crianças com suas especificidades, mas,

²⁴ Para Humberto Maturana Biológico-cultural “é um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano que surge apoiada nas proposições da Biologia do conhecer e da Biologia do amar” (SCHLICHTING; BARCELOS, 2012:113). Somos seres biológicos. Tudo o que nos acontece, acontece em nossa biologia. E culturais, porque conservamos geração após geração modos de ser e conviver em sociedade.

mesmo assim ainda sendo um adulto em miniatura. Segundo Philippe Ariès (1986, p.53), as crianças eram representadas como anjos, ou como o menino Jesus ou a Virgem Maria menina, ainda não representando a realidade desta fase do desenvolvimento humano. Nos séculos XV e XVI surgiu o conceito de infância como uma fase “engraçadinha”, pitoresca, no século XIX começou a surgir a ideia de infância que temos hoje, mas mesmo assim como, algo separado da vida dos adultos.

O pedagogo Jorge Larrosa, em seu livro “Pedagogia Profana- danças, piruetas e mascaradas” (2000, p.183) faz a seguinte provocação: “As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua”. Aproprio-me desta provocação para fazer o seguinte questionamento: que seres são esses que começaram a ser percebidos, como seres pensantes, mas diferentes dos adultos, com especificidades em cada fase do desenvolvimento, que precisa ser cuidada e protegida em sua integralidade? No Brasil, a criança começa a ser vista como um ser de direitos a partir da Constituição Federal de 1988, mas, somente em 1990, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA), Lei 8.069, é que essa busca pela integralidade protetiva foi efetivamente tornada lei. No entanto, percebemos que a lei existe, mas ainda muitas crianças são violentadas física e afetivamente. A violência contra as crianças ronda os lares e escolas. Desrespeito com seus desejos e anseios, castigos, fome, proibição ou inibição do ato de brincar, excesso de atividades, preocupação com o futuro.... Ser criança não significa ter infância, reflexão feita no documentário “A Invenção da Infância”²⁵ (2000). Laura Gutman explica a importância do cuidado amoroso, generoso e da criança não ser privada do seu direito de ser simplesmente criança, nesta fase do desenvolvimento da vida:

Durante la niñez se organizan las sensaciones básicas, que luego van a ser soporte de toda nuestra organización psíquica posterior: nuestras creencias, opiniones, pensamientos, órdenes amorosos, sexualidad, seguridad interior, libertad y despliegue. En efecto, aún no alcanzamos a vislumbrar el impacto que tienen – sobre la totalidad de cada vida humana – las experiencias amorosas durante la niñez, o por el

²⁵ A Invenção da Infância. Documentário produzido pelo Ministério da Cultura em parceria com M. Schmiedt Produções. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=c0L82N1C7AQ&t=1361s> Acessado em 10/09/2018

contrario la costumbre de vivir en soledad o aislados afectivamente por la distancia emocional de nuestras madres. (GUTMAN, 2018, p.49)

Humberto Maturana, ao ser questionado se existe o paradoxo educacional, descrito por Kant, que por um lado pede-se as escolas que formem seres humanos livres e autônomos, mas por outro lado é imposto aos futuros indivíduos um rigoroso plano de estudos, assistência obrigatória, fracassos com castigos e os boicotes são reprimidos. Ainda para Kant, a pedagogia necessariamente se dá em uma tensão entre o fim e os meios. Maturana, então, tece um comentário, como observador:

En la educación se trata de un proceso de transformación que surge de la convivencia con adultos. Uno llega a ser el adulto con el cual há convivido. Vale decir que si se acepta que libertad y autodeterminación son la meta del quehace educacional, la convivencia estará fundada en el respeto recíproco por la autonomía del outro. Por lo tanto según mi opinión, no existe paradoja de que Kant habla: es la forma de vida, el modo de relacionarse, lo que a uno lo marca y transforma. El que quiera enseñar autonomía y reflexión, no puede basarse en la coerción como método, sino que debe crear un espacio abierto para el pensar y el actuar común. Especialmente en este punto no puede haber una contardicción entre el fin y los médios. (...)La coerción aparecerá exactamente cuando el docente no sepa cómo hacer sus clases interesantes y convertir a la escuela en un lugar atractivo y participativo. Recién entonces tendrá que ejercer presión. (...) Si un maestro se comporta respetuosamente – no atemoriza a sus alumnos invita a la cooperación y reflexión - en eso se manifiesta una forma especial de interacción. La enseñanza de que profitan los estudiantes es precisamente este modo de vida, en el que debieran estar contenidos los objetivos específicos del docente. Eso significa también que en pedagogia hay que ponerse de acuerdo sobre tres preguntas y tareas: primero, me parece necesario conversar sobre la elección del ideal pedagógico, ¿como queremos que sea aquel adulto que algún día egresará de la escuela? ¿O lo vemos como un ciudadano de espíritu democrático y actitud responsable? ¿O lo vemos como un jerarca autoritario y mandón, como un Lord que se cree superior a otros? A continuación, será necesario anclar em la escuela un modo de vida que posibilite un actuar y reflexionar acorde con el ideal. Y finalmente, queda la tarea decisiva de preparar a los maestros para su función, de una manera que al mismo tiempo sea expresión de los objetivos deseados: hay que vivir lo que se quiere alcanzar. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a:147-148)

Precisamos viver o que queremos alcançar. Repito a frase final da citação acima, devido a sua importância. Não adianta possuirmos as mais bem construídas teorias do desenvolvimento infantil, se essas não fizerem parte de

quem eu sou. Não adianta eu falar em honestidade, sinceridade, bondade e cooperação, se no meu fazer eu não tiver essas emoções presentes. Elas devem fazer parte do meu fazer cotidiano.

Para Verden-Zöllner as “consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com as mães, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.124). Entendendo o brincar, como toda a atividade que dá prazer, realizada no presente, sem objetivo algum, Maturana diz que: “o ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive”, o adulto hoje é a soma das histórias, atos e condutas que viveu desde sua infância, Fernando Pessoa, com o pseudônimo de Álvaro Campos, poetizou isso dizendo: “Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo. (...) “Sou eu aqui em mim, sou eu. Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou. Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma”. (...). Nos constituímos como adultos a partir do que vivemos na infância. Nos formamos a partir de nossas histórias vividas cotidianamente. Uma criança que viveu na negação, que não teve uma relação corporal íntima com sua mãe ou pai não terá um desenvolvimento social bem integrado. Vivemos e aprendemos com os outros desde que nascemos. Essa interação dá-se a partir do convívio com os adultos através do conversar. Dessa forma, “não se ensina às crianças o espaço psíquico de sua cultura – elas se formam neste espaço” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.23).

Construímos nossa identidade, nosso Eu, a partir das conversações realizadas desde a infância com outros “Eus” que convivemos. Aprendemos a respeitar o outro, a se respeitar se vivermos na mútua aceitação, na percepção da legitimidade do outro. Corroborando com essa ideia, Maturana diz que: “O cerne do humano é a convivência no respeito por si mesmo e pelo outro, que nasce da auto aceitação” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.142). Se acaso não existir esse encontro entre mãe e filho na total aceitação, através da corporeidade e sensualidade, ou seja, através do toque, do olhar, da canção, do acalanto a criança não desenvolverá como deveria a autoconsciência e consciência de si.

Em adição Laura Gutman (2016) afirma:

Todos los niños nacemos con algunos recursos innatos para poder sobrevivir. En el plano físico contamos, por un lado, con el llanto para llamar a nuestra madre y avisarle que la necesitamos y, por otro, con el reflejo de succión para alimentarnos. Estos recursos son comunes en todas las especies de mamíferos. En el plano emocional, las criaturas humanas contamos con un **registro interno**²⁶ que nos centra y nos señala qué tipo de experiencias son confortables y nos ayudan al desarrollo psico físico y cuales son dañinas. En principio, todo lo que proviene de nuestra madre debería estar en el área de lo nutricional. (...) **Los seres humanos no nacemos rígidos, sino blandos**²⁷. No nacemos con miedo ni paranoia, sino que vamos adquiriendo esos mecanismos por la falta de cuidado y protección que han sido demasiado difíciles de sobrellevar con nuestros escasos recursos cuando fuimos niños. (GUTMAN, 2016, p.106-119)

Muitas vezes nas escolas nos deparamos com crianças com dificuldades de aprendizagem, ou de relacionamento. Percebemos que em algum momento do desenvolvimento infantil essas crianças viveram na negação, no conflito. Não foram legitimadas como ser único. Não foram respeitadas e acolhidas, nas palavras de Maturana: “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.20). O autor, ainda aponta para a questão das exigências feitas as crianças. Exigimos que sejam perfeitas, que não cometam falhas e muitas vezes são castigadas por não atingirem este “padrão de perfeição”. As crianças aprendem e se desenvolvem conforme as relações que estabelecem com os adultos, pois “não há genes para a maldade ou para a bondade, mas há histórias vitais que levam a maldade e a bondade sob a mesma constituição genética” (MATURANA, 2005, p.281). O referido autor complementa a ideia, dizendo:

O humano surge no entrelaçamento de ambas as dimensões – a genética do homo sapiens e a cultural da sociedade humana – na epigênese humana particular que implica viver como um ser humano entre humanos. Somos concebidos como Homo sapiens sapiens, e nos humanizamos no processo de viver como humanos ao viver como membros de uma comunidade social humana (2004, p.133).

²⁶ Grifos da autora

Nós, como mamíferos que somos, interagimos na infância através do brincar e este brincar é um operar no presente, sem intencionalidade, totalmente despreocupado. Quando observamos crianças brincando, percebemos que é um momento de total entrega e espontaneidade. Quando colocamos metas e fins na brincadeira, deixamos de viver o presente e passamos a viver em um futuro que não nos pertence, focamos nas consequências. Não estamos mais lá, no presente, para Maturana,

Ao nascer, a criança é apenas uma possibilidade embrionária de consciência e reflexão sobre si mesma. É só ao longo do período de maturação de sua primeira infância que ela constitui espontaneamente – por meio das brincadeiras naturais com sua mãe e outros adultos e crianças – a maneira de viver na linguagem. Esta constitui a consciência humana como uma distinção da consciência do próprio corpo, no contexto da diferenciação de outras corporeidades similares (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.168).

A criança se desenvolve na relação materno-infantil, na total interação e aceitação mútua. As brincadeiras devem ser não intencionais, espontâneas e livres. Em nossa cultura, onde o tempo é escasso e a competição é marcante, muitas vezes as brincadeiras são utilizadas com metas e objetivos. Assim pode ser qualquer outra coisa, menos brincadeira. Quando estamos com os filhos, apenas com o corpo, e a cabeça nos afazeres do trabalho, não estamos na verdade ali, deixamos de construir junto com a criança sua identidade. A criança sente e percebe. Nós, adultos percebemos quando estamos com alguém e esse alguém está longe, nós cobramos a presença. A criança não sabe fazer isso e acaba aprendendo a não viver o presente e estar no passado, ou no futuro. O prazer na brincadeira, no jogo consiste em fazer de forma leve, sem esforço, sem exigências. Isso é possível quando se brinca na “inocência de simplesmente ser o que é, no instante em que se é”. (MATURANA, 2005, p. 269)

Vivemos numa sociedade onde a cultura patriarcal vigora. A competição e o culto à aparência acontecem desde muito cedo na vida dos seres humanos. Não raro nas rodas de conversas entre mães, cada qual deseja que seu filho seja o melhor. Que aprenda a usar a fala antes dos outros, que caminhe mais

cedo, que vá para a escola e aprenda a ler antes dos outros. A criança aprende, desde cedo a competir, a buscar ser a melhor, negando o outro. Deixa de crescer na aceitação de si e do outro, fundamental para à vida individual e social consciente e bem integrada. Laura Gutman (2018) afirma que todas as crianças nascem boas. Nasceram com a emoção da bondade intrínseco ao seu ser. É inato. Eles vivem sempre no presente, sem maldade, inveja, ou seja, “los niños respiran submergidos en su propia felicidad, siempre y cuando obtengan la satisfacción de sus necesidades básicas (GUTMAN, 2018, p. 20). A competição, inveja, ciúme, agressividade, são aprendidas com na convivência com os adultos. Para que a criança cresça e se desenvolva em plenitude é preciso viver no amor. Na aceitação legítima. Só assim é possível ter saúde espiritual e fisiológica. Ser feliz.

2.7. Corporeidade e afetividade

Una ditadura cuyo régimen quiera perpetuarse por cien años, en definitiva tendrá que transformar todo el mundo a su sistema y matar a cada cual que no concuerde con ella y se subleve en su contra. Se requieren enormes esfuerzos y un uso masivo de la violencia para mantener un régimen así, se necesitan policías y guardaespaldas e instrumentos de manipulación, pero a pesar de eso una dictadura estable en el tiempo no es imposible. Sin embargo, si sobrevive, aunque sea sólo uno que logre preservar la idea del amor y del respeto mutuo y enseñarsela a otros, renacerá la resistencia: el amor produce tal sensación del bienestar y constituye tal liberación, que muchos arriesgan su vida para propagarlo y defenderlo²⁸. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.231)

Sabemos das mazelas e infortúnios do mundo. Em pleno século XXI ainda existe trabalho escravo, mulheres ganhando menos, ditaduras, violências de todos os tipos, preconceitos, racismo, infelizmente a lista é muito grande. Mas continuo acreditando que podemos ainda mudar e viver numa sociedade ética e democrática. Se caso não tivesse esperança, não continuaria pesquisando e imaginando outros mundos. O faço porque acredito na mudança. Acredito no amar. Acredito na Educação. Principalmente acredito na resistência pelo amor, sendo exemplo nas ações e condutas no viver e conviver. Não acredito em

²⁸ Grifo meu;

discursos, em falas vazias. Fala e ações devem ser uma coisa só, também não podem ser duais, assim como nosso corpo e mente.

Nada acontece conosco, sem antes acontecer em nossa biologia, afirma Humberto Maturana. Corpo e mente, espírito e alma, são uma coisa só. Não somos duais. Somos um ser único. Se algo acontece no nosso emocionar, conseqüentemente, afeta nosso corpo. De outra forma, se acontece com nosso corpo, afeta nosso emocionar. Maturana diz que:

Desde que realizamos nuestras conversaciones a través de nuestras interacciones, y nuestras interacciones se realizan por medio de nuestros cuerpos, cualquier cambio en nuestras corporalidades es responsable de dar por resultado un cambio en nuestras conversaciones. (...) En otras palabras, así como los cambios en nuestras conversaciones resultan en los cambios de nuestras corporalidades, los cambios en nuestras corporalidades resultan en cambios en nuestras conversaciones” (MATURANA, 2011, p. 97)

Somos um todo. Não somos fragmentados. Vivemos emergidos numa cultura que privilegia o desenvolvimento intelectual das crianças. As crianças são ensinadas desde pequenas a apenas obedecerem, serem submissas e dóceis. Seus anseios e vontade de descobrir o mundo são duramente reprimidos, Laura Gutman (2018) diz que

Los niños hemos estado sometidos durante nuestras infancias a reprimir todo vestigio de deseo, contacto, placer y bienestar, aceptando las imposiciones de los adultos que nos han cuidado con autoritarismo y frialdad. Como consecuencia, nos hemos convertido en adultos susceptibles al dominio, la manipulacion y la explotación; o bien a identificarnos con la fuerza brutal para infligir daño a los otros.” (GUTMAN,2018, p. 47)

Pais criando rotinas absurdas de aulas e cursos. Crianças tendo que ter agendas para não se perderem na dura e cruel rotina - sem tempo de ser criança. Brincar é perda de tempo, pensam alguns. A criança, se expressa com o corpo. Faz expressões faciais. Dramatiza e vive o que está contando. Vive sua corporeidade, sem restrições, aberta para o mundo. Ao crescer, aos poucos vai perdendo esta espontaneidade, achando que pode separar o corpo da mente. Quantos adultos não conseguem abraçar ou serem tocados por outros? Quando

aconteceu isso? Em que caminho se perdeu? Perde-se, com os “nãos” que ouvimos.... com os “isso é feio”.... “não se toque”... “não pule”, “não grite”... “não corra”... “não suba aí”.... “não mexa” e assim vai...as restrições e nosso corpo vai se anestesiando. Vamos esquecendo e adormecendo nosso corpo e nosso emocionar. Temos muito o que aprender com os pequeninos.

Como diz a epígrafe desta sessão, só o amor traz o bem-estar e a sensação de liberação. O amor amplia nosso entendimento, enquanto emoções de disputa, raiva e ódio nos restringem. O humano vive no conversar, que é o entrelaçamento entre a linguagem e a emoção. Quando mudamos o nosso falar, mudamos o nosso emocionar e vice e versa. Isso forma as redes de conversações que constitui a cultura. Ao mudarmos nossas redes de conversações, podemos mudar a cultura patriarcal - voltada para a dominação, hierarquia e competição - para uma sociedade neomatriztica, voltada para a cooperação e para o amor. É o curso do nosso emocionar que determina o curso de nossas ações, Maturana, acrescenta:

No fim das contas, ao percebermos que assim é, os mundos em que vivermos serão de nossa total responsabilidade. A compreensão como modo de olhar contextual, que acolhe todas as dimensões da rede de relações e interações na qual ocorre o que se compreende, abre-nos a possibilidade de perceber nossas emoções quando o que entendemos é a nossa própria vida. Portanto, abre-nos também a possibilidade de sermos responsáveis por nossas ações. Por fim, se ao perceber nossa responsabilidade nos dermos conta de nossa percepção e agirmos de acordo com ela, seremos livres e nossas ações surgirão na responsabilidade (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.111).

Qualquer que seja o espaço psíquico que tenhamos vivido, sempre poderemos mudá-lo através da reflexão que fazemos no presente. Somos seres com uma estrutura que muda a cada instante a partir das relações e interações que temos com o meio. Mudamos junto com o meio em perfeita sincronia. Não existe uma realidade independente de nós mesmos. Somos seres com um sistema determinado em nossa estrutura, portanto nada acontece fora de nós. Tudo o que acontece conosco depende única e exclusivamente de nós mesmos. As reações que temos, as emoções que nos fazem tomar atitudes são nossa responsabilidade. São internas. Os fatores externos nos atingem se deixarmos. Ao percebermos isso, vamos nos dando conta que não adianta falarmos em

governos, sociedades, como algo genérico, exterior a nós. Para mudarmos, precisamos mudar a nós mesmos. Mudar nossas ações, nossas emoções e começarmos a construir algo a partir do presente, do aqui e do agora no meio que vivemos.

Todo fazer humano se dá no emocionar. A história da humanidade tem a ver com o fluir das emoções, dos desejos e não com recursos materiais ou fatores econômicos, ou tecnológicos. São nossos desejos que fazem o que chamamos de recursos ou fatores econômicos. Algo que queremos ter ou usar. (MATURANA, 2005, p.217). Nós somos seres humanos pelo modo de viver e esse modo de viver se constitui na linguagem. Somos seres da emoção, agimos pela emoção através da linguagem, Maturana explica:

La vida humana está involucrada sobre sí misma en el flujo del acoplamiento recursivo dinámico del lenguaje, del emocionar y del cuerpo. Lo que sea que nosotros lenguajeemos mientras fluimos en nuestro emocionar se convierte en nuestra corporalidad y en el mundo en que vivimos como seres humanos; y nuestras coordinaciones de acciones consensuales recursivas en el flujo de nuestro emocionar cuando vivimos el mundo que vivimos, constituyen nuestro lenguaje. (MATURANA, 2011, p.123).

Permaneceremos humanos se nosso viver tiver como base o amor e a ética através da linguagem. De outra forma será a negação da humanidade (MATURANA, 2011, p.124). Nossa corporeidade sofre mudanças constantes a partir do nosso modo de viver e nossa corporeidade muda nosso modo de viver, fazendo deste processo algo dinâmico. A criança em fase de crescimento se transforma segundo o seu viver, mas sua corporeidade se transforma conforme a criança cresce e conforme a vida que tem, segundo Verden-Zöller,

a criança não é concebida em sua completude. Torna-se humana quando constrói o domínio espaço-temporal de existência humana como uma maneira fácil e confortável de viver, enquanto desenvolve sua consciência corporal ao crescer em total e recíproca aceitação corporal envolvidas nas relações de brincadeiras espontâneas com seus pais” (VERDEN-ZÖLLER, in, MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.198).

Brinca-se na total entrega, no momento presente, na total aceitação do outro. Brincar é toque, é respiração, é coração batendo, é cantar, é dançar, sorrir, fantasiar. Viver o momento intensamente. Kunz e Costa (2017) escrevem que

a criança expressa-se brincando, seja para o mundo, para os outros e para si mesma, portanto não é tão importante se a criança ao brincar imita, simboliza ou inventa coisas. O que importa é o que ela está dizendo, expressando com seu brincar. E ao expressar ela dá sentido ao que faz (Kunz (org), 2017, p.16).

Uma das grandes causas do sofrimento infantil é não poder decidir nada, muitas vezes nem a roupa que usa. Viver uma vida feita e pensado por outros. Não brinca, não descobre por si mesmo os seus caminhos. A criança desde que nasce torna-se um projeto dos pais. Precisa aprender inglês, informática, natação, artes... e assim vai a lista imensa de compromissos e metas a serem atingidas. Só não sobra tempo para a criança ser criança. Essa falta causa danos incomensuráveis no ser em desenvolvimento. Crianças chegando à escola sem saber correr. Crianças rotuladas de “hiperativas” e com déficit de atenção e para resolver este problema, crianças medicadas desde pequenas. O brincar é algo natural para os animais, é só observamos filhotes de gatos e cachorros, eles brincam o tempo inteiro. E os animais humanos desaprendem o que já nasceram prontos para fazer: o brincar. Ratificando a ideia, Gerda Verden-Zöller (2004), diz que

A criança não é concebida em sua completude. Torna-se humana quando constrói o domínio espaço-temporal de existência humana como uma maneira fácil e confortável de viver, enquanto desenvolve sua consciência corporal ao crescer em total e mútua confiança e na total e recíproca aceitação corporal envolvidas nas relações de brincadeiras espontâneas com seus pais. Em outras palavras, ela em geral chega a essa condição num processo naturalmente fácil e confortável. Tal processo não requer esforço, desenhos ou cuidados especiais. Ocorre mediante o viver em coexistência humana da criança com seus pais, em total e mútua aceitação corporal. Quando esse desenvolvimento acontece de modo adequado, torna-se um ser humano socialmente bem integrado, é um processo natural. (MATURANA, VERDEN-ZOLLER, 2004, p.198)

As crianças no fluir de seu viver, necessitam descobrir o mundo, interagir com este mundo. Precisam além do alimento para o corpo, precisam serem vistas, serem ouvidas, serem acarinhadas. Isso é possível a partir do brincar, do

toque, do corpo a corpo. Segundo Kunz e Costa (2017), “a criança vive do brincar e para brincar, nele não há maldade e nem expressão de agressividade” (Kunz (org), 2017, p.17). Os mesmos autores afirmam que:

A criança precisa se encontrar na brincadeira, com outras crianças ou mesmo sozinha, como uma participante ativa, com força e prazer de decidir, de mudar, enfim, de inventar e criar. O brincar, em suma, é para ela um “Se-movimentar criativo”. É perceptível que a criança com saúde tem sempre um enorme prazer em “Se-movimentar”. A base desde seu “Se-movimentar está na necessidade de brincar. Mesmo “correndo à toa” ela está brincando, experimentando-se como ser humano livre e criativo, que se manifesta pela liberdade, decidindo suas realizações e possibilitando a construção de sentidos e significados naquilo que realiza. Crianças adoram pintar, desenhar quando lhes são oferecidos os materiais necessários para isso. Assim, é possível verificar que também nessa atividade elas se envolvem brincando e é muito triste quando um adulto passa ao lado delas quando estão desenhando e as adverte para que parem de brincar e desenhem algo decente. (KUNZ (org), COSTA, 2017, p.19)

Rubem Alves (2007) diz que “não existe nada mais divino do que ser criança. Nós, adultos, passamos a vida tentando transformar as crianças em adultos. Deus, que faz tudo ao contrário (...), passa a vida tentando transformar os adultos em crianças – para que eles possam brincar com a vida e, vez por outra, topar com a alegria” (Alves, 2007, p.97). Brincar é alegria. Descontração. Interação. Liberdade. Corpo que sente, que fala, que vê. Que se expressa. A criança possui a capacidade de contemplação do belo, do se emocionar. Sente com o corpo todo. A criança expressa o que sente, dramatiza, gesticula, faz mímicas. Seu corpo não tem limitações. Nós, os adultos, reprimimos nosso corpo e nosso sentir. Aprendemos ser assim, ou melhor desaprendemos a espontaneidade ao longo dos anos.

Para resgatar a espontaneidade e ampliar os limites do corpo nos adultos e para que as crianças não percam estas condições naturais, o teatro, através dos jogos dramáticos, é uma excelente forma lúdica de fazer isso. Olga Reverbél, em seu livro, “*Um caminho do TEATRO NA ESCOLA*”, (2007), pela Editora Scipione, afirma que “toda arte é expressão, seja ela teatro, música, pintura, escultura, cinema ou dança. Trata-se de expressar, de modo concreto, a criatividade que existe em todo ser humano” (2007, p.24). Augusto Boal, no livro *Jogos para atores e não-atores* (1998), diz que “todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. (...). Todo mundo

atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! (1998, p.IX). Somos atores-espectadores da/e na vida, com a arte, através de jogos dramáticos, podemos auxiliar para que a criança não perca sua criatividade e espontaneidade e sua relação natural de usar seu corpo. Boal (1998), diz que “o elemento mais importante do teatro é o corpo humano; é impossível fazer teatro sem o corpo humano” (1998, p.X). Para os adultos é uma forma lúdica de resgatar essa relação natural com seu próprio corpo, perceber e romper com seus limites... Os jogos dramáticos possibilitam uma consciência de si e do outro, através da ludicidade, ampliando a criatividade, a imaginação e a fantasia. Tocar no outro, olhar no olho, ouvir o que o outro está dizendo sem interromper são noções básicas que na sociedade contemporânea vão caindo no esquecimento. Possuímos o corpo engessado, retraído. Escutamos bem, mas não sabemos ouvir. Queremos impor nossos argumentos. Precisamos demonstrar que também somos detentores do conhecimento. Ficar para trás, jamais! Rubens Alves, diz que em vez de cursos de oratória, deveriam ter cursos de “escutatória”. Algo que concordo plenamente.

O Teatro é uma ótima forma de ampliar o ouvir, o sentir e o se expressar, tanto para crianças, como para adultos. Para Spolin (2008) “a oficina de teatro pode tornar-se um lugar onde professor e alunos encontram-se como parceiros de jogo, envolvidos um com o outro, prontos a entrar em contato, comunicar, experimentar, responder e descobrir” (SPOLIN, 2008, p. 29). Nos jogos dramáticos, não há competição, mas sim colaboração. Todos envolvidos no processo precisam trabalhar juntos, com o mesmo objetivo. A autora supracitada acima, complementa dizendo que “o jogo é democrático! Todos podem aprender jogando! O jogo estimula vitalidade, despertando a pessoa como um todo – mente e corpo, inteligência e criatividade, espontaneidade e intuição – quando todos, professor e alunos unidos estão atentos para o momento presente”. (2008, p.30). Através dos jogos dramáticos desenvolvemos em forma de brincadeiras, o exercício da democracia, liberdade de expressão e do sentir. Resgatamos a intuição, esta natural à criança e esquecida e pouco valorizada pelos adultos.

Olga Reverbel (1978), escreve que “o brinquedo e a infância acham-se tão indissolúvelmente ligados que poderíamos dizer que se confundem. O jogo dramático é aceito pela criança com naturalidade porque ela o incorpora ao seu

repertório de jogos de “faz-de-conta” e entrega-se, espontaneamente, à sua prática” (REVERBEL, 1978, p.09). Ao trabalhar com Oficinas de Teatro, na escola, percebo exatamente a afirmação da professora Olga Reverbel, a criança está aberta, sem barreiras e preconceito, ao contrário do adulto, cheio de pré-ocupações, e indagações, como: será o que o outro vai pensar? Estou fazendo errado? Cheio de incertezas, medos e inseguranças... por isso realizar jogos dramáticos com professores torna-se imperativo. Brincar e aprender juntos. Adultos e crianças, com total liberdade. Reverbel (1996, p.24) afirma que “a única lei na educação pela a arte é a liberdade”. Liberdade para ser quem é sem restrições e preconceitos.

A criança que não aprende a suavidade do toque, do olhar e do escutar o outro dificilmente será um adulto que tenha essas características. Aprendemos a amar, sendo amados. Aprendemos a escutar o outro, sendo ouvidos. Aprendemos a respeitar, sendo respeitados. O adulto que não sabe amar, tocar, ouvir e sentir o outro é porque não teve essas vivências quando criança. Desaprenderam ao crescer, a amar, sentir, tocar e a se expressar com sinceridade e espontaneidade. Kunz e Staviski (2017), afirmam que perdemos a sensibilidade emocional quando temos uma excessiva concentração na razão, deixando-nos guiar pelo cálculo e comparação. Acabamos, dessa forma, vivendo sempre um outro momento – seja passado, ou futuro – não vivemos e aproveitamos o presente. Quando nós adultos estamos numa atividade sem nenhum objetivo, além do bem-estar e prazer estamos na emoção de total entrega, sem pré-ocupações, estamos brincando. Cada vez mais, pelas escolhas que fazemos neste mundo contemporâneo, deixamos a beleza do brincar fora da nossa realidade e, não raras vezes, impossibilitamos nossos filhos e alunos de viverem e desfrutarem desse prazer natural dos seres vivos: o brincar

2.8. Formação de professores no Caminho do Amar

La conversación no es simplemente hablar sino que un danzar juntos en el encuentro que acopla y transforma fluidamente nuestros sentires, haceres y emociones. (MATURANA; DÁVILA, 2016)

Escrever é uma maneira de comunicarmo-nos com alguém ou algum grupo de pessoas. Escrever é buscar o diálogo com aquele ou aquela que está ausente. (BARCELOS, 2007, 46)

Amo dançar. Para mim dançar é corpos que se encontram e se encaixam em perfeita sincronia. Deslizam suavemente no ritmo da música. Dança é o corpo expressando sua fala em seus movimentos. Podemos não conhecer o parceiro de dança mais intimamente, mas o corpo reconhece os movimentos e conversa com o outro corpo. Se no meio da dança, acontece um pisar no pé, ou um erro no compasso, não tem problema. Na dança o errar, o sair do ritmo é permitido, faz parte, não estamos competindo. Na dança existe o respeito pelo ritmo do outro, nos adequamos aos poucos e seguimos conforme o passo do outro. Nos moldamos a partir do dançar com o outro. Quando Maturana e Ximena fazem a comparação do conversar com o dançar, é algo perfeito. Quando conversamos, assim como na dança, unimos nossas emoções e sentires, como a do outro. Também, dançar é como o escrever, nos comunicamos, como diz a segunda epígrafe. A escola também deveria ser encarada como uma dança. Onde professor e aluno entrariam no ritmo juntos, entrelaçados, respeitando o passo e ritmo do outro. Eu imagino um mundo dessa forma, na escola. Cada aluno com seu ritmo, um mais de rock, outro de samba, outro de clássico... mas todos dançando juntos, cada um aprendendo e se encaixando no passo do outro. Uma escola assim, será viva, colorida e feliz, como um balé de dar inveja em Nikhail Baryshnikov²⁹ e com ritmo quente e contagiante do Olodum³⁰ ou de uma salva caribenha. Podemos escolher e fazer uma escola viva assim.

A vida é feita de escolhas. Desde que acordamos até a hora de dormir percorremos caminhos escolhidos por nós. Nem sempre acertamos. Mas sempre partem de nós as decisões e escolhas que fazemos. Rubem Alves (2005), diz que caminhos o fazem pensar. Tenho a mesma sensação quando vejo um caminho. Penso nas pessoas que passaram por ali. Os sonhos concretizados e os não realizados. Os amores feitos e desfeitos. Caminho: lugar que trilhamos passo a passo, no nosso próprio ritmo. Ao caminhar, vivendo e convivendo geramos mundos. Nos caminhos dançamos juntos no emocionar e

²⁹ Bailarino russo, um dos maiores da história do Balé mundial.

³⁰ Bloco de percussão de Salvador

nos nossos fazeres, como diz a epígrafe acima. Percorrer o “Caminho do Amar³¹” na Educação também é uma escolha. Escolhi trilhar este caminho. Construído no presente. Presente que muda, ao ser vivido. Viver no Caminho do Amar, como propõe Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009), é viver no bem-estar psíquico e corporal. Viver sem esforço, sem preconceitos e expectativas. Busco essa forma de viver e conviver na escola, onde cada aluno seja visto, escutado e valorado em sua totalidade, como ser legítimo. Educar é a transformação que acontece na convivência, nas interações entre os seres. Nas palavras de Maturana e Ximena Dávila “Nós, seres humanos, existimos no linguajar, e o linguajar ocorre no fluir do conviver que é a realização do próprio viver entrelaçado com o viver de outros em coordenações de coordenações de fazeres” (2009, p.83). Existimos, como seres humanos, no entrelaçamento das nossas emoções, com nossos fazeres. Aprendemos a partir das relações que estabelecemos, gerando mundos de aprendizagens e convivências, a partir do amar. Para os autores citados acima:

o amar ocorre no fluir do viver no presente na legitimidade de tudo, sem dualidade, sem fazer distinções de bom e mau, de belo e feio. Isto é, o amar ocorre no fluir do viver em que alguém vive no domínio das condutas relacionais através das quais esse mesmo alguém – a outra, o outro e tudo o mais – surge sem intenção ou propósito como legítimo outro na convivência com alguém. O amar é visionário, pois ocorre na ampliação do ver (do ouvir, do sentir, do cheirar, do tocar) próprio do espaço das condutas relacionais que ocorrem sem preconceitos, sem expectativas, sem generosidade, sem ambição. O amar não quer nem busca as consequências do amar. O amar não é bom nem mau, simplesmente é o viver no bem-estar trazido pelo viver sem o sofrimento que traz o apego ao valor ou sentido que se vê no perdido ou no que se pode perder. (MATURANA; DÁVILA, 2009, p.84-86)

Ouvimos diariamente que a educação em nosso país está passando por sérios problemas. Além dos índices que comprovam que não estamos bem. Temos escolas sucateadas, turmas superlotadas, e escolas funcionando com pouquíssimos alunos. Professores desvalorizados e desrespeitados. Professores trabalhando fora da sua área de nomeação e formação. Presenciei

³¹ Os autores, Humberto Maturana e Ximena Dávila relatam que o Caminho do Amar, é o Caminho do Tao, que é a Biologia do Amar, “a experiência básica cujo cultivo constitui o caminho do Tao é uma experiência de *bem-estar* que se estende a todas as dimensões relacionais do humano como uma experiência de harmonia psíquica e corporal em todas as dimensões do viver e conviver, qualquer que seja a circunstância do viver que se viva. Segundo nós, a experiência do Tao não tem a ver com o que se vive, e sim com *como se vive o que se vive*” (2009, p.63)

uma professora formada em Letras Português /Inglês, nomeada para das aulas de inglês, trabalhando com Geografia. Vi o esforço da professora estudando antes de dar a aula e pedindo ajuda para os colegas para entender uma linguagem fora de seu contexto de formação. Como, com estas condições, manter a qualidade do ensino e aprendizagem e não adoecer? Isso é apenas situações que eu, como professora da Educação Básica vivenciei. Barcelos (2013) diz que

o déficit na qualidade da educação brasileira, em relação a outras áreas da produção de conhecimento no país, parece ter assumido a triste condição de um “fato consumado”. Passou a ser aceito como uma “coisa natural” em todos os espaços da vida cultural e social da nossa nação. Isto pode ser notado, inclusive, em alguns setores acadêmicos. (BARCELOS, 2003, p. 09)

Só podemos mudar esta triste realidade trilhando o Caminho do amar. Vivemos em uma sociedade patriarcal-matriarcal, que está alicerçada na dominação e subjugação do outro. Crianças desde cedo aprendendo a competir, a serem melhores que os outros para poderem dominar e conquistar vitórias. Nas escolas quadros e painéis comprovam isso: melhor aluno; aluno destaque; e assim por diante. Para mudarmos essa situação, faz-se necessário mudar a cultura que estamos vivendo. Como se muda uma cultura?

- Mudamos uma cultura vivendo e fazendo nossos fazeres de forma diferente, assim as crianças que convivem conosco aprenderão a ser e fazer diferente. Nosso papel como educadores (as) é desafiador. Podemos fazer diferente em nossas escolas e Universidades, pensando a formação de professores (as) de uma forma diferenciada, pelo Caminho do Amar.

Pensando na História da Educação brasileira, temos um exemplo de um educador que trilhou o Caminho do Amar, com amorosidade, generosidade e esperança de um mundo melhor. Falo em Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), educador brasileiro, um dos primeiros a serem exilados no golpe militar em 1964, porque defendia a ideia de uma “alfabetização como um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos

de leitura e escrita quanto para a sua libertação³². Também defendia que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 2001, p.79). Freire, buscava através da conscientização, do agir criticamente, o de não ser objeto, mas ser construtor de história, a libertação da opressão. Dizia que “o estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1996, p. 64). Freire, trilhou o Caminho do Amar, sempre deixando isso visível em seus escritos:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação” (FREIRE, 1967, p.107)

Volto a questão do dançar. Paulo Freire dança com as palavras, e mostra que a educação é amor, é esperança, é comunicação. É dançar juntos, não no mesmo ritmo, porque cada um tem o seu, mas com sincronicidade, buscando o saber juntos. O Patrono da Educação brasileira, Paulo Freire, buscava um país onde todos soubessem ler, um país sem analfabetos. Continuamos buscando essa realidade. Um país onde as pessoas saibam interpretar as informações. Um país onde as “fake news” não sejam tão populares. Um país onde não aconteçam tantos desperdícios e tantos morrendo de fome. Um país onde os cidadãos percebam seus erros e que o jeitinho brasileiro não seja mais visto como algo positivo e seja visto como realmente é - corrupção, pura e simples. A professora Helena Maria Becker Albertani, em 1998, expressou a importância da educação para mudar esse contexto opressor:

Num mundo em que os valores e a ética são tão desqualificados, a antiga e nova tarefa do educador – especificamente humana – exige segurança, competência e generosidade. Exige compreender a educação como uma forma de intervenção no mundo, com liberdade e consciência, com diálogo e disponibilidade, para que, através dela, cada um conquiste a sua autonomia e possa viver em harmonia, numa

³² Fonte: Instituto Paulo Freire, <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>, acessado em 22/05/2017.

Para Paulo Freire o amor é o fundamento do diálogo. Balduino Andreola (2000) assim fala sobre a amorosidade em Paulo Freire:

Sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento. No que tange às emoções, reafirma a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação (ANDREOLA, 2000, p. 22).

Para que haja o amor, não pode haver opressão. Paulo Freire apresenta o amor numa perspectiva sociológica, de luta para não ser oprimido, pois jamais pode ser verificado na relação de dominação, sendo assim seria uma “patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados” (FREIRE, 2001, p.80). Dessa forma a amorosidade está na busca da libertação do oprimido. Se há manipulação, não há amor.

Freire não dissocia amor do diálogo, os dois se completam. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2001, p. 80). Só há diálogo, se há escuta, pura e sincera. Em nossas escolas, com nossos alunos, independentemente da faixa etária precisamos escutá-los. Diferente de ouvir. Ouvimos vários sons o dia todo. Mas escutar com generosidade, fazemos se o quisermos. Nossos alunos clamam por serem ouvidos. Muitos atos tidos como rebeldia, são demonstrações reais para serem vistos e escutados. Andar pelos Caminhos do Amar fala disso: escutar, tocar e sentir com amor e generosidade em cada ser que passa por nós. Sobre o escutar³³ Paulo Freire, em seu último livro *Pedagogia da Autonomia* diz que:

³³ Humberto Maturana e Ximena Dávila explicam que o escutar também é algo que se aprende desde criança, na convivência com os adultos. Escutar é diferente de ouvir. Ouvimos sons o tempo inteiro, mas escutar é quando refletimos, deixando o outro ser, sem expectativas e julgamentos. Assim, deixamos aquilo que ouvimos entrar em nosso corpo, “escutamos com toda a nossa corporalidade. (...) Nesta cultura patriarcal-matriarcal, na medida em que existe uma realidade em si, uma verdade, o escutar se torna surdo, o ver se torna cego, o sentir se torna frio e distante ao estar com o outro ou a outra. Escutamos para ver se o outro ou a outra coincide ou não com que pensamos. (...) Podemos

Escutar é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. (FREIRE, 1996, p.135)

Ana Maria Araújo Freire, esposa e companheira de caminhada de Paulo Freire, dizia que seu marido tocava, olhava e escutava cada pessoa, com generosidade, com ternura e mansidão, traduzindo a forma que ele entendia e via a vida: “amor, paixão, tolerância, pureza, seriedade, alegria, esperança, compreensão, dons maiores da vida humana que só a morte mesmo pôde nele apagar” (REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC – Nº 106/98, p.12). Isso é educar pelos Caminhos do Amar. Educar na Biologia do Amar.

Ao refletir sobre o ato de educar, penso que a maioria das escolas que conheço, separa a vida, da escola. Rubem Alves (2005) diz que “pensou em educação, pensou sala de aula. Salas de aula, lugares onde as crianças são segregadas da vida” (ALVES, 2005, p.96). As crianças vão sem motivação. Vão porque tem que ir. São obrigadas pelos seus pais e por uma legislação que diz que tem que ir. Não são só os alunos desmotivados. Professores também. O número de adoecimento laboral cada vez cresce mais. Há uma coisa muito errada nisso tudo. Escola é vida, para a vida. Deveria ser lugar de barulho, alegria, empolgação e conseqüentemente de aprendizagem. Alunos e professores adoecendo é sinal que os fundamentos da escola estão errados. Discute-se tanto sobre metodologia, didática, mas, o principal, que são as relações estabelecidas neste processo, ficam em segundo plano. Se a função da escola é só a aprendizagem de conteúdo, poderemos, nós professores, ser facilmente substituídos por computadores. Simples e triste assim. Como já disse, escola é vida pulsante. Escola é alegria. Escola é olhar no olho. Escola é escutar e ver o outro. Escola é conhecer-se e conhecer o outro e assim conhecer o mundo. Valdo Barcelos, em seu livro “Uma educação nos trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira” (2013), pela Editora Vozes, corrobora com essa ideia

escutar sem deixar de escutar, abertos à maravilhosa presença sempre cambiante de si próprio, do outro, da outra, de tudo o mais”. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.236). Escutar e conversar é uma arte, a arte de dançar juntos (DÁVILA, 2016)

Quero continuar acreditando que a educação deve ser um processo que traga – ou pelo menos que ajude a trazer – a felicidade e a alegria para as pessoas. Uma das maneiras de ela – a educação – conseguir isto é, não tenho dúvidas, contribuindo para nosso autoconhecimento humano. Ao nos conhecermos melhor estaremos, certamente, conhecendo um pouco melhor, também, o nosso tempo e o mundo em que vivemos. (BARCELOS, 2013, p 128)

Rubem Alves, (1933-2014) educador brasileiro que também trilhou o Caminho do Amar, com seu jeito irreverente, por vezes engraçado ou “afiado”, mas sempre preocupado com o ensinar e aprender nas escolas. Em seu livro “Ao professor, com meu carinho” (2004), fala sobre a importância do despertar a “fome” pelo saber. Despertar o gosto, o querer saber no processo de ensino e aprendizagem. Em suas sábias palavras,

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer “ir atrás”. O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado”. (ALVES, 2004, p.52)

Essa Tese que chamo de Menu/Degustação é uma analogia feita justamente por acreditar que não temos como “enfiar goela abaixo” em nossos alunos o prazer em buscar o conhecimento. Este deve ser despertado, assim como a fome. Se somos forçados a comer, mesmo sendo a comida mais gostosa do mundo, corremos o risco de passar mal. O corpo tem que estar preparado para receber o alimento, ou seja, tem que estar sentindo a necessidade, que chamamos de fome, ou pelo menos precisamos estar com vontade de comer, sendo chamado de gula. Não importa se é fome, ou gula. O que importa é o querer, o desejo. Assim deve ser na escola, o aluno tem que desejar, querer, estar com vontade de aprender e viajar pelos mundos do conhecimento, senão não funciona, e acontece o jogo do faz-de-conta.

Humberto Maturana (2005) diz que a aprendizagem acontece de forma contínua, durante toda a vida. Não é só na escola que o aluno aprende. A escola é onde o conhecimento é sistematizado. Infelizmente é o lugar onde o gosto e o prazer de aprender, a criatividade e imaginação vão morrendo no percurso. Se

analisarmos uma criança até ela chegar no Ensino Médio é visível a perda da vontade de ir para a escola³⁴. Paulo Freire (1996), fala no mesmo sentido, dizendo que os seres humanos são seres aprendentes por natureza, e a educação é permanente. Maturana (1999) reflete sobre educar meninos e meninas na Biologia do Amar:

É difícil educar para a aceitação e o respeito de si mesmo, que leva à aceitação e ao respeito pelo outro, assim como à seriedade no fazer? Não, só que isto requer que o professor ou a professora saiba como interagir com os meninos e meninas num processo que não os negue ou castigue, seja pela forma como eles aparecem na relação, seja porque não parecem como as exigências culturais dizem que deve ser. Esse professor ou professora pode fazê-lo porque, eles também, respeitam a si mesmo e ao outro. (MATURANA, 1999, p.32).

O respeito por si mesmo, é a base de qualquer dança. Na escola não é diferente. E isso só é possível se o professor se perceber, se valorizar e para assim conseguirá por seus atos despertar essas emoções em seus alunos. Por isso o exemplo da dança se torna tão perfeito. Na dança juntos, o par, gera movimento, ação e reação. Na escola o processo é o mesmo. E ainda, Maturana nos diz que

(...) educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular. Eu lhes respondo que, quando se consegue que o outro, a criança, o jovem, aceitem o convite à convivência, educar não custa nenhum esforço para se viver. (MATURANA, 1999, p.32)

O processo de ensino e aprendizagem deve ser leve e suave. Deve fluir. Deve acontecer sem esforço. A realidade que conheço é totalmente o contrário disso. Alunos indo para a escola como se estivessem indo para a força. A alegria, o burburinho, tão característico de crianças e adolescentes é só antes do sinal tocar. Depois que entram na escola, o silêncio tem que ser absoluto. O corpo tem que ficar sentado em cadeiras extremamente desconfortáveis, de preferência sem se mexerem muito. Um olhando apenas para a nunca do outro. Como o professor não tem controle dos pensamentos, esses podem voar livres, se já não foram “adestrados”. A hora do recreio é a hora mais feliz do turno. Os

³⁴ Mais uma vez me refiro a realidade que conheço, não generalizo.

alunos saem eufóricos, geralmente correndo, estão finalmente livres, mas é por tão pouco tempo. Logo o sinal, igual de fábrica, toca e eles voltam para mais algumas horas. Isso é muito triste, são potenciais criativos e muita imaginação desperdiçadas com conteúdos para copiar e decorar. Maturana (1999) reflete sobre o “para que educar”?

Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. (...) O que fazer? Não castigemos nossas crianças por serem, ao corrigir suas ações. Não desvalorizemos nossas crianças em função daquilo que não sabem; valorizemos seu saber. Guiemos nossas crianças na direção de um fazer (saber) que tenha relação com seu mundo cotidiano. Convidemos nossas crianças a olhar o que fazem e, sobretudo, não as levemos a competir. (MATURANA, 1999, p. 34-35)

Escola é lugar de descoberta. De alegria. De vida. Escola é o lugar para errar. Escola é o lugar para experienciar. A escola deve ser um lugar de encantamento. Encantamento pelo saber. Sem competições. Sem castigos. Onde professor e aluno dançam, cresçam e aprendam juntos. Onde cada um possa ser o que se é. Onde o erro é só mais uma forma de aprender. Freire diz que: “Una de las buenas qualidades de un professor, de una profesora, es darles testimonio a los alumnos de que la ignorância es el punto de partida de la sabiduria, que equivocarse no es un pecado, sino que forma parte del proceso de conocer y que el error es un momento de la búsqueda del saber. (FREIRE, 2003, p.65). Educação construída a partir do medo de errar e reprovar já sabemos que não dá certo. Se tivesse dado certo não teríamos tantos problemas sociais e pessoas frustradas e tristes.

Paulo Freire, em 1996, escreveu seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*. Livro que demonstra o profundo amor e paixão que sentia pelo ato de ensinar e aprender. Em sua escrita ele reflete sobre a inconclusão dos seres humanos, como seres históricos, que fazem história e por ela são feitos, sendo esta a condição de sermos “educáveis”, em suas palavras:

É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, em musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade (FREIRE, 1996, p.64)

Para o professor dançar com o aluno ele precisa saber dançar, para conduzi-lo nos passos. Para o professor pintar com os alunos ele precisa gostar de cores. Para o professor cozinhar com os alunos ele precisa conhecer os ingredientes e gostar dos sabores. O professor não consegue ensinar aquilo que ele não é. Aquilo em que ele mesmo não acredita, por isso, pensar a formação de professores pelo Caminho do Amar é extremamente salutar para o processo de ensino e aprendizagem. Precisa ser pensado e vivido desde a Licenciatura. Tem que começar na Universidade esse processo de transformação. A mudança tem que começar na base. Não posso construir um edifício pelo topo, tenho que começar na fundação. Assim vejo a mudança. A fundação, a base, da Educação está equivocada e isso só pode ser mudado se na Licenciatura as futuras e os futuros professores aprenderam que a emoção fundante do social é o amor.

Percebemos que a Educação Básica possui problemas sérios de formação de professores. A escola organiza-se de forma fragmentada, como se os alunos possuíssem “gavetas” que ao comando do professor deveriam ser abertas, para que o conhecimento “salte” e apareça. Sobre isso Barcelos (2007) fala que

Ao mesmo tempo em que fragmentamos o conhecimento em diferentes disciplinas, criamos, também, hierarquias entre as mesmas. Esta hierarquização serve muito bem à burocratização da educação, e a distribuição de fatias de poder nas estruturas administrativas da escola, causando um grande prejuízo à relação ensino/aprendizagem. Nossa educação é fortemente marcada pela hierarquia, não só das disciplinas dentro do saber. Temos muito claramente estabelecida uma superioridade do saber dito científico sobre, por exemplo, os saberes étnicos e populares. (BARCELOS, 2007, p.69)

Percebemos essa hierarquização ao pegar qualquer Plano de Estudos de qualquer escola. Disciplinas eleitas socialmente como mais importantes possuem uma carga horária maior. Outras menos importantes com carga horária inferior. Os gostos, as aptidões, os desejos dos alunos não são levados em conta. Todos ao entrarem para escola devem cumprir o “pacote” pré-determinado. Nas séries iniciais, as crianças seguem rotinas fixas e determinadas. O simplesmente brincar é considerado perda de tempo e se professor “rebelde” resolve estipular um dia na semana para brincadeiras livres é considerado pela equipe pedagógica como relapso³⁵. As crianças devem ter atividades direcionadas 4 horas por dia, 5 dias na semana. Kunz e Staviski (2017), afirmam que

Se os professores desejarem garantir que os seus alunos tenham tempo para serem crianças e que sejam aceitas como se encontram no momento presente de sua vida, o brincar livre e espontâneo deve ser um conteúdo a ser seguido e valorizado em suas práticas. Brincar livremente não pode mais ser visto apenas como desperdício de tempo e tampouco destituído de consequências, sobretudo quando se refere ao mundo das crianças. O brincar assume aqui o centro de um pensar a Pedagogia para as crianças, pois se brinca quando se vive o presente (...). (Kunz (org), 2017, p.62)

Minha intenção não é achar culpados ou vitimizar os professores, mas sim refletir seriamente e generosamente sobre essas situações que vivencio a mais de 20 anos atuando na Educação Básica. Falo da realidade que conheço, que participo, assim faço algumas observações a partir das minhas percepções:

- Professores chegando nas escolas com apenas o “olhar técnico”, preparados para a capacitação dos alunos e não de um desenvolvimento pleno e integral e humano;

- Mesmo com 50 anos da Pedagogia do Oprimido, continuamos na Universidade fazendo e tendo uma Educação Bancária. Assim como aquela

³⁵ Falo de situações que observei e vivenciei, de forma alguma generalizando, como se todas as escolas fossem assim. Falo da realidade que conheço.

menina ou aquele menino com vinte e poucos anos, que a única experiência de escola, é a sua mesma, como aluno, tradicional e bancária, vai fazer diferente? Só é possível se na Universidade ele tiver proposta diferentes, senão a reprodução será natural e continuaremos tendo a mesma educação jesuítica que infelizmente é a realidade, em escolas particulares, públicas, de educação básica e na Universidade.

-Lemos pouco. Escrevemos menos ainda.

-Criamos pouco. Copiamos muito. Forçamos “sapatos” dos outros entrarem em nossos pés, a força.

Mas é possível fazer diferente?

Mas como fazer diferente?

Como mudar 500 anos do mesmo?

- A resposta não é simples, nem fácil. Mas possível. Precisamos mudar a cultura em que vivemos. Cultura da dominação. Cultura da apropriação. Cultura da competição.

Ouvimos tanto falar em transformação social, busca de uma sociedade mais humana, igualitária e justa, mas para que isso ocorra de fato, precisamos mudar nosso emocional, para conseguirmos uma harmonia no viver, precisamos conviver no amor, ou seja na aceitação do outro e de si mesmo, nas palavras de Humberto Maturana:

A vida humana não pode ser vivida em harmonia e dignidade se estas contradições emocionais não se dissolverem. Acreditamos que para isso acontecer é necessário recuperar o amor e a brincadeira como guias fundamentais em todas as dimensões da coexistência humana. Ao mesmo tempo, é preciso que tenhamos a audácia de viver seriamente a responsabilidade de seres humanos que querem gerar, no dia-a-dia, um mundo humano em harmonia com a natureza a que pertencem. Devemos atrever-nos a abandonar o emocional patriarcal que nos configura como seres que vivem imersos no emocional da apropriação, valorização da procriação e do crescimento desmedido, controle, busca de segurança, autoridade, obediência e desvalorização das emoções e da sexualidade” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER2004, p.256)

Aprendemos fazendo, observando os outros fazerem. Aprendemos na interação. Como professores, educamos muito mais pelo o que fazemos, do que pelo que falamos. Assim aquele professor autoritário, pode ter um discurso perfeito. Sugerir leituras reflexivas, mas se sua postura é de dominação, o aluno vai reproduzir a postura, o fazer e não o discurso. Só somos capazes de influenciar alguém a partir de nosso fazer. São as relações que são estabelecidas no processo ensino e aprendizagem que nos forma. Se são relações autoritárias e de dominação ou se são relações estabelecidas na cooperação e na confiança, que é o Caminho do Amar. Se discursos fossem bons não estaríamos na situação precária que estamos. Precisamos ter coerência entre aquilo que dizemos e aquilo que fazemos, já dizia Paulo Freire (1996), e ainda:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. (1996, p.73).

Humberto Maturana e Sima Nisis de Rezepka, no livro *Formação Humana e Capacitação* (2000) abordam a diferença entre formação humana e capacitação. A formação humana é saber viver aceitando-se e aceitando os outros na convivência colaborativa. Capacitação é a ampliação das competências e habilidades. A tarefa principal da escola deveria ser a formação humana, onde os alunos percebam que fazem parte do todo, um só com o cosmo. É por meio da formação humana que isso é possível, “já que só se esta se completar é que a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre sua atividade e seu refletir, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir um comportamento ético”. (MATURANA, REZEPKA, 2000, p.11). A capacitação é um instrumento do processo educativo, não deve ser o processo educativo, “uma criança que cresce no respeito por si mesma pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se desejar” (ibidem, p.12). Focamos tanto em capacitação, em conteúdo. Ainda trabalhamos com memorização em pleno século XXI e cópias de livros. Trabalhar dessa forma

“implica que o olhar do professor ou da professora em sua relação com as crianças não deve dirigir-se ao resultado do processo educacional, mas ao acolhimento da criança em sua legitimidade, embora o professor atue consciente do que espera que a criança aprenda” (Ibidem, p.13)

Ao ser questionado pelo pesquisador Bemhard Pörksen, Maturana fala, sobre o que ele faria se as pessoas não quisessem lhe ouvir,

Que passaria? Pero si eso es legítimo. A veces digo en alguna de mis conferencias que yo le agregue três derechos al catálogo de los derechos humanos de las Naciones Unidas. Defiendo el derecho a cometer errores, el derecho a cambiar de opinión, y el derecho a abandonar la sala em cualquier momento. Porque el que puede cometer errores puede corregirse. El que tiene derecho a cambiar de opinión puede reflexionar. Y el que tiene la posibilidad de elevarse e irse, si queda, es por su propia voluntad. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.63).

Acredito que se nossas Escolas e Universidades fossem organizadas a partir desses três princípios, nossos alunos independentemente da idade, saberiam o que é Democracia e Liberdade e agiriam com responsabilidade e autonomia, sem medos e sem amarras. Seriam livres para criar. Rubem Alves, diz que “a criatividade é a manifestação de um impulso que mora na alma humana” (ALVES, 2007, p.105). A criatividade, a liberdade, a solidariedade e o amor já têm morada em nossa biologia, vamos aos poucos adormecendo essas emoções. Ao trilhar o Caminho do Amar, precisamos “acordar”, o que já está em nós, através da cooperação e da percepção da nossa legitimidade e da legitimidade do outro, vivendo e convivendo sem tantas expectativas, vivendo sempre no presente, dessa forma viveremos no bem-estar, ou seja, vivermos no Caminho do Tao, ou Caminho do Amar.



SOBREMESA



*Bom estar com você
Brincar com você
Deixar correr solto
O que a gente quiser
Em qualquer faz-de-conta
A gente apronta
É bom ser moleque
Enquanto puder
Ser super humano
Boneco de pano
Menino ou menina
Que sabe o que quer
Se tudo o que é livre
É super incrível
Tem cheiro de bala
Capim e chulé
Doce, doce, doce
A vida é um doce, vida é mel
Que escorre da boca, feito um doce
Pedaço do céu
(FERREIRA, JOSE, 1986)*

Quem foi criança na década de oitenta, deve lembrar dessa música. Eu lembro de dançar e cantar com a voz da Xuxa Meneghel. Eu fui uma dessas crianças que inclusive sonhava em ser Paqueta³⁶, coisas de criança de onze anos. Não me tornei Paqueta, mas me tornei Professora, também trabalhando com crianças. Muitos sonhos de infância não se realizaram, mas continuo com a mesma crença na vida. Continuo acreditando que a vida é um doce e que ser livre é super incrível e só a partir da liberdade em ser quem se quer ser, poderemos ser felizes. Conhecer nossos limites e as possibilidades do nosso corpo, percebendo que somos um só...corpo e mente, juntos, é fundamental nesse processo pelo Caminho do Amar. A metodologia, a sobremesa deste banquete, foi construída como um doce, que deve se ingerido vagarosamente. O ingrediente principal é a liberdade e a alegria. O brincar é o recheio deste doce, onde descobrir as possibilidades de nossa corporeidade, desenvolvendo a autonomia e criatividade a partir de Jogos dramáticos, fazem parte.

Para mim essa sobremesa tem gosto de brigadeiro de panela, sendo degustado em um dia frio, enrolada em um cobertor no sofá assistindo um bom filme. Tem cheiro de chocolate, amor e alegria. É bom demais! A vida é um doce, vida é mel...se a gente quiser!

³⁶ Ajudante de palco da apresentadora Xuxa Meneghel, trabalhavam diretamente com as crianças que iam ao Programa.

3.1. Hora de pôr a mão na massa: Metodologia

Partimos do princípio de que o ser humano é uma unidade, um todo indivisível. (...)Um movimento corporal é um pensamento. Um pensamento também se exprime corporalmente. (BOAL, 1998, p. 88

O ser humano não é a medida de todas as coisas, o viver humano é a origem de todas as coisas. ((MATURANA, DÁVILA, 2009, p.149)

Esta Tese é um convite a caminhar juntos, imaginando um novo mundo na Educação Infantil. Andaremos por caminhos conhecidos, mas também por caminhos desconhecidos. Convido a caminharem comigo, descalços de preconceitos e expectativas, percebendo cada criança como ser único e legítimo, que precisa ser escutado, acarinhado e visto.

A Metodologia que foi utilizada para percorrer este caminho foi construída a partir da Biologia-cultural, proposta por Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009; 2016). Os autores definem que a

expressão biologia-cultural intenciona designar e evocar a dinâmica sistêmica recursiva do conviver que dá origem, realiza e conserva nosso viver humano, e só é compreensível a partir de um olhar que assume o entrelaçamento constitutivo da dinâmica biológica e da dinâmica cultural que faz a unidade do existir humano. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 17).

Somos seres biológicos-culturais, nada acontece fora da nossa biologia, intermediados pela cultura no fluir de nosso viver. Vivemos e aprendemos a partir das interações culturais que fizemos. Busquei com o suporte da metodologia e com a bibliografia estudada, responder a duas questões, são elas:

- Como as proposições epistemológicas da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana e Ximena Dávila, a partir da perspectiva da Biologia-Cultural, podem contribuir para a formação pedagógica na Educação Infantil?
- Como educar no Caminho do Amar?

As respostas que encontrei serão descritas durante a sobremesa. Aprofundo e concluo as reflexões na hora do cafezinho.

Foi utilizado como base referencial algumas das Leis sistêmicas e meta-sistêmicas desenvolvidas por Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009, 2016) que são sequências de acontecimentos. Descrições das abstrações que um observador faz das coerências do fluir dos processos que distingue o distinguir e ocorre de processos interconectados numa totalidade que chama sistêmica, em seu observar na realização do seu viver, ou seja, são abstrações do operar dos sistemas. (MATURANA, DÁVILA, 2016).

Os autores, definem as Leis sistêmicas e meta-sistêmicas como “abstrações das coerências operacionais que um observador vive no fluir de seu viver no domínio de existência que surge e que habita em seu operar como ser vivo humano em seu observar e explicar seu viver com as coerências operacionais-relacionais da realização do seu viver” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.111). Essas leis, são leis da natureza, que surgem no fluir do viver de cada indivíduo.

Ao me utilizar das Leis Sistêmicas como subsídio para a construção da minha metodologia, tive por base, buscar encontrar a *matriz-operacional-relacional*³⁷, porque educamos as crianças a partir das relações que estabelecemos. Do convívio e trocas de saberes. Ao refletir sobre as operações relacionais na Educação infantil consegui entender como a Biologia-Cultural pode contribuir na Educação Infantil e a possibilidade real de se educar no Caminho do Amar.

A primeira vez que os autores falaram nas Leis Sistêmicas e Meta-sistêmicas foi no livro *Habitar Humano: em seis ensaios de Biologia-Cultural*, publicado no Chile em 2008 e no Brasil em 2009. Os autores propuseram 29 Leis sistêmicas e meta-sistêmicas. Utilizarei apenas 12. Os autores explicam:

O que evocamos como Leis sistêmicas e meta-sistêmicas são abstrações das regularidades sistêmicas que o observador distingue no âmbito de suas reflexões sobre o ocorrer dos sistemas que ele ou ela observa. Como tais, as Leis meta-sistêmicas mostram as dinâmicas

³⁷ Matriz operacional-relacional é a forma que Maturana e Dávila encontraram para analisar o viver a partir do próprio viver, ou seja, a partir da pergunta reflexiva como fazemos o que fazemos, chegar a um ponto e reflexão onde novos olhares e caminhos são construídos.

espontâneas do ocorrer sistêmico no âmbito do viver do observador no observar. (MATURANA, DÁVILA, 2009, 147).

Dessa forma, não é possível separar o observar, do observador. Nada acontece fora da nossa realidade. Olhamos, sentimos, falamos, cheiramos, pensamos, a partir de nossa realidade. Do nosso 'eu", assim o observar faz parte do viver humano, nas relações instituídas e ocasionais. É sobre o observar que acontecem as reflexões e as mudanças no viver e conviver. Os autores explicam

As Leis meta-sistêmicas são leis meta-sistêmicas que correspondem ao fundamento conceitual do perguntar que pergunta sobre o fazer sem adotar nenhum pressuposto ou noção explicativa transcendente como fundamento implícito ou explícito que daria validade ao explicar e entender nosso operar como seres humanos. Estas leis meta-sistêmicas surgem do operar do observador sem outro fundamento que não o seu operar numa dinâmica explicativa que é conscientemente circular. O que fazemos é explicar nosso operar como observadores com as coerências operacionais de nosso operar como observadores: somos ao mesmo tempo o que explicamos e o instrumento conceitual e operacional de nosso explicar. (Ibidem, 2009, 147)

Ao realizar uma intervenção em um ambiente escolar, observo, vejo e sinto conforme as concepções que tenho de Educação, de ser humano, ou seja, as crenças e concepções que tenho em minha vida. Ao me relacionar com outros seres humanos acontece uma mudança em minha estrutura, assim como muda a estrutura do outro. Há uma mudança mútua nessa interação, geramos mundos³⁸, ao viver e conviver, ou seja:

Nessas circunstâncias, torna-se evidente para nós que nosso conhecer passa a ser nosso operar adequado na realização e conservação de nosso viver enquanto geramos com nosso viver os distintos mundos ou domínios cognitivos que vivemos, sendo nós geradores desses mundos e ao mesmo tempo parte deles em nosso viver. (...) O que fazemos é a contínua constatação de que tudo em nosso viver se funda na operacionalidade do nosso viver. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.89).

Para que o ato reflexivo aconteça, precisamos deixar as certezas de lado e estar disposto a nos questionar sobre o porquê fazemos e como fazemos o que fazemos. Uma autoanálise do nosso fazer diário. Assim é,

³⁸ Expressão utilizada por Humberto Maturana e Ximena Dávila referindo-se ao fato de que nós construímos a realidade que vivemos. Não há realidade independente de nós. Cada realidade é um mundo gerado.

a reflexão sobre como fazemos o que fazemos nós, seres humanos, o que dá origem ao olhar que vê a dinâmica relacional dos seres vivos que constitui o conhecer como fenômeno do viver e do conviver, revelando ao mesmo tempo que nós, seres humanos, somos o centro cognitivo do cosmos que geramos com nosso viver, ao tempo que explicamos nosso viver e o que acontece em nosso viver com as coerências operacionais de nosso viver. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.104).

Os autores citados acima deixam claro que a Biologia-Cultural não é um método para ser aplicado, quem tenta fazê-lo é porque não entendeu suas proposições. Aqui não busco criar um método, mas sim utilizar as Leis Sistêmicas e meta-sistêmicas para entender o ser humano na sua epistemologia. Só compreendendo o fazer humano, conseguirei entender o fazer pedagógico na Educação infantil, foco da minha pesquisa.

A Metodologia está dividida em quatro momentos, relacionadas com as Leis sistêmicas e meta-sistêmicas, que serão explicitadas detalhadamente a seguir:

- 1) Conhecer/Observar;
- 2) Ruminação³⁹;
- 3) Atuação/Ação;
- 4) Ruminação Recursiva.

3.2. Conhecer/Observar

Lei sistêmica básica 0: **Possibilidade do Conhecer.** *O humano, possibilidade de todo conhecer, entender e explicar. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 117)*

Lei sistêmica básica 1: **Observar.** *Tudo o que é dito é dito por um observador (ser humano) a outro observador que pode ser ele ou ela mesma" (Ibidem, p.118)*

Lei sistêmica básica 3: **Observador e observar.** *O observador surge com sua distinção reflexiva de seu próprio operar no observar. O observador não preexiste à sua própria distinção reflexiva. (Ibidem, p.120)*

³⁹ O termo Ruminação segundo o dicionário online (<https://www.dicio.com.br/ruminacao/>) em um sentido figurado significa um reflexão demorada, persistente e cuidadosa. Exatamente o que desejo realizar. Conhecer, observar e ruminar sobre a realidade existente. Deglutir vagarosamente o observado e o conhecido, gerando novos conhecimentos e novos mundos.

Lei sistêmica 22. **Ocorre o que ocorre.** *Um ser vivo como sistema determinado em sua estrutura faz em cada instante o único que pode fazer nesse instante segundo suas coerências estruturais desse instante em seu contínuo surgir num presente contínuo em contínua mudança. Nós, os seres humanos, e o cosmos que trazemos à mão em nossas distinções e explicações existimos num presente cambiante contínuo.* (Ibidem, p.146)

Somos seres que nascemos com a capacidade de aprender, de conhecer e observar o mundo que nos cerca e conseqüentemente possuímos a capacidade de entender e explicar o que acontece em nossa volta. Segundo os autores:

conhecer, o compreender e o explicar são atividades humanas, pertencem ao nosso viver e conviver como seres que existimos no linguajar, na reflexão e na consciência de si que surge como operações no conviver no linguajar (...). Num sentido estrito, tudo ocorre no operar reflexivo do observador em seu fluir com outros observadores em coordenações de coordenações de fazeres e de emoções em seu conviver. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.118)

O que observamos, observamos a partir de nós, ou seja, a partir do que o nosso olhar está capacitado para ver. “É impossível separar o que se diz, de quem o disse. Não há separação possível de falante e falado. O observador é, necessariamente, a fonte de tudo” (MATURANA, PÖRKSEN,2004a, p.8).

O observador não é um ente primário, não existe em si ou desde si, surge na distinção reflexiva e recursiva que um ser humano faz sobre seu próprio operar. Estamos fazendo o que fazemos quando nos perguntamos pelo que fazemos, estamos vivendo como vivemos quando nos perguntamos pelo nosso viver, estamos sentindo o que sentimos quando nos perguntamos sobre o que sentimos. O que nos acontece está acontecendo quando distinguimos o que nos acontece como uma experiência em nosso viver. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.120).

Este primeiro momento da construção da pesquisa foi o de observar a rotina de duas escolas de Educação Infantil no município de Santiago, RS. Este

momento foi orientado pelas seguintes perguntas⁴⁰, que me auxiliaram nas reflexões:

- Como fazemos o que fazemos?
- Como explico meu viver a partir do meu viver?
- Sinto prazer em fazer o que estou fazendo?

Os autores falam que o ser de cada indivíduo é inacessível, só podemos acessá-lo a partir de nosso fazer, e ainda:

O viver nos ocorre, não o fazemos, e nos ocorre como nos ocorre (...). Somente quando aceitamos esta condição do nosso viver como ponto de partida para explicar nosso viver é que podemos tomar consciência de que, se nos perguntarmos por como fazemos o que fazemos em vez de nos perguntarmos como somos, podemos de fato explicar nosso viver com as coerências operacionais de nosso viver sem fazer pressupostos explicativo algum. ((MATURANA, DÁVILA, 2009, p.146).

O momento do “Observar”, foi constituído de 8 horas aula, que foram distribuídos conforme a disponibilidade das Escolas de Educação Infantil. Busquei observar momentos distintos, onde o olhar foi para a relação afetiva, empatia, relação professor (a) – aluno(a) e professor(a) - professor(a) e professor(a) e equipe gestora. Busquei entender como a percepção da legitimidade do outro influencia no processo de ensino e como os laços afetivos podem ser fortalecidos. Cabe salientar que a observação não buscou apontar erros e acertos, mas apenas dar suporte para a construção das informações que formaram o cenário para a criação das demais etapas: atividades com as crianças e formação com os professores. Como escreve Valdo Barcelos, em seu livro “Uma educação nos trópicos. Contribuições da Antropofagia Cultural nos trópicos” (2013), ao descrever o que o orientou nas reflexões descritas no livro: “foi o desejo de contribuir com a edificação de uma educação como um processo de construção humana, pautada por uma visão ecológica e solidária de mundo” (2013, p.27). Assim acredito e por isso propus esta pesquisa, com a intenção de contribuir com uma educação mais amorosa e generosa.

⁴⁰ As perguntas feitas orientaram o meu observar. Não serão necessariamente feitas diretamente aos professores. Serão observadas no conversar e no agir. Essas perguntas são adaptações feitas a partir da Leis sistêmicas e meta-sistêmicas desenvolvidas por Humberto Maturana e Ximena Dávila (2009, 2016).

3.3. Ruminação

Lei sistêmica básica 4: **Fluir recursivo do operar.** O ato de reflexão ocorre no operar do observador na conservação que distingue seu próprio operar; e ocorre como um processo do viver que leva à contínua conservação da ampliação recursiva da compreensão do próprio viver, da consciência de si e das ações efetivas próprias do fluir do viver no presente de contínua mudança que essa mesma reflexão recursiva gera, e ocorre no ato de soltar a certeza de que se sabe o que se acredita que se sabe. (Ibidem, p.121)

Lei sistêmica básica 6: **Geração de Mundos.** O mundo que vivemos em cada instante é o âmbito de todas as distinções que nós seres humanos fazemos, que pensamos que podemos fazer, que pensamos que poderíamos fazer ou que pensamos que não poderíamos fazer no curso de nosso viver como seres que existimos em nosso operar reflexivo de observadores que vivemos no conversar. (Ibidem, p. 123)

A reflexão sempre nos coloca em um espaço novo que não era conhecido a priori. Geramos mundos ao refletir sobre o nosso fazer no mundo. Este momento foi o momento onde o que foi observado e conhecido foi ruminado a partir do meu observar e conhecer. Degustei o visto e o vivido. Este momento da pesquisa foi realizado sem pré-conceitos, sem certezas, apenas a vontade de aprender e ruminar o visto, o sentido, o observado, o ouvido. As certezas foram soltas, liberadas, para que novos conhecimentos e novas percepções podem emergir e principalmente para que novos mundos fossem imaginados e criados. Novos olhares, novas perspectivas só podem nascer se forem gestadas no voo livre do fluir do viver, sem certezas absolutas. As percepções feitas foram registradas em diário de campo, fotos e vídeos, para posteriormente serem analisadas na Ruminação Recursiva.

3.4. Atuação/Ação

Lei sistêmica básica 7: **Devir evolutivo:** O curso que segue o devir evolutivo dos seres vivos em geral e dos seres humanos em particular, na sucessão das gerações que constituem suas respectivas linhagens, surge momento a momento em seu deslizar-se em seu viver guiado por suas referências, gostos, desejos, na realização e conservação do bem-estar no viver. De modo que, se quisermos saber como se configurou o viver presente de qualquer classe de organismos, devemos perguntar-nos sobre os sentires relacionais em seus

ancestrais, cuja conservação transgeracional deu forma a seu viver relacional atual. Assim, se olharmos nosso viver relacional atual como seres humanos que nascemos seres amorosos, podemos dizer que a configuração de sentires relacionais cuja conservação transgeracional no conviver de nossos ancestrais nos deu origem como Homo sapiens-amans amans tem que ter sido o amar.

Lei sistêmica 8. **Conservação e mudança.** *Cada vez que num conjunto de elementos começam a se conservar certas relações, abre-se espaço para que tudo mude em torno das relações que se conservam. (Ibidem, 127)*

Lei meta-sistêmica 25. **Ser vivo e meio.** *Um ser vivo e o meio que o contém mudam juntos de maneira congruente como o resultado espontâneo de suas interações recursivas somente se, no fluir de mudanças estruturais, que essas interações desencadeiam em ambos, o ser vivo conserva sua autopoesis e sua relação de adaptação ao meio em seu nicho. Se isso deixa de ocorrer, o ser vivo morre; e, se não morre, seu viver segue um curso orientado pelo bem-estar relacional em sua relação com o meio. (Ibidem, p.149)*

As atividades foram realizadas em dois momentos distintos:

- atividades com as crianças;
- atividades de formação com os professores.

Para ter clareza do trabalho que foi realizado faz-se necessário entender o que é intervenção e como ela deve ser organizada. Para isso me aproprio da definição de Damiani (2012):

[...] denomina-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de pôr à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino/aprendizagem neles envolvidos. Para que a produção de conhecimento ocorra, no entanto, é necessário que se efetivem avaliações rigorosas e sistemáticas dessas interferências. [...] penso ser importante enfatizar um aspecto essencial que deve ser levado em conta na elaboração dos relatos de pesquisas do tipo intervenção: a separação entre a) o método da intervenção, que descreve a prática pedagógica implementada, de maneira detalhada, fundamentando-a teoricamente; e b) o método de avaliação da intervenção, que especifica os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para tal intervenção (DAMIANI, 2012, p. 03)

O momento da avaliação, chamo nesta Tese/Degustação de Ruminação Recursiva.

Atividades com as crianças:

Esse momento foi realizado através do ato de brincar e jogos dramáticos, trabalhando a corporeidade. Foram realizados cinco encontros, com atividades e exercícios. Entendendo exercício a partir da concepção de Augusto Boal:

todo movimento físico, muscular, respiratório, motor, vocal que ajude aquele que o faz a melhor conhecer e reconhecer seu corpo, seus músculos, seus nervos, suas estruturas musculares, suas relações com os outros corpos, a gravidade, objetos, espaços, dimensões, volumes, distâncias, pesos, velocidade e as relações entre essas diferentes forças. Os exercícios visam a um melhor conhecimento do corpo (...). O exercício é uma *reflexão física* sobre si mesmo. Um monólogo, uma introversão. Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são *extroversão*. (BOAL, 1998, p. 87)

Com a realização dos jogos e exercícios busca-se que a criança, a partir da percepção da sua própria corporeidade, se reconheça como ser único e perfeito, dessa forma percebendo e aceitando também a legitimidade dos outros seres que com ela convivem. Sobre a fundamental importância dos jogos e exercícios, Maturana aponta para a descoberta da doutora Verden-Zöllner:

En primer lugar, la relación materno-infantil en el juego como relación de total aceptación y confianza en el encuentro corporal con la atención puesta en la relación y el encuentro, no en el futuro o salud del niño, no en lo que vendrá, sino que en el simple fluir de la relación, es fundamental para el desarrollo de la conciencia corporal y manejo del espacio del niño. En segundo lugar, ella descubrió que esa relación de total aceptación y confianza en el encuentro corporal de la madre y el niño es esencial para el crecimiento del niño como un ser que puede vivir en la dignidad del respeto por sí mismo en conciencia individual y social. Y, en tercer lugar, la Dra. Verden-Zöllner descubrió que toda actividad realizada con la atención puesta en ella se realiza en el juego, en el presente que no confunde proceso con resultado, y, por lo tanto, en inocencia, sin tensión ni angustia, como un acto que se vive en el placer y es fundamento de la salud psíquica porque se vive sin esfuerzo aun cuando haya al final cansancio corporal". (MATURANA, VERDEN-ZÖLLNER, 2005, p.269)

Optei por trabalhar com exercícios e jogos dramáticos porque eles são excelentes para ampliar o reconhecimento da sua própria corporeidade e das

outras pessoas que com eles convivem. Bem como, esse tipo de atividade trabalha muito bem as emoções e sentimentos, além de serem lúdicos. Cada jogo foi escolhido por essa característica, mas principalmente por serem atividades que não há competição. Como já foi descrito em outros momentos da escrita, não há competição sadia. Na competição sempre há a negação do outro. Não objetivo formar atores, portanto o único objetivo desta proposta é trabalhar a corporeidade e as emoções, fortalecendo os laços afetivos entre as crianças, o contato corporal, o toque e a sensibilidade, e principalmente para que eu observasse o viver e conviver das crianças na escola. Foram realizados jogos e exercícios orientados, a partir dos jogos dramáticos de Olga Reverbel (1978, 1996, 2007) e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1998).

O trabalho foi desenvolvido com os alunos da Educação Infantil, na idade de 4 a 5 anos.

A seguir a descrição das atividades realizadas com as crianças e com os professores.

a) **Primeiro dia:** *Simplemente brincar...*

- Dispor materiais como: papel, cola, tesoura, massa de modelar, gravetos, folhas e brinquedos, onde o grupo de crianças irão brincar da forma que quiserem, com os materiais que escolherem.

b) **Segundo dia:** *Descontração e construção de laços de confiança com a pesquisadora*

- Aquecimento e descontração:

- **Ginástica historiada:** Enquanto a história é lida, as crianças vivem o que está sendo narrado. Dramatizam a história.

FOGO NO CIRCO

O circo estava armado no centro da praça. A lona era muito grande, muito grande

mesmo (o professor abre os braços para dar ideia do tamanho da lona e as crianças imitam). Lá dentro havia uma porção de bichos: leão, tigre, girafa, cavalo, onça, urso e um macaco. Era noite e estava escuro. Os bichos estavam todos dormindo. Não se ouvia nenhum barulho. Quem tomava conta do circo de noite era o Sr. João, um velhinho que sempre levava na mão uma lanterna acesa. Seu João estava sentado e ouviu um barulho. Ele se levantou e foi andando devagarzinho, assim na pontinha dos pés (deslocamento de todo o grupo). Começou a sentir cheiro de queimado e foi andando mais depressa (marcha), mais depressa, mais depressa... Começou a correr na direção do barulho e viu um fogo ainda pequenininho. Voltou correndo e passou assim, por baixo dos bancos (quadrupedismo). Para chegar mais depressa à rua, gritou: — O circo está pegando fogo, o circo está pegando fogo! Começou a juntar gente e logo chegaram os bombeiros.

Vieram muitos carros, e os bombeiros puseram as escadas e foram subindo (Subir) e começaram a jogar água na fogueira que já estava muito grande.

Os leões urravam (imitar), os cavalos relinchavam, os tigres rugiam, os macacos guinchavam. Os pobres macacos, que estavam presos nas jaulas, começaram a pular de um lado para outro (saltar), pois o fogo já estava perto deles.

Seu João veio abrir as jaulas. Os macacos subiram pelas grades e começaram a atravessar o circo de um lado para o outro, caminhando por cima de um arame (equilibrar), com muito cuidado para não cair, até chegarem onde não havia mais fogo (colocar no chão uma corda para as crianças andarem em cima).

Os macacos também quiseram ajudar e começaram a jogar (lançar) tudo para fora do circo. Jogaram as bolas, os arcos, as roupas. Tudo que encontraram eles iam jogando.

Então os bombeiros apagaram o fogo.

Os carros começaram a voltar para o quartel dos bombeiros. Iam correndo pelas ruas (correr), com a sirene tocando assim (correr imitando barulho da sirene).

Lá no circo já estava tudo calmo outra vez.

Se João, que tinha tomado um grande susto, agora estava contente, porque tinha salvado todos os bichos. E foi feliz para casa andando (marcha final com todas as crianças cantando). (PINTO, LIMA, 2005, p.43)

- Corporeidade: Um toque de carinho

- **Marionete:** Em duplas, frente a frente. Uma criança é o manipulador e a outra é a marionete. A um sinal dado, o manipulador começa a movimentar os fios preso no corpo da marionete imaginariamente; depois deve inverter os papéis. (REVERBEL, 1996, p.38)

- **Representação de objetos e monumentos com o corpo, sem movimento e com movimento (REVERBEL, 1978, p. 25-26):**

- Formar grupo de 4 a 6 crianças;
- Cada grupo ficará num espaço da sala;
- Cada grupo vai receber o nome de um objeto e deverão construí-lo com o corpo (mesa, cadeira, casa, igreja, escada...)
- Cada grupo vai fazer sua montagem e apresentar aos colegas;
- O momento seguinte da atividade é construir objetos com movimento (batedeira, porta giratória, riacho, moinho, árvore...)
- A atividade segue a dinâmica da anterior;
- Os objetos serão escolhidos livremente pelas crianças;

Quando as crianças cansarem de realizar a atividade, conversar sobre o que sentiram, quais emoções surgiram. O tempo de duração de todas as atividades é determinado pelas crianças.

c) **Terceiro dia:** *Imaginação e trabalho colaborativo*

- **Construção de história com objetos:** Oferecer as crianças diversos objetos: chapéu, guarda-chuva, echarpe, máscaras, bolsas, etc...Cada criança deverá escolher um objeto e criar uma história utilizando os objetos. Primeiramente individual, depois em grupos (REVERBEL, 1978, p. 11)

- **Posando:** Serão formados grupos de 5 a 10 crianças; uma criança de cada grupo vai fazer uma pose; Os outros, por sua vez, vão se juntando ao primeiro, formando uma única escultura. (REVERBEL, 1996, p.37)

- **Relaxamento:** Os alunos deitados de forma bem confortável. Música suave. Solicitar que eles percebam a respiração, o ar que entra e o ar que sai.

Calmando, relaxando.... imaginando uma árvore sendo embalada pelo vento lentamente...

d) Quarto dia: *Emoções, sentimentos e corporeidade*

- **Modelador:** As crianças serão divididas em duplas; após o sinal dado; uma criança modela a outra conforme sua vontade, como se fosse um escultor; Depois inverte os papéis (REVERBEL,1996, p.36);

- **Carinho no rosto:** As crianças deverão fazer carinho no rosto da sua dupla. A cada sinal deverão trocar de dupla;

- **João Bobo:** Os alunos serão divididos em grupos de 3. Dois alunos, um em frente ao outro com os braços para a frente. O terceiro fica no meio, e deverá ser jogado carinhosamente para frente e para trás, na total confiança que os colegas não irão derrubá-lo. Inverte, os lugares até todos passarem pelo meio. (BOAL, 1998, p. 95)

- **Como termina a história?** (REVERBEL, 2007, p.145)

Os alunos estarão sentados no chão em círculo. Eles deverão ouvir a história que será iniciada e cada um vai construir um final para a história. Será levado fantoches com os personagens e com as expressões do sentimento para despertar o interesse dos alunos.

Era uma vez uma menina chamada Melissa, que tinha um gato azul. Todos os dias ela dava comidinha a ele. Um dia, ela começou a procurar o Azul. Melissa começou a ficar preocupada, chamou, chamou, chamou, procurou e nada do Azul. Melissa ficou triste.... mas aí.....

Cada criança será incentivada a falar sobre seus sentimentos em relação a história.

e) Quinto dia: *Simplesmente brincar...*

- Realizar a mesma atividade do primeiro dia com o objetivo de observar se houve alguma diferença na forma de relacionamento dos alunos, no trabalho colaborativo:

- Dispor materiais como: papel, cola, tesoura, massa de modelar, gravetos, folhas e brinquedos, onde o grupo de crianças irão brincar da forma que quiserem, com os materiais que escolherem.

Atividades de formação com os professores (as).

Este momento será realizado conforme a disponibilidade das escolas e dos professores que desejarem participar da pesquisa.

O primeiro momento será uma roda de conversa⁴¹ sobre o como fazemos o que fazemos.

O segundo momento será com os mesmos jogos dramáticos desenvolvidos com as crianças. Com apenas uma exceção, a primeira atividade será realizada apenas aos professores. O objetivo é perceber como a corporeidade e as emoções suscitadas a partir dos jogos dramáticos são recebidas pelos adultos.

Alguns questionamentos que orientaram meu olhar e escrita na *Ruminação recursiva*:

- Os adultos reagem como as crianças?
- Quais barreiras dificultam a realização das atividades?
- Adultos e crianças expressam suas emoções da mesma forma?
Quais as diferenças e semelhanças?

Serão selecionados alguns jogos dramáticos, não seguindo a mesma sequência do proposto para as crianças. Após a realização das atividades novamente será proposta uma roda de conversas sobre como cada professor (a) se sentiu ao realizar as atividades;

⁴¹ Roda de conversa, método dialógico criado por Paulo Freire, onde educadores e educando dialogam, exercitando a escuta do outro. Cada um percebendo a importância do outro como sujeito cognoscente, capaz de transformar a realidade.

Atividades selecionadas para os professores (as)

- Círculo de nós (BOAL, 1998, p.97)

Os professores (as) se juntam em bloco, levantam os braços, todos juntos, dão-se as mãos, e cada um aperta as mãos de outros dois; em seguida separam-se e tentam criar um círculo, sem jamais soltar as mãos nem mudar suas mãos de posição ao agarrar as dos outros.

- Representação de objetos e monumentos com o corpo, sem movimento e com movimento (REVERBEL, 1978, p. 25-26):

- Formar grupo de 4 a 6 professores (as);
- Cada grupo ficará num espaço da sala;
- Cada grupo vai receber o nome de um objeto e deverão construí-lo com o corpo (mesa, cadeira, casa, igreja, escada...)
- Cada grupo vai fazer sua montagem e apresentar aos colegas;
- O momento seguinte da atividade é construir objetos com movimento (batedeira, porta giratória, riacho, moinho, árvore...)

- **Carinho no rosto:** As crianças deverão fazer carinho no rosto da sua dupla. A cada sinal deverão trocar de dupla;

- **João Bobo:** Os alunos serão divididos em grupos de 3. Dois alunos, um em frente ao outro com os braços para a frente. O terceiro fica no meio, e deverá ser jogado carinhosamente para frente e para trás, na total confiança que os colegas não irão derrubá-lo. Invertem-se os lugares até todos passarem pelo meio. (BOAL, 1998, p. 95)

- **Construção de história com objetos:** Oferecer as crianças diversos objetos: chapéu, guarda-chuva, echarpe, máscaras, bolsas, etc... Cada criança deverá escolher um objeto e criar uma história utilizando os objetos. Primeiramente individual, depois em grupos (REVERBEL, 1978, p. 11)

- **Relaxamento:** Os alunos deitados de forma bem confortável. Música suave. Solicitar que eles percebam a respiração, o ar que entra e o ar que sai. Calmando, relaxando... imaginando uma árvore sendo embalada pelo vento lentamente...

- Roda de Conversa sobre os sentimentos, dificuldades e emoções que surgiram na realização das atividades;

- Para que a reflexão fluísse, utilizei o texto “Ser professor”, de Humberto Maturana (1990) (ANEXO 5). Além do texto conversamos sobre essas 3 questões:

- Como fazemos o que fazemos?
- Como explico meu viver a partir do meu viver?
- Sinto prazer em fazer o que estou fazendo?

3.5. Ruminação Recursiva: Bolo pronto! Que alegria!

Relato de uma experiência no viver e conviver

*Lei sistêmica 15: **Presente em contínua mudança.** Uma unidade composta (sistema) opera em sua dinâmica interna em cada instante de acordo com suas coerências estruturais desse instante, num fluir de mudança sem alternativas e numa dinâmica estrutural que ocorre como um contínuo presente cambiante em que não há passado nem futuro. Nós seres vivos, existimos num contínuo presente cambiante, é o próprio cosmos em seu surgir do explicar as coerências operacionais do viver do observador, ocorre como um contínuo presente cambiante num contínuo trânsito evanescente. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 136)*

*Lei sistêmica 20. **Determinismo estrutural no viver.** Os seres vivos enquanto entes moleculares autopoéticos operam e se conservam em seu operar como entes determinados em sua estrutura, e tudo o que lhes sucede ocorre no curso de suas mudanças estruturais na realização de sua autopoiese molecular se conserva através dessas mudanças estruturais. (Ibidem, p.144)*

*Lei meta-sistêmica 29. **Resultado e resultar.** O resultado de um processo não é nem pode ser um fator no suceder do processo que lhe dá origem. O resultado de um processo não opera nem pode operar como fator para o início do processo que lhe dá origem. O resultado e o processo que lhe dá origem pertencem a domínios disjuntos não redutíveis um ao outro. Nada ocorre no suceder do viver ou dos processos que constituem a realização do viver dos seres vivos ou no suceder do cosmos que o observador traz à mão em suas operações*

de distinção ao explicar em seu viver, por ser o resultado desse suceder necessário ou desejável para esse ocorrer. (Ibidem, p.153)

Ao realizar a intervenção em duas escolas de Educação Infantil, na cidade Santiago/RS, proposta no Projeto de Tese “Pelo Caminho do Amar: Biologia do Amar e Biologia do Conhecer, gerando mundos na Educação Infantil”, apresentada à Banca Examinadora no dia 01 de abril de 2019, modifiquei meu olhar, fiz a intervenção, li, estudei, refleti e a partir de sugestões da Banca, construí essa escrita. Neste processo de construção modifiquei o título para “*Pelo Caminho do Amar: Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena Dávila*” porque define melhor a minha escrita. Não sou mais a mesma, isso é certo. Fui modificada na convivência com as crianças e professores que interagi e eles foram modificados por mim, porque o meio e o ser vivo se modificam a partir dos fazeres relacionais. Nas palavras de Humberto Maturana e Ximena Dávila:

O ser vivo e o meio em que conserva seu viver são domínios de determinismo estrutural disjuntos e autônomos; o que sucede num não pode expressar-se em termos do que sucede no outro, e as dinâmicas de mudança estrutural de um e de outro são independentes. Contudo, o ser vivo e o meio que o contém se modulam reciprocamente em seu fluir estrutural através das mudanças estruturais que se desencadeiam recursivamente em seus encontros numa imediatez relacional com o meio, que temos chamado de nicho. O resultado espontâneo de tudo isso é que o organismo e a circunstância de seu viver ou nicho mudam juntos, na conservação de uma relação de acoplamento estrutural, ou conservação da adaptação de modo que o ser vivo na medida em que essa relação se conserva espontaneamente no fluir de seu viver. (MATURANA, DÁVILA, p. 144)

As leis sistêmicas 15, 20 e 29, citadas na epígrafe foram utilizadas como subsídio para a análise das reflexões. Chamo este momento da pesquisa de *Ruminação recursiva*, devido ser o momento da análise das observações, das leituras feitas e atividades executadas. Depois do bolo pronto, é o momento de sentar-se e saborear, sentindo os sabores e planejando bolos futuros. Momento de reflexão lenta e construção da Tese. Recursiva é aquilo que pode ser repetido, dessa forma almejo exatamente isso. Que os resultados após serem deglutidos, ruminados, sejam recursivos e possam ser repetidos por quem assim desejar, Que novos “bolos-ideias” surjam, utilizando esta metodologia e variando os sabores, coberturas, assim novas delicias serão construídas.

O que norteou toda a pesquisa desta Tese foram duas questões:

- Como as proposições epistemológicas da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana e Ximena Dávila, a partir da perspectiva da Biologia-Cultural, podem contribuir para a formação pedagógica na Educação Infantil?
- Como educar no Caminho do Amar?

Para responder essas questões realizei a intervenção que nomeiei como “Atuação/Ação”. Precisava ter este contato com as crianças e com a vida na escola. Precisava ver, sentir, ouvir a vida das crianças na instituição, dessa forma a intervenção foi realizada em duas escolas de educação infantil no Município de Santiago/RS. Uma escola particular e a outra pública. A escolha foi feita porque acredito que existe muito preconceito com o que é público, como se fosse algo de ninguém, ao contrário do real. O que é público é todos e deveria ser valorizado e respeitado. O que é público é pago por todos. Pagamos e muito para ter escolas, hospitais, postos de saúde etc. Assim como quem opta pela escola particular, também paga e que também sofre preconceito, como se lá só existissem pessoas com poder aquisitivo elevado, e fora da realidade. O que percebi que tem muitos alunos na escola particular que os pais fazem um esforço para pagar a mensalidade porque não conseguiram vaga na escola mais próxima de sua residência, ou por outros motivos que não cabem aqui descrever, mas que fizeram uma escolha legítima. Percebo que tanto a escola particular quanto a pública de certa forma sofrem preconceitos por pessoas que desconhecem a realidade.

No decorrer da escrita expressei minhas ponderações a partir do que observei e vivenciei nas duas instituições. Vou contar minha experiência/intervenção, junto e misturado das duas escolas, sem revelar qual é pública e qual é privada, porque não vejo necessidade disso. Adianto que não observei diferenças em relação a qualidade do ensino e aprendizagens nessas duas instituições. Cada uma com suas especificidades e realidades.

Nesse momento de construção e ruminação voltarei a mencionar algumas Leis sistêmicas no decorrer do texto conforme as análises da intervenção forem sendo feitas, para colaborar no entendimento da pesquisa e na construção da

resposta às perguntas orientadoras dessa Tese. Meu foco não é, e não era fazer avaliação do público e privado e nem dos professores. Relato a escolha que fiz de realizar a pesquisa em uma escola pública e outra privada, para constar o registro fiel, mas que não houve intenção de qualificar uma em detrimento de outra, ou defender um tipo de mantenedora, elegendo a melhor.

O presente em contínua mudança, é o fundamento da lei sistêmica número 15, uma das quais orienta está ruminção. Esta lei fala que é

somente depois de ter feito o feito ou vivido o vivido que podemos dizer que nos enganamos; portanto, não cabe a culpa pelo erro ou equívoco vivido; somente cabe a reflexão que convida a ampliar a consciência e atuar de outra maneira na conservação da honestidade e do respeito por si mesmo (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.136).

Observei o presente das relações de convivência entre as crianças, entre professores e gestores, professores e crianças e professores e professores, sem procurar falhas e erros, apenas observei a vida fluindo neste processo de ensino e aprendizagem. Não usarei o nome real das escolas, como estamos na Sobremesa deste Menu/degustação, apenas identificarei como Escola Brigadeiro e Escola Cajuzinho.

A Escola Cajuzinho foi a primeira a ser visitada e onde aconteceu primeiramente a intervenção. O primeiro contato com a direção da escola foi de total aceitação e posso dizer de alegria do trabalho ser realizado lá. Solicitei que o próximo passo só seria dado se a professora regente realmente quisesse, porque não haveria sentido realizar um trabalho utilizando a Biologia do Amar e a Biologia do Conhecer em algo imposto, ou feito de forma impositiva pela direção à professora.

Observei os ambientes, interagi com as pessoas que fazem a escola acontecer, estabeleci vínculos. Relações pautadas no respeito e aceitação mútua foram estabelecidas em cada ambiente visitado e observado.

O primeiro momento nas duas escolas foi do “Conhecer/Observar”. Uma das Leis sistêmicas que orientou este momento foi a Lei sistêmica básica 0, que diz que “o conhecer, o compreender e o explicar são atividades humanas, pertencentes ao nosso viver e conviver como seres que existimos no *linguajar*, na reflexão e na consciência de si que surgem como operações no conviver no

linguajar” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 118). Dessa forma, o observar é um ato que parte da minha experiência, do meu ver e sentir, e mesmo no ato de apenas observar, existe também o conviver e neste conviver há trocas de experiências e aprendizagens.

Conheci e observei o trabalho de duas professoras, Girassol e Lavanda⁴², e em todo o momento percebo o carinho e dedicação que ambas têm em sua tarefa de educar. Percebo que a prioridade para as duas é o contato amoroso com as crianças, as relações estabelecidas com muito afeto e compreensão.

A Lei sistêmica básica número 01, que também fundamenta este momento, fala do “Observar”, diz que

O observador não é um ente ou um operar transcendente; o observador surge quando o observador distingue seu observar em seu observar. A Biologia do Conhecer e a Biologia do amar surgem em conjunto como o entendimento do operar do observar e do observador se pergunta a si mesmo sobre como ele ou ela opera no observar e, ao fazer isso, assume: a) que, no momento de viver uma experiência, o observador não distingue entre o que em relação a outra experiência chamará depois de ilusão ou percepção; e b) que, pelo dito antes, ele ou ela só pode dizer que o que distingue surge na operação de distinção com que o traz a mão no observar. O fato de que não possamos dizer na experiência que vivemos se mais tarde a invalidaremos como uma ilusão ou a validaremos como uma percepção em relação a outra experiência que aceitamos como válida não é em nós uma limitação cognitiva circunstancial, e sim nossa condição de existência como seres vivos humanos, a própria de nosso ser sistemas moleculares determinados em sua estrutura” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 119)

Então as observações no momento do observar, foram consideradas válidas e registros foram feitos a partir do meu sentir. Aqui exponho o que percebi e vivi nas duas instituições de Educação Infantil.

Na escola Cajuzinho as crianças têm aulas de Educação Musical, assisti uma dessas aulas e as crianças pediram para professora para cantarem uma música para mim, neste momento percebi que tinha sido aceita no grupo integralmente. As crianças se sentaram na grama para cantar. Acredito na importância do trabalho de todas as expressões artísticas para o pleno desenvolvimento da criança. A arte desperta a sensibilidade. Cabe salientar que o trabalho com essa disciplina é garantido por lei. A Lei de Diretrizes e Bases da

⁴² Na escrita explico minhas motivações por escolher estes nomes fictícios.

Educação, LDB, 9.394, que veio para substituir a LDB de 1971. Foi reescrita pelo Senador Darcy Ribeiro e sancionada em 20 de dezembro de 1996. Considerada um grande avanço para a Educação. Esta lei determina que a Disciplina de Arte é tão importante quanto qualquer outra. Fato inédito até aquele momento, pois a arte estava apenas associada a trabalhos manuais. Também a lei 9.394 introduz as quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, música e teatro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para a Arte, apresenta a importância dessa disciplina para o desenvolvimento integral do aluno,

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, PCNs/ARTE, 1998, p.20)

Além do trabalho com a arte, o contato com a natureza é constante nesta instituição, eles possuem um espaço riquíssimo, com árvores e gramado. As turmas brincam livremente pelo ambiente. Em um dia na Escola Cajuzinho, fiquei emocionada com o que observei. A professora Girassol estava no pátio da escola com seus alunos, vinte crianças, de 4 a 5 anos. Neste local, além de belas árvores, tem uma elevação com gramado formando uma descida. Uma criança foi lá e experimentou descer rolando e gostou do que fez e voltou a fazê-lo, os colegas perceberam que era muito divertida aquela brincadeira e foram se aproximando, em 10 minutos estavam todas as crianças descendo rolando pela grama, assim percebi que aquele momento de total entrega era realmente, o brincar que Maturana e Verden-Zöllner (2004) descrevem, ou seja, uma atividade sem um fim, sem objetivos e metas a serem cumpridas, um momento de total entrega e prazer. Isso não quer dizer que as crianças neste momento não estavam aprendendo. Aprenderam:

- a respeitar o espaço do outro, porque se um rolasse sem ver realmente o colega, bateria com o pé no rosto do outro;
- a ter paciência e esperar a sua vez para rolar na grama;
- a conhecer melhor seu corpo, exercitando-o e se movimentando;

Como observadora descrevo essas três aprendizagens, mas imagino que foram muito mais. Até fiquei morrendo de vontade de também rolar na grama.

Durante toda a brincadeira, a professora só ficou observando e pronta para “ajudar/intervir” se algo saísse do controle, como se ao rolar alguém batesse no outro por acidente. Mas não houve necessidade da intervenção. Eles brincaram até que cansaram daquela atividade, e logo procuram outra coisa para fazer.

Gerda Verden-Zöllner, pesquisadora alemã, escreve em coautoria com Humberto Maturana o livro “Amar e brincar-fundamentos esquecidos do humano” (2004), descreve a importância do brincar para que a criança tenha consciência de si e do outro. Ela descreve que a criança só “alcança a plenitude de sua integridade biológica sensório-motora, emocional e intelectual se vive na total confiança que a plena aceitação da mãe e do pai implicam” (Ibidem, p.228). A autora também relata que em nossa cultura, o desenvolvimento pleno da criança é alterado, devido os pais viverem no futuro, e os filhos se tornarem um projeto em desenvolvimento. A autora explica que

A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeiras com a mãe e o pai. Nessas interações, seus corpos se encontram em total aceitação mútua quando se tocam, escutam-se e se veem no presente, numa dinâmica de confiança mútua total (MATURANA, VERDEN-ZÖLLNER, 2004, p. 229)

A legítima aceitação da criança, de como ela é, pelo professor, é imperativo para o seu desenvolvimento integral. O professor torna-se um dos adultos referência da criança. Por isso, a grande necessidade da sensibilidade do professor, para saber respeitar seus limites, desejos e vontades. Escutando a criança, dando-lhes liberdade para que ela se expresse, se movimente e descubra seu corpo e o mundo que ela vive, através da brincadeira.

Na escola esta relação de contato e de desenvolvimento da corporeidade é imprescindível para a criança. Correr, rolar na grama, subir em árvores, são atividades que desenvolvem a motricidade ampla, mas também o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a mesma autora diz que “nossa

consciência operacional do mundo em que vivemos é uma expansão de nossa consciência corporal. Os mundos que vivemos surgem como domínios de ações enquanto realizamos nossa corporeidade em nossas coordenações sensório-motoras” (Ibidem, p.231). As crianças precisam mais de atividades ao ar livre, andar descalços, interagir com a natureza, do que atividades sentadas em uma mesa pintando, recortando e colando. Isso não quer dizer que não deva ter atividades dentro da sala de aula, onde o recorte e a pintura estejam presentes. A criança também se diverte fazendo isso, mas o foco não deveria ser esse. A realidade que conheço é que muitas escolas da Educação Básica não possuem área externa, com grama e árvores. O cimento e falta de espaço é o comum. Isso dificulta o trabalho dos professores, mas não impossibilita, pois existem outros espaços, fora da escola, que podem ser utilizados para brincar, onde as crianças possam correr e realizar suas brincadeiras. Insisto na questão do correr porque já vi inúmeras crianças que desde muito cedo ficam restritas a apartamentos e atividades com telas de computador, celular e televisão e não sabem correr. Isso é um crime que nossa cultura está cometendo e se tornando comum. Vamos colher os frutos disso, pois essas crianças poderão se tornar adultos que não conseguiram estabelecer vínculos e ter relacionamentos íntimos saudáveis, porque desaprenderam a brincar, a correr, a subir em árvores e ter amigos, a Dr. Gerda Verden Zöller, complementa dizendo

Adquirimos consciência individual e social por meio da consciência corporal operacional. Esta, por sua vez, é por nós adquirida no livre brincar com nossas mães e pais ao crescermos como seres que vivem na linguagem, na intimidade de nossa convivência com eles. Perdemos nossa consciência social e individual à medida que deixamos de brincar. E assim transformamos nossas vidas numa contínua justificação de nossas ações em função de suas consequências, num processo que nos torna insensíveis em relação a nós mesmos e os demais (Ibidem, p.232).

Se um dia apenas pararmos para observar e olhar as situações cotidianas, como em um mercado, banco ou no trânsito, percebemos que essa insensibilidade já é uma realidade. Pessoas ansiosas, angustiadas e insensíveis. Fruto dessa cultura que prioriza o ter e ser o melhor, gerando pessoas centradas apenas em seu ego, em seu fazer e sentir, com dificuldades de perceber o outro. Maturana e Dávila dizem que se

el bebé se encuentra viviendo en un mundo humano patriarcal-matriarcal autoritário, esa unidad biológica-psíquica-sensorial-corporal fundamental, que tiene al nacer, se va rompendo, fragmenta y su armonía psíquico-corpórea se dañará. Si, en cambio, el bebé vive un proceso de transformación en la convivencia en coherencia armónica con un mundo natural y un mundo relacional humano tierno-amoroso que surgen con él en la circunstancia histórica de su nacer, vivirá como niño-niña, hombre o mujer, una existência coerente en sí misma, con autonomía reflexiva y de acción. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p.457)

Não é fácil mudar uma cultura, mas é possível se mudarmos nosso fazer. Educar no Caminho do Amar é uma possibilidade de isso acontecer. Se nós, mães e pais, professor e professoras mudarmos nosso jeito de fazer e se relacionar, as crianças que convivem conosco aprenderam a agir diferente quando forem adultas. As crianças aprendem pelo nosso fazer. Vendo, escutando, sentindo, percebendo, interagindo com os adultos que ela convive.

Nas observações vivenciei na prática, o que li nos livros. O educar no Caminho do Amar é possível e percebi isso com as professoras que generosamente e gentilmente me oportunizaram essa experiência. As duas professoras regentes que me possibilitaram interagir com seus alunos, me ensinaram muito. Para não usar os nomes verdadeiros, falarei na Professora Girassol, porque a impressão que eu tive era que ela via nos alunos o seu sol, o seu guia. As crianças sempre em volta dela e ela rindo. Não raras vezes antes de chegar em sua sala eu ouvia suas risadas. Isso me demonstrou o quanto ela percebia seus alunos. Ela realmente via cada criança e se divertia com elas.

Ao pensar na outra Professora regente para escolher um nome, só me vem à cabeça um campo de lavanda. Sabe, caros leitores, aqueles campos com aquelas flores arroxeadas que tem uma essência calmante e relaxante. Sim, essa flor com poderes medicinais que acalmam e aliviam o estresse, assim imagino essa professora. Com uma turma com 22 alunos de idade entre 4 e 5 anos e cada vez que entrava na sala, não tinha vontade de ir embora. A professora Lavanda me passava uma sensação de paz tão grande que era visível que as crianças também sentiam isso. No primeiro dia, em uma segunda-feira, ela disse aos seus alunos:

- Vamos sentar no tapete e conversar, me contem o que fizeram no final de semana?

E cada um contou e todos escutaram a todos, com a maior atenção. Cada um falou e foi escutado. Percebi que aquela atividade era rotineira, o exercício de ouvir e principalmente escutar o outro, tão difícil no mundo adulto realizado com tanto amor por aquela professora. Cada aluno e aluna era um legítimo outro para a Lavanda e que merecia ser escutado e escutada em sua integralidade. Sai de lá emocionada. Maturana diz que

Siempre que observamos una conducta humana que lleva a que outro humano adquiera presencia como un legitimo outro en coexistencia con éste, lo que vemos es amor. Y siempre que uno se conduce de una manera que genera esta legitima presencia del outro, uno estará abierto y percibirá todo sin rechazarlo con juicio prematuro. Sea lo que sea. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.136)

É possível educar no Caminho do Amar!

Já trabalhei com crianças de 4 a 5 anos, depois com crianças de 5 a 6 e por muito tempo com crianças a partir dos 6 anos, no primeiro ano do Ensino Fundamental. E observando a Professora Girassol e a Professora Lavanda e analisando a minha própria prática percebo que quando Humberto Maturana diz que

El niño o la niña en la escuela no aprende matemáticas, sino que aprende a convivir con un profesor de matemáticas. Esta relación entretenida o fascinante algún día quizás lo motive a seguir por su cuenta, y se convertirá en un profesor de matemáticas o en un matemático. Un profesor a uno no le enseña algún contenido, sino que uno conoce un modo de vida. En este proceso, posiblemente uno se familiarice con las reglas de cálculo, las leyes de la física o la gramática de un idioma. Mi afirmación es que el alumno aprende al profesor. (MATURANA, PÖRKSEN, 2005, p.70)

A afirmação dita por Maturana, que o aluno aprende o professor, é real, comprovei na prática. A professora Lavanda com sua calma e paciência, em seu fazer, passa isso às crianças e as crianças “copiam” seu modo de fazer e expressam isso no falar e no sentir. A professora Girassol é mais agitada e as crianças expressam isso. Me identifique com a Professora Girassol, minhas turmas sempre eram as mais barulhentas da escola (o que eu achava ótimo), porque eu no meu fazer também era, e as crianças reproduziam o que viam em mim. Educamos pelo que somos, não pelo que falamos. Por isso a importância da formação de professores pelo Caminho do Amar. Se o aluno/professor não tiver essas noções básicas de respeito e percepção do outro em sua legitimidade

e principalmente da consciência de que mundo ele almeja viver e conviver, será difícil ele despertar a consciência democrática e ecológica em seus alunos. Como um professor que não sabe respeitar a si mesmo, o outro e o mundo vai despertar isso em seus alunos? Humberto Maturana, em seu livro “El sentido de lo humano”, em 2005, reafirma a importância da Educação neste processo de criação dos mundos que desejamos ter,

La educación es para mí una tarea central en la configuración de un país como un espacio de convivencia. Pienso también que el tipo de país que queremos, la convivencia que queremos, es lo que de hecho determina qué hacemos como país en el ámbito educacional. ¿ Qué país queremos? Yo quiero un país de mujeres y hombres que convivan en el respeto mutuo y que sean capaces de compartir de manera consciente la responsabilidad cotidiana de hacer del país un ámbito de convivencia en el que se viva en respeto mutuo y en la colaboración, que es precisamente lo que hará que la gente de esse país viva así. (MATURANA, 2005, p. 211)

Que mundo queremos criar?

Pergunta central que deveria estar presente no primeiro dia de aula em todos os cursos de Licenciatura. Depois da pergunta respondida pelos alunos, futuros professores, o curso poderia começar a partir dessa meta. Se quero um mundo com equidade, justiça e respeito, tenho que agir assim, ser assim, viver assim. Falar de justiça, equidade, liberdade, respeito é tão fácil, mas agir assim é outra história. Mas precisamos ter consciência que só despertaremos estas emoções em nossos alunos se agirmos assim. Maturana ratifica, dizendo

En fin, si queremos vivir en libertad tenemos que vivir en libertad, y para hacerlo tenemos que quererlo; si queremos vivir en el respeto mutuo, tenemos que vivir el respeto mutuo, y para hacerlo tenemos que quererlo; si queremos vivir sin destruir nuestro mundo, tenemos que vivir sin destruirlo, y para hacerlo tenemos que quererlo...; si queremos vivir en la reflexión que nos permite actuar libre y responsablemente en la reflexión que nos permite actuar libre y responsablemente en la reflexión sobre las consecuencias de nuestros actos, tenemos que hacerlo, y para hacerlo tenemos que quererlo y, para querer todo eso tenemos que vivirlo, y vivirlo, y vivirlo desde pequeños, en la aceptación amorosa del mundo social que nos acoge y que contribuiremos a crear. Esa es una tarea fundamental. (MATURANA, 2005, p. 213)

Mais uma vez digo que não adianta discursos inflamados. Temos teorias suficientes, ideais suficientes, mas poucas atitudes. Se quisermos realmente

mudar algo, o primeiro passo é mudando a nós mesmos, a partir de nosso fazer, e de nossas atitudes. As crianças observam nosso ser e agir. Posso fazer uma aula encantadora, com dinâmicas, materiais coloridos e atrativos sobre o respeito e ética ou sobre bullying, assunto que está em pauta no momento, então vou para a porta da sala de aula e começo a conversar com uma colega sobre outra pessoa, sobre a vida pessoal dela, por exemplo, ou seja começo a fofocar. O que vai ensinar mais aos meus alunos, minha atitude, ou meu discurso? Com certeza, minha atitude. Precisamos falar menos, escutar mais, agir mais, sentir mais e amar mais...

Podemos começar a exercitar o gosto pelo ver, pelo apreciar, ou seja, não deixar que o encantamento, tão natural nas crianças pequenas, se perca com o passar dos anos. Olga Reverbel (2010) escreve que “as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção – são inatas no ser humano” (REVERBEL, 2010, p.23). Uma criança fica maravilhada com as cores das borboletas, é capaz de ficar bom tempo observando uma joaninha passando de folhas em folhas. A maioria dos adultos, perdem essa sensibilidade. Tem pessoas adultas que passam por um jardim e não conseguem ver a beleza e o colorido das flores. Para Maria Clara Machado (2009, p.28) “sensibilidade é sentir as coisas. É ver uma coisa bonita e se emocionar”. Precisamos redescobrir essa emoção. Por isso essa intervenção nas escolas foi tão significativa para mim. Estar junto com as crianças, brincando, me emocionando, sentindo, fez ressurgir a criança que habita em mim. Maturana (2016) diz que somos crianças crescidas, assim me vejo.

Para sentir e perceber o ser criança, propus na pesquisa um momento de intervenção direta com atividades, que nomeei de Atuação/Ação, a partir das Leis sistêmicas, 07, 08 e 25.

A Lei sistêmica número sete, nos mostra que nascemos do e para o amor e se nada se contrapor a isso, nas relações materno/paterno infantil, seremos adultos generosos e amorosos. “O amar ocorre nas condutas relacionais através das quais alguém, o outro, a outra ou tudo o mais surge como legítimo outro na convivência com esse alguém” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.125). Ao propor cinco momentos de atividades direcionadas, busquei perceber como essas

manifestações de amorosidade, confiança, generosidade, se expressavam na prática da sala de aula, com as crianças.

Percebi que as crianças estabelecem o vínculo rapidamente na total aceitação e confiança. Fui aceita no espaço de convivência. No primeiro dia da minha visita à escola Cajuzinho, estava sentada no chão apenas observando e fazendo minhas anotações, então uma menina de quatro anos chegou perto de mim e pediu para sentar no meu colo. Prontamente a peguei e continuamos sentadas no chão. Ela começou a mexer no meu cabelo e me disse que ia chegar em casa e ia pedir para pintar o cabelo de rosa (o meu cabelo é azul). No outro dia quando cheguei na escola, ela veio feliz me mostrar que estava com uma mechinha cor de rosa. A relação estava estabelecida. Ela confiou em mim, Maturana explica esta relação, dizendo que no

momento en que el niño acepta la mano que uno le ofrece, acepta la convivencia con uno, pero lo hace sólo cuando está reconocida su dignidad, no como una reflexión, sino como una acción que lo trata como un legítimo otro en la convivencia. (...) la única forma de encontrarse con un niño o con un perro es aceptando su “emocionar”, no negándose. (..) Si el niño se siente reconocido en su legitimidad, nos da la mano y en ese momento acepta el espacio de convivencia que le ofrecemos. (MATURANA, 2005, p.51)

Na Escola Brigadeiro a relação de confiança também foi estabelecida rapidamente. Em todo momento da observação, sempre tive alguém no colo. Um dia tive que fazer revezamento, um pouco para cada um. As crianças são seres plenos, que se entregam, confiam e amam incondicionalmente. Além de ensinar as crianças, precisamos urgentemente aprender com elas. Escutar, ver e sentir como elas e principalmente aprender a brincar, ou melhor relembrar o brincar. Para Maturana e Verden-Zöllner (2004) toda a brincadeira espontânea, sem objetivos e metas, na total entrega e que gera prazer é brincar. Quando que nós adultos nos entregamos 100% a uma atividade, sem estar olhando o relógio, ou pensando nas outras coisas que temos que fazer? Crescemos e esquecemos o brincar. Triste isso, mas pode ser mudado. Mudando-se a cultura. A Lei sistêmica número 8, que auxilia no desenvolvimento desde momento mostra que quando se muda as relações e essas se conservam, muda-se o viver e o conviver, “o mundo que vivemos se transforma em torno do viver que conservamos; muda o viver que conservamos, muda o mundo que vivemos” (MATURANA, DÁVILA,

2009, p. 128). A Lei sistêmica número 25, reafirma isso, dizendo que é “a conservação do bem-estar o que orienta e guia o curso do viver de qualquer organismo” (Ibidem, p.150). Precisamos redescobrir o brincar, deixar que a criança que ainda existe em nós reapareça. É imperativo que deixemos nossas crianças brincarem, para não se tornarem adultos infelizes e incapazes de se desenvolverem plenamente no bem-estar físico e emocional. Precisamos aprender a brincar. Aprender e se acostumar a viver no bem-estar. Aprender a amar, Maturana explica como o conhecimento é produzido, gerando novas aprendizagens,

O conhecimento é uma apreciação de um observador sobre a conduta do outro, que pode ser ele mesmo. No momento em que se vê isto desta forma, por um lado, descobre-se que o conhecimento é sempre adquirido na convivência. Descobre-se que se aprende a ser de uma ou outra maneira na convivência com outros seres humanos. Por outro lado, descobre-se que o conhecimento tem a ver com as ações. Tem a ver com ações consideradas adequadas em um domínio particular. Desse modo, se quero que alguém adquira conhecimento em um certo espaço, o que tenho que fazer é convidá-lo a viver em um certo domínio; se ele aceita, terá esse conhecimento. (...) O discurso racional que não seduz emocionalmente não muda o espaço do outro (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.131-132).

Precisamos desenvolver nas escolas a arte da sedução. Sedução pelo saber. Sedução pelo amar. O aluno quando se encanta pelo professor, e se sente seduzido pelo professor, aprende com muita facilidade e conhecimentos são produzidos.

Observei que nos cinco momentos de atividades com as crianças nas duas escolas, elaboradas a partir de Jogos Dramáticos e atividades livres. Constatei que não houve diferença substancial em relação aos resultados das atividades. Crianças querem brincar. Se expressam com qualquer atividade. Quando o vínculo de confiança é estabelecido tudo o que for proposto é realizado, com entusiasmo e atenção.

Na Escola Cajuzinho, no primeiro dia da atividade livre, onde as crianças iriam brincar com o que quisessem, seis meninas chamaram minha atenção. Estava apenas observando elas brincarem e fazendo anotações. Elas vieram conversar comigo. Uma se sentou no meu colo, a outra pegou o caderno que estava escrevendo e me pediu para desenhar. Elas tinham folhas e lápis

coloridos a disposição que poderiam utilizar, mas no momento o meu caderno e o meu lápis eram muito mais atrativos. Então ofereci para que elas desenhassem em meu caderno. As seis meninas se revezaram para desenhar em meu material. Inclusive me desenharam (ANEXO 2). Se desenharam (ANEXO 3). E desenharam sua casa e família (ANEXO 4). Isso me mostrou que a criança brinca quando desenha, ela cria seu brincar e seus brinquedos. Qualquer objeto se torna algo muito interessante, ela imagina, cria e acredita em sua criação, Maria Clara Machado diz que “a criança é um ser que acredita. Quando começa a deixar de acreditar, finge que acredita. É o faz de conta”. (MACHADO, 2009, p.56). Quem não passou pela experiência em casa, com seus filhos, de ter todas as panelas guardadas no armário, no chão se transformando em bateria, nave espacial, carro, e uma milhão de possibilidades que só as crianças enxergam? E porque a maioria dos adultos perdem a capacidade de ver outros mundos, outras perspectivas e possibilidades. Tudo é certo ou errado. Branco ou preto. Azul ou verde. Perdemos a capacidade de ver os diferentes matizes das cores. Simples. Aprendemos a ser assim. Convivendo com adultos que também deixaram de imaginar e ver, isso faz parte da cultura que vivemos e crescemos.

Na atividade livre na Escola Brigadeiro, percebi que o mundo da imaginação das crianças vai muito além do que pensamos. As crianças tinham acesso a muitos brinquedos de todos os tipos, jogos, papeis, lápis coloridos, mas o que chamou a atenção da maioria das crianças, foi a caixa de brinquedos vazia. Brincaram com a caixa, subiram, entraram, saíram, por muito tempo. O mundo da imaginação, para criança é um mundo real. Ela vive a brincadeira. Se ela está brincando de ser médica, ela realmente o é naquele momento. A criança vive o presente, por isso tratá-las como um projeto futuro é uma forma de reprimir a naturalidade e a fantasia. Ensinamos a temida ansiedade, fruto de nossa cultura. A criança que não vive o momento presente, aprende a viver no futuro, cheia de expectativas, levando a ser um adulto que opta por viver no mal-estar das expectativas não cumpridas.

No segundo, terceiro e quarto dia em ambas as escolas foi de muita alegria, algazarra, criatividade e imaginação. As atividades propostas foram realizadas na maior diversão. A doutora Gerda Verden-Zöller fala da importância

das brincadeiras e atividades, onde a criança possa se descobrir, ou seja, descobrir seu corpo, suas limitações e possibilidades,

Só quando permitimos que a atividade motora infantil ocorra na espontaneidade da livre brincadeira a criança pode chegar à plena consciência operacional de seu corpo e possibilidades. Na realidade, só quando uma criança conhece de modo operacional sua cabeça, pés, braços, ventre e costas, como seu próprio corpo em movimento, é que ela pode conhecer o acima, o abaixo, os lados, o em frente e o atrás como características do mundo em que vive. E assim pode saber que há algo em cima, em baixo, a frente, atrás ou ao lado, criando tudo isso com seus movimentos.

É só por meio deles que uma criança pode tomar consciência operacional da forma dinâmica de sua corporeidade (...). Em outras palavras, é só por meio de meus próprios movimentos que chego a tomar consciência operacional de minha forma corporal humana como padrão de ordem. E é só quando estou operacionalmente consciente de meu corpo, como um âmbito de movimentos, que posso criar um mundo coerente com o espaço operacional em que vivo, constituindo-se como um entorno no qual posso me mover com liberdade. Ou seja: meu entorno, meu mundo, é, de modo operacional, a expansão do meu corpo (VERDEN-ZÖLLER, in, Maturana, Verdén-Zölller, 2004, p.159)

Brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, ovo choco etc. Brincadeiras que fizeram parte da infância de muita gente, inclusive da minha, são ótimas para o pleno desenvolvimento da criança. Aprendem a se equilibrar, noção de espaço, limites, percepção do outro e de si. A mesma autora, complementa, dizendo que

Assim, percebemos que as crianças se ocupam em criar equilíbrios em todas as áreas de seus sentidos, e não só no movimento corporal. Isto é, elas criam ordem de modo espontâneo, buscando o ponto médio entre os extremos. Por exemplo, entre o ruidoso e o suave, o alto e o baixo, em relação ao som, ou entre luz e obscuridade, brilho e opacidade, no âmbito visual (VERDEN-ZÖLLER, in Maturana, Verdén-Zölller, 2004, p.153).

Percebi que tem crianças que o único lugar onde podem correr e brincar com outras crianças é na escola, moram em apartamentos, sem espaços e ficam restritas em frente ao celular, tablets e televisão. Por isso, se torna cada vez mais importante que a escola oportunize mais tempo para o brincar e não só na Educação Infantil. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elas também necessitam esses momentos. A ideia de que ao saírem da Educação Infantil, são “grandes” e precisam focar na leitura e escrita e deixar de lado a brincadeira é uma ideia errônea. O artigo 2º, da Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e

Adolescente, diz que até os doze anos incompletos, se é criança. Se é criança é necessário para o seu desenvolvimento físico e emocional integral, o brincar. Os autores mencionados dizem que a

maturidade de consciência alcançada por um ser humano depende de como ele vive como criança, na criação daquilo que vemos como um âmbito de coordenações de ações com sua mãe. Se a criança cresce numa aceitação corporal total por sua mãe – ao se encontrar continuamente com ela no brincar – transforma-se num adulto afetuoso, que não teme perder sua identidade individual na aceitação dos outros como ser social. Não precisa reafirmar-se na negação dos outros, no curso de uma interminável competição. Entretanto, quando a criança, nas grandes cidades, não pode obter pelo livre brincar (isto é, mediante a aceitação corporal total) a consciência sensório-motora que constitui e fundamenta a consciência humana, ela não pode realizar plenamente o espaço relacional humano. Se quando isso acontecer ela não estiver de todo distorcida, o menos que ocorre é que permanecerá dependente do controle externo. (VERDEN-ZÖLLER, in MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.153).

O brincar deve ser encarado com mais seriedade nas instituições de ensino. Deve ser visto com tanta importância, ou até mais do que qualquer disciplina presente no currículo escolar. Brincar não é perder tempo. Brincar é ganhar tempo de vida, de sonhos e de esperança de um mundo mais feliz e generoso.

A primeira atividade que realizei com as crianças foi uma Ginástica historiada. Atividade perfeita para o exercício do escutar, porque eles se agitam, mas precisam voltar a calma para ouvir a história. As outras atividades, Marionete e representação de objetos com o corpo foram muito interessantes de observar. As crianças não possuem inibição ao toque, e em nenhum dos grupos houve reclamações de o colega estar machucando ou não querer realizar o jogo com alguém. Quando ia explicando as brincadeiras, eles foram formando os grupos, ou duplas com quem estava perto, sem restrições. Diferentes de nós adultos que muitas vezes em trabalhos em grupos escolhemos detalhadamente nosso parceiro, porque não gostamos de trabalhar com o fulano ou beltrano. Essas atividades ampliam a noção de espaço e coordenam suas ações em conjunto com seus colegas, com bastante sincronia, a Dr^a Gerda explica que

Ao brincar, as crianças constroem suas relações espaciais, seus domínios de ações, as configurações (gestalds) sensório-motoras que – à maneira de operações com relações e ações – vemos emergir como se elas, crianças, lhes dessem origem, operando na interioridade

de suas mentes. Isso ocorre num espaço imaginado anterior ao espaço que elas constituem, de fato, no fluir de suas dinâmicas corporais. Elas geram seus espaços de ações e domínios relacionais conectando muitos pontos ou momentos sensório-motores diferentes de seus movimentos, como operações relacionais discretas em muitas configurações dinâmicas coerentes e novas. Estas expandem seus domínios de coordenações sensório-motoras (VERDEN-ZÖLLER, in MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.153).

Para a criança a vida é uma festa. A atividade de criação de histórias com objetos foi simplesmente encantadora. Alguns viajaram mais pelo mundo da imaginação, outros menos, mas a criatividade e a vontade de participar da brincadeira é algo visível nos dois grupos. Na escola Cajuzinho apenas um aluno não quis contar uma história. E na Brigadeiro de vinte crianças presente apenas duas, só observaram a atividade, mas participaram das risadas, ou intervindo na história dos outros.

Na Escola Brigadeiro, onde a professora Lavanda se senta no chão para conversar com seus alunos, onde estes contam situações da vida, notei que a atividade se desenvolveu com mais fluidez. Os alunos estão acostumados a escutar os outros, assim cada um criou histórias escutou e foi escutado. A professora Lavanda canta várias vezes na tarde, com seus alunos e vi, como isso faz uma diferença grande nas crianças, porque eles conseguem voltar a calma mais rapidamente, depois de uma atividade agitada. Se concentram melhor e tem a noção de corporeidade maior em relação a outra turma pesquisada. Observei a professora realizando cantigas de rodas, com movimentos e isso para o desenvolvimento das operações sensório-motoras é bastante salutar, equilíbrio, noção de espaço e tempo, lateralidade, imaginação, criatividade, abstração motricidade ampla, respeito ao espaço do outro, conhecimento do seu corpo, confiança em seu corpo e respeito ao corpo do outro, são alguns aspectos a serem desenvolvidos com o trabalho com canções e cantigas de roda. As crianças conheciam as músicas e escolhiam qual cantar, mostrando que isso é uma prática rotineira em sala de aula. A professora perguntou qual música queriam cantar, e uma menina sugeriu uma canção. A professora respondeu que aquela ela não conhecia, mas gostaria de aprender. A menina de 4 anos ensinou a professora e seus colegas a letra da música e todos cantaram juntos. Lindo e emocionante de ver e sentir a cooperação, ou

seja, o agir junto, aprendendo e ensinando na prática e comigo de observadora.

A Dr^a Verden-Zöllner afirma que

Cada criança percorre em sua infância um caminho de transformação. Este começa com a orientação para a sua mãe, ritmicamente regulada desde a biologia própria da simbiose básica da relação materno-infantil, por meio da intimidade e total confiança do jogo corporal. A seguir, passa pela consciência corporal operacional, e pela construção do tempo e do espaço como um meio diferente da mãe. Depois vem a orientação para si mesma, na construção de um Eu. Esta acontece com a crescente e confiante independência da mãe, que surge com a construção do tempo e do espaço e chega até ao desenvolvimento da consciência social no respeito pelo outro. (VERDEN-ZÖLLNER, in, MATURANA, VERDEN-ZÖLLNER, 2004, p. 184)

Utilizar o ritmo e movimento com as crianças é uma forma de abrir a consciência para o viver no presente de forma alegre e prazerosa. A criança desde o ventre materno está envolta em sons, do próprio corpo da mãe. Depois que nasce geralmente são ninadas com canções até adormecerem, então ao realizar atividades com música na sala de aula é dar continuidade ao que já fazem desde o início da vida, no útero materno.

Outra atividade que me chamou a atenção foi o “carinho no rosto”. Todos participaram e se divertiram ao realizar. Fizeram carinho, abraçaram de forma muito espontânea e feliz. O dar carinho e recebe-lo é um ato natural para as crianças. Não há vergonha, restrições, segregação, preconceito, essas emoções são ensinadas pelos adultos. A única emoção que a criança possui ao nascer é a do amor, emoções negativas ela aprende com os adultos que ela convive. Só o amar expande o olhar, Maturana e Dávila expõe isso, dizendo que

(...)Los seres humanos nacemos biologicamente constituidos para un vivir amoroso aunque, a la vez, podemos llegar a vivir lo más malvado, si al comienzo de nuestro vivir se nos niega el amar o se nos educa en el ámbito psíquico de la aceptación irreflexiva de alguna teoría que valida la discriminación justificando su negación. Y, al mismo tiempo, hemos mostrado que el amar al ser nuestro fundamento biológico como seres humanos éticos espontáneos, es lo único que podamos recuperar y vivir la armonía sistémica que podemos haber perdido en la unidad ecológica que integramos en la biosfera, y lo único que hace eso posible porque es la única configuración sensorial íntima que abre el mirar sin prejuicios, exigencias o expectativas, y que permite ver la fragmentación de la convivencia y la pérdida u ocultamiento de la conciencia social-ética que implican las teorías lineales de progreso, crecimiento, éxito y competencia. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 479)

Na brincadeira do João-bobo, percebi que alguns já demonstrar medo de que os colegas os deixassem cair, mas a grande maioria se entregou na brincadeira, realmente na confiança e segurança que não cairia no chão

No quinto dia, novamente observei o brincar livre e espontâneo das crianças, mais uma vez percebi que as crianças brincam na inocência total. Nos dois grupos não houve divisão de brinquedos de meninas e meninos, todos brincaram com todos e compartilharam seus brinquedos, emprestando numa relação de amor e cooperação, Maturana explica que

Nós temos a biologia do compartilhar, e isso se nota na vida cotidiana. Nota-se de várias maneiras: nós nos sentimos muito bem comendo juntos e conversando – mas não é somente aí que se nota. Nota-se quando nos pedem algo. Se vocês vão pela rua e alguém lhes pede algo, o que fazem? Prestem atenção que muitas vezes o que se faz é fingir que não se viu a pessoa que está mendigando. (...) Viu, mas não quer encontrar o olhar, porque no momento em que encontrar o olhar, está pego. (...) O compartilhar é em nós um elemento que pertence à nossa biologia não pertence à cultura. Pelo contrário, vivemos atualmente uma cultura que nega o compartilhar, porque estamos supostamente mergulhados na maravilha da competição (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.97).

Incentivar a competição em qualquer nível da Educação Básica não é saudável. Na Educação Infantil início da escolarização torna-se ainda mais danoso. As crianças aprendem o que ensinamos. Simples assim. Se ensinarmos que é bom competir, ser o melhor, a criança será um adulto que provavelmente estará centrado apenas em si, em seu Ego, deixando o outro de lado. Se trabalharmos na cooperação, todos se ajudando e compartilhando materiais, alimentos e carinho, provavelmente serão adultos que também verão no outro um companheiro de jornada, não um adversário.

Tive nesta intervenção momentos com os professores, onde a maioria das atividades foram as mesmas que realizei com as crianças e constatei que realmente quando crescemos, isso a maioria de nós, esquecemos o brincar. Isso devido a educação que recebemos, retraímos nossa corporeidade, sentimos vergonha e nos restringimos. Todas as atividades que tinham que tocar o outro era feito com muitas risadas, uma forma de diminuir o constrangimento. A primeira atividade, círculo de nós, nas duas escolas foi realizada com muito êxito. O “nó” foi desatado rapidamente porque houve a união de todos. Os grupos

trabalharam juntos para desfazer o emaranhado de mãos e pés. Um trabalho colaborativo. Percebi que os grupos de professores trabalham em conjunto com a gestão da escola. As decisões são tomadas em conjunto. Não há hierarquia, existe união, visível na brincadeira.

Depois das atividades realizadas, conversamos sobre o que fizemos e chegamos a alguma conclusão:

- a criança brinca ao realizar uma atividade com o corpo. Ela realmente se diverte. Alguns adultos do grupo de professores sofrem ao ter que se expressar com o corpo sem usar a fala. E argumentaram que não são mais acostumados. Disseram, que quando crescemos esquecemos o nosso corpo. Usamos as mãos para gesticular e olhe lá. Uma professora declarou que sempre que é proposto dinâmicas de grupos, onde tem que abraçar, tocar e fazer “coisas diferentes” ela foge, porque não gosta. Percebo que não tem uma boa relação com sua corporeidade, ou seja, desaprendeu ao crescer. O que era natural quando criança, a usar seu corpo como forma de expressão, ficou no passado. Cabe uma reflexão feita pelo professor português Gaston Mialaret (1981),

O professor é, entre outras coisas, um emissor de mensagens, pelo que se torna indispensável poder dispor de um vasto leque de meios de expressão. Ao nosso ver, a formação deve necessariamente incluir uma iniciação aos meios de expressão gráfica, musical e corporal, na medida em que quando mais numerosos forem os meios de comunicação utilizados (gesto, desenho, fala, etc.), maiores serão as possibilidades de uma boa recepção por parte dos alunos (MIALARET, 1981, p.126)

Ter uma boa relação com sua corporeidade vai além da sala de aula. Maturana (1999) explica que a nossa corporeidade nos constitui, ela não é uma forma de limitação, mas sim de muitas possibilidades. Estar de bem consigo mesmo, conseguindo se expressar também através do corpo, produz o equilíbrio e conseqüentemente o bem-estar. Para isso precisamos nos conhecer e nos perceber, no momento que isso acontece, buscamos fazer coisas e ter situações que propiciem prazer. Só consigo encantar o outro se eu em primeiríssimo lugar for encantada por mim mesmo.

É comum ouvirmos crianças pequenas dizendo o quanto são lindas, e se tudo transcorrer naturalmente ela será um adulto que se achará linda. Se amar e se perceberá. Vai se enxergar em um todo. Maturana e Ximena dizem “que

una persona se encuentra en el centro de si misma en su vivir y convivir cotidiano cuando la vemos actuar desde su autonomia reflexiva y de acción en un fluir sin-esfuerzo, en la armonia interna que se vive en el dominio del amar”. MATURANA, DÁVILA, 2016, p.517). Quando aniquilamos a autoestima de uma criança estamos produzindo um adulto inseguro e incapaz de se enxergar, de ver suas próprias qualidades, podendo gerar ansiedade, depressão e tantas outras síndromes fruto de nossa cultura.

Na intervenção com os alunos e com os professores percebi que Educar no Caminho do Amar leva ao entendimento de nós mesmos. Trilhar esse caminho é aprender ou reaprender a sentir, ver, imaginar como uma criança pequena. Se ver e se amar em plenitude. A Biologia do Amar e a Biologia do Conhecer nos mostram que o centro do meu mundo tem que ser sempre eu. Isso não quer dizer que me torne uma pessoa egoísta ou ególatra, definição dada pela psicanálise. Não é isso. Se perceber como o centro, faz com que deixamos de viver no mal-estar e escolhemos viver no presente de contínua mudança, escolhendo o bem-estar. Só vou conseguir ser um professor, ou professora no Caminho do Amar se eu me amar e me respeitar e para isso preciso me perceber. Hoje, vejo e percebo que é possível educar no Caminho do Amar. Eu imagino outros mundos, criados na convivência no Amar.

4.1. Um convite à reflexão.... com sabor de quero mais...

Café, bolo e rinação...o que ficou... o que concluí.

**Podemos ser violentos
Insensíveis
Cruéis
Egoístas
Indiferentes
Mas só quem pode salvar
A vida de um ser humano
É outro ser humano
(Comercial Médicos Sem Fronteiras, 2016)**

**É simplesmente o estar no existir que nos faz e nos liga.
(Verden-Zöller, 2004)**

Peço licença aos leitores, pois não seguirei as normas instituídas e usarei a fonte 12 nestas epígrafes, devido a força e importância que há nestas palavras. Podemos ser cruéis, mas podemos ser generosos. Podemos ser indiferentes e insensíveis, mas podemos fazer a diferença na vida de alguém. Tudo é uma questão de escolha. Somos responsáveis pelas nossas atitudes. Somos responsáveis pelo nosso ser no existir. E é esse ser no existir que nos liga a outros seres, a outros existires e a outros mundos. Não nascemos cruéis, indiferentes e insensíveis. Aprendemos isso com os adultos que viviam e conviviam conosco. Para transformar uma cultura, precisa mudar o individual, afirma Maturana (2005). Assim para que realmente consigamos fazer algo diferente, precisamos mudar a nós mesmos e parar de ver as crianças como o futuro, fazendo delas um projeto. Nós precisamos mudar nossas atitudes, nosso fazer, para que as crianças que convivam conosco, sendo filhos ou alunos, nos vendo, vendo nossas ações, cresçam sendo seres humanos mais generosos e amorosos. Se queremos ter um mundo com mais equidade, amor e generosidade, precisamos agir assim. Humberto Maturana encerra o livro “Del Ser al Hacer” (2004a) com a seguinte frase: “Sólo digo que generamos el mundo que vivimos. Si hay algo que deseamos que sea, hagámoslo” (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.109). E o primeiro passo sempre é a partir da mudança individual. Ler e estudar Maturana durante este tempo não foi uma tarefa muito

fácil. Teve horas que mexia tanto com as minhas emoções, que parava, chorava, refletia e via tanta simplicidade em suas palavras, que não tinha dúvidas que aquele era o caminho que eu queria e acreditava. Ele mostra uma nova forma de viver e conviver, sem certezas absolutas, sem lutas, sem exigências e sem expectativas. Para alguém ansiosa e perfeccionista é um dar-se conta das emoções, diário. Sei que no final deste processo tive muito aprendizado, principalmente em relação a mim mesmo. Hoje vivo mais leve, busco não ter tantas expectativas em minha vida. Estou em um processo e sem pressa. Vejo o viver de uma outra forma, aprendi nesse caminho a saborear melhor as vivências, realmente sentindo, vendo, ouvindo o outro, mas principalmente a mim mesma.

Nesta hora do café, com o bolo já pronto e gosto e cheiro de vida, de casa, de lar. Imaginamos que estamos em uma livraria cheia de obras escritas por inúmeros seres humanos, poetas, dramaturgos, professores, mas principalmente sonhadores. Lugar onde me coloco. Sou uma sonhadora. Imagino uma escola diferente da que eu estudei. Diferente de algumas que conheci. A escola que sonho está mais próxima das escolas em que fiz a pesquisa para a escrita desta Tese/Degustação. Acredito que crescemos em uma cultura que nos fez ter um lado perverso, um lado egoísta e cruel, mas isso não faz parte de nossa natureza biológica. Nascemos do amor para o amar. Só nós podemos fazer a diferença co-inspirando outros no viver e conviver para o amar.

Tenho três gatas, e um cachorro. Aprendo com eles diariamente. Aprendo a amar. E por incrível que pareça, aprendo a ser mais humana com animais que não são humanos. Até parece engraçado, mas não é. Meus animais são incapazes de um ato por pura crueldade. Mas eles também não podem mudar a escola que trabalho. Eles mudam a mim, o meu organismo-nicho, mas só. Eu sim, posso mudar a realidade de outras pessoas. Mudando a minha. Pode ser escrevendo, dando aula, fazendo doutorado. Assim como você que lê, também pode transformar a sua realidade, gerando outros mundos. Só nós, seres humanos, *homo sapiens-amans amans*, podemos mudar a vida de outro *homo sapiens-amans amans*.

As proposições epistemológicas da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana e Ximena Dávila, a partir da perspectiva da Biologia-Cultural, podem contribuir para a formação pedagógica na Educação Infantil, no momento que nos mostra que sou responsável por minhas escolhas e meus fazeres. Mostra que somos naturalmente seres amorosos. Se algo faz com que um ser humano haja de forma diferente desse caminho, sendo cruel, egoísta, agressivo é porque aprendeu isso com outros adultos que também aprenderam ser assim. Se a nossa natureza é de amor, qualquer ato que foge disso é antinatural. Não faz parte de nossa biologia e causa o desequilíbrio e conseqüentemente o mal-estar que gera o adoecimento, Maturana e Ximena dizem que

Nós seres vivos nos aprisionamos no *mal-estar* como resultados de nossos hábitos relacionais no viver e conviver. E esses hábitos têm diferentes formas, como costumes, adicções, preferências nos seres vivos em geral, ou como argumentos racionais e sistemas de crenças no âmbito humano. Em todos os casos, a saída é a mesma: a ampliação do olhar, a ampliação do ver que a Biologia do Amar traz, ampliação do olhar que, ao soltar preconceitos, expectativas, convicções, saberes, permite ver a matriz relacional que surge no viver que se vive e mudar a orientação do viver na linha dos fundamentos últimos de onde se reencontra o *bem-estar* nos fundamentos do próprio viver. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.178)

Acredito e insisto na importância do professor e professora se enxergar, se perceber para se ter uma existência mais leve, feliz e plena. Viver a partir do Caminho do Amar, é viver no Caminho do auto respeito, e do respeito pelos outros. É o olhar para si mesmo e ver o ser único, pleno e amoroso que se é. Dessa forma conseguirá também ampliar o olhar de seu aluno por si mesmo. Isso é fundamental para se imaginar outros mundos na Educação Infantil ou em qualquer nível de ensino. Os autores estudados nesta Tese afirmam que “una transformación cultural ocurre como una transformación individual que, dado el carácter sistémico de nuestro vivir social, lleva a la transformación de los mundos que generamos en nuestro convivir”. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 538). Transformar a escola, minha cidade, meu país, passa antes pela mudança individual, então todo o discurso de transformação social, como algo genérico,

não funciona. O Almirante William H. McRaven⁴³, em um discurso diz que se você quer mudar o mundo comece arrumando sua cama. Assim vejo esse novo olhar para a Educação Infantil. Precisamos começar arrumando a nossa cama, ou seja, nosso interior e a partir de aí transformar o caminho que estamos seguindo. Nem sempre gostamos de nos olhar no espelho e ver nossa “cama” bagunçada. Mas só poderemos arrumá-la se tomarmos conhecimento de que ela precisa ser arrumada. E principalmente que esta cama só eu posso deixá-la melhor. E a partir dessa reflexão e tomada de conhecimento poderemos viver no bem-estar.

O conceito de bem-estar que utilizo é a definição de Humberto Maturana e Ximena Dávila, que é “cuando nos referimos al encontrarnos en armonia sensorial, psíquica y operacional con las circunstancias en las que realizamos nuestro vivir, y esto es, cuando nos encontramos en el amar” (2016, p.513). E a Harmonia é o viver sem esforço, que flui num constante presente que muda no viver e conviver. Viver no amar, é “cuando vemos que ella actúa de modo tal que nosotros vemos ella misma, el otro, la otra o lo otro, surge como legítimo otro en convivencia con ella” (Ibidem, p.517). Precisamos refletir sobre o ser e o fazer na docência, porque precisamos encontrar a harmonia em nosso fazer e não deixar que as malezas do fazer docente cause desequilíbrio em nosso organismo.

Os professores estão adoecendo. Isto é um fato, como mostra a pesquisa realizada pelo O CPERS/Sindicato com 3.166 pessoas, entre professores e funcionários de escola contando o apoio do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho da UFRGS⁴⁴, constatou que:

- 49,87% da categoria que pode estar evidenciando algum tipo de transtorno psíquico;
- 72,5% diz se sentir nervoso, tenso ou preocupado;
- 51,1% dos entrevistados alegaram sentir sensações desagradáveis no estômago;
- 49,3% dormem mal;

⁴³ Nono comandante do Comando de Operações U.S.Special, <https://www.youtube.com/watch?v=uWea3l4DWFE>, acessado em 02/06/2019

⁴⁴ <http://www.cnte.org.br/index.php/giro-pelos-estados/387-rs/10852-cpers-divulga-dados-de-pesquisa-sobre-a-saude-do-trabalhador-em-educacao> acessado em junho de 2019.

- 49% têm dores de cabeça frequentes;
- 47,3% se cansam com facilidade;
- 30,1% demonstra desinteresse pelas coisas; e
- 4,5% tem tido ideias de acabar com a própria vida.

Analisando os dados percebemos que o adoecimento não está nas instituições, ou no trabalho. O adoecimento está no ser, nas ações e atitudes que tem ou deixa de ter. Nos seus conflitos internos, suas neuroses, nos seus desejos não resolvidos, nos amores perdidos, frustrações, ansiedade etc. Nada é exterior ao indivíduo. Tudo parte do EU. Humberto Maturana, afirma que “No espaço da reflexão somos sempre responsáveis por nossas ações porque sempre temos a possibilidade de darmos conta do que fazemos. Ademais, é como somos sempre é o presente de nossa história. Somos como temos vivido” (MATURANA,2005, p.22). Somos responsáveis por nossas escolhas. Talvez não seja tão fácil perceber que somos seres com possibilidade de escolhas e que essas escolhas podem nos fazer bem, e feliz, ou nos fazer mal e adoecermos. Precisamos refletir sempre sobre nossa situação e pararmos de pôr a culpa nos outros, no governo, no patrão, na chuva, ou no sol.

Nas escolas que possuem o intervalo, no meio do turno, essa parada é muito importante para recarregar as energias, relaxar e se perceber. Quinze ou vinte minutos para respirar, descarregar o cansaço acumulado depois de três períodos de aulas. Esses preciosos minutos deveriam ser para descontração, dar risadas, falar bobagens. O que é comum é esse tempo ser usado como muro de lamentações, reclamações de todo o tipo, aumentando os níveis de cortisol no organismo, hormônio que afeta a memória, diminui a imunidade, aumenta a pressão, acumula gordura e afeta o coração, conhecido como o hormônio do estresse. O nosso organismo foi feito para trabalhar em equilíbrio, quando deixamos que fatores externos nos atinja, essa estrutura perfeita se desestabiliza, causando o mal-estar. A hora do recreio pode ser o contrário de tudo isso, pode ser relaxante. Aumentando a serotonina, hormônio do bem-estar, isso pode ser possível, mudando a emoção, assim mudamos o ambiente. Maturana expressa essa ideia quando fala, que a

angustia y el sufrimiento humanos pertenecen al espacio de las relaciones. Todo lo espiritual, lo místico, los valores, la fama, la

filosofía, la historia, pertenecen al ámbito de las relaciones en lo humano que es nuestro vivir en conversaciones. En el conversar construimos nuestra realidad con el otro. No es una cosa abstracta. El conversar es un modo particular de vivir juntos en coordinaciones del hacer y el emocionar. Por eso el conversar es constructor de realidades. Al operar en el lenguaje cambia nuestra fisiología. Por eso nos podemos herir o acariciar con las palabras. En este espacio relacional uno puede vivir en la exigencia o en la armonía con los otros. O se vive en el bienestar estético de una convivencia armónica, o en el sufrimiento de la exigencia negadora continua. (MATURANA, 2005, p.23)

Existimos na linguagem, e no emocionar, dessa forma os espaços de convivência que possuímos para descansar, se aproveitamos para reclamar da vida, e das situações a ela inerentes adoecemos. Precisamos mudar a emoção, aproveitar para rir, falar coisas boas e alegres. Temos escolha. A culpa não é do outro, é nossa. Simples assim. Optamos por ser vítimas das situações, talvez seja mais cômodo ser vítima, ser passivo e ficar culpabilizando os outros e as situações. É mais fácil resolver com medicamentos que adormecem nossas emoções. Paramos de sentir. Ingerimos remédios para dormir, remédios para acordar, remédios para ser feliz, remédios para transar, remédios para comer, remédios para parar de comer... e assim vai...

Sentimos angústias porque colocamos muitas expectativas em relação a projetos, trabalhos e nas outras pessoas. Diminuindo as exigências, acabamos com a angústia. Precisamos buscar uma vida mais simples, sem apegos, sem o culto a aparência. Estamos sempre tentando ser mais bonitos, mais magros, mais ricos, mais inteligentes, sempre querendo coisas que talvez sejam impossíveis, estamos sempre esperando, esperando... com isso sofremos. Afirmo que um dos grandes problemas da nossa cultura é estarmos sempre “angustiosos”, ou seja, a união de angustiados e ansiosos. Sempre queremos ser o que não somos ou não temos. Não nos ouvimos, não nos vemos e não nos amamos. Como poderemos ouvir, ver e amar o outro, ou a outra?

A música Epitáfio (2001), interpretada pelos Titãs e com a letra de Sérgio Britto diz que “cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração”. Só nós sabemos o que se passa conosco, por isso a importância da reflexão e do olhar para o que fazemos. Desde 2008 me interesso e pesquiso sobre o Adoecimento laboral, e nesse momento da escrita da Tese, onde concluo o trabalho de escrita

e pesquisa, não podia deixar de fazer essa ruminação sobre o bem-estar na docência, porque ninguém pode realizar um trabalho de encantamento se estiver desencantado por si mesmo. Só me encontrando, ou me reencontrando, consigo ir ao encontro do outro.

Para vivermos na harmonia, na leveza, precisamos nos aceitar, nos querer bem, fazer o que se gosta, da forma que se quer, vivendo apenas no presente. Se amar. Parece complicado, pois aprendemos desde cedo que precisamos estudar, para ser “alguém na vida”. Como se só bens materiais, status, poder, trouxessem felicidade. Pessoas perdem a vida, atrás de compensações financeiras, endividam-se apenas para seguir o fluxo da “boiada. Não percebem que a vida é muito mais que isso e que sem saúde, bem-estar, equilíbrio e harmonia interna, não se pode ser feliz. Vale a pena ter o carro do ano, e o armário entulhado de remédios? Eu penso que não. O que importa na vida é ser feliz. Maturana (2005) diz que ser feliz é não ter aspirações, nem desejos, viver a vida na harmonia das circunstâncias, fazer o que faz, porque quer fazer. Pensamos que a felicidade só acontece se tudo que fizemos der certo, colocamos todas as expectativas nos fatos e nas outras pessoas e se estas expectativas não são correspondidas, nos frustramos, ficamos infelizes e adoecemos. Não faz parte de nossa condição de seres humanos a dor e o sofrimento. Nascermos para viver em harmonia e bem-estar, Ximena afirma que “a busca do bem-estar é o viver que guia qualquer viver, em particular o viver humano, embora às vezes erremos o caminho e sejamos apanhados em relações culturais de dor e sofrimento” (DÁVILA, in, MATURANA, DÁVILA, 2009, p 175). Somos biologicamente constituídos para viver no bem-estar, senão o estamos é porque algo em nosso fazer está interferindo em nosso ser e para mudarmos essa situação precisamos refletir e nos dar conta do que não está bem, a autora mencionada diz que

Quando um ser humano está aprisionado no crer que a dor e o sofrimento que vive é constitutivo de seu ser, reconhece que o fundamento biológico da conservação do viver é o viver no *bem-estar*, torna possível a reflexão que solta a certeza de que a pessoa é como acredita que é se libera da armadilha cultural de autodepreciação e negação de si mesmo em que se encontra. Enfim, ela mostra além do mais que essa liberação pode de fato ocorrer na reflexão, porque o operar da conservação do viver que surge ao soltar a certeza de crer que a pessoa é o ser sofredor, diminuído, não amoroso ou patológico que acredita que é ocorre como o *reencontro* com o respeito a si

mesmo ao ver o próprio fundamento amoroso desde a ampliação do ver da Biologia do Amar. Isto é, a ampliação do ver que esta reflexão traz consigo leva a pessoa que sofre a *re-encontrar* o caminho do respeito por si mesmo, assim como a recuperação do *bem-estar* relacional num âmbito de seu viver que lhe era inacessível a partir da armadilha cultural da negação recursiva de si mesmo que vivia, embora fosse parte de seu domínio de acoplamento estrutural (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 176)

A chave é fazer o que gosta de fazer, e se o trabalho que escolheu não está bom, não está trazendo felicidade, então troca-se de trabalho. Se um relacionamento não está trazendo bem-estar, troca-se. Nascermos para ser feliz e viver bem. As mudanças são opções que cada um pode fazer. Isso não quer dizer que é algo simples de ser feito, mas são escolhas que fazemos. Lembrando que nós, e apenas nós somos responsáveis por nossas ações. Se tivermos que renunciar a um padrão de vida, são escolhas. Precisamos parar, respirar e refletir: o que vale a pena na minha vida? O que quero da minha vida? Como estou vivendo, está bom? Se está, contínuo o baile, mas se não está, vivo doente, tenho que tomar uma decisão e perceber o que está me fazendo adoecer. O ponto de partida tem que ser sempre eu mesmo, como faço o que faço? Como me sinto? Por que me sinto assim? Perguntas básicas que podem dar início a uma transformação pessoal. Quando me faço essas perguntas começo a me ver como um ser legítimo e começo a me escutar, assim percebo minhas necessidades e as possibilidades que tenho. Lembrando que tudo é processo. Um passo de cada vez. Sem pressa. A vida é um caminho que flui na emoção do amar. Maturana e Dávila, afirmam que

A Biologia do Amar constituiu o fundamento do *bem-estar* no viver e conviver como dinâmica relacional no fato de que o amar consiste nas condutas relacionais através das quais o outro, a outra, o próprio ou o outro surge como legítimo outro na convivência com a gente, e é o fundamento do mútuo respeito. Assim o amar é a única emoção que amplia o olhar e expande o ver, o ouvir, o tocar, o sentir e faz isto porque é o único olhar que não antepõe um preconceito, uma expectativa, uma exigência ou um desejo como guia do ouvir e do olhar na conduta relacional que se vive (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 171)

Todos somos capazes de tudo, e o único que permitirá em algum momento do viver não ser o que não quero ser, é saber que posso ser. Na vida, senão encontramos um caminho feito, construímos, pintamos, desenhamos

outro...é assim, sempre assim, quando tenho consciência que tenho escolhas, que posso decidir e mudar radicalmente minha vida, posso sair do processo de adoecimento e viver bem, com saúde e feliz. Podemos decidir mudar a emoção e dessa forma mudar a fisiologia de nosso corpo, do nosso organismo. Possuímos esse poder. O poder da escolha. O poder da decisão. Podemos viver na harmonia, a partir relações saudáveis. Sem exigências, aceitando a legitimidade do outro e a nossa. Construimos o mundo que vivemos, ele se configura nas relações, no presente, ele não está feito de antemão, o mundo está se construindo no nosso fazer, nas nossas ações do momento, nas nossas relações, por isso sou responsável pela forma que vivo. Maturana (2005) diz que não posso escolher ser um elefante, mas posso escolher ser uma pessoa amável, terna, generosa, fria, agressiva, tudo isso está dentro de mim, posso decidir ser um torturador, ou ser justo. Maturana escreve que “qualquer que seja o espaço psíquico que tenhamos vividos, sempre podemos mudá-lo através da reflexão que fazemos sempre no presente e que nos põe frente ao nosso querer ou não querer” (MATURANA, 2005, p.205). Ximena complementa,

O ser vivo como tal, humano ou não humano, está sempre bem; o *mal-estar*; a dor de viver não pertence à sua fisiologia, pertence ao seu viver no espaço relacional em que existe como organismo e só aparece na reflexão que surge no viver humano na linguagem. Só o ser vivo que vive em alguma medida na linguagem como nós, os seres humanos, pode distinguir se vive no *bem-estar* ou no *mal-estar* relacional, e é só este ser vivo que pode pedir ajuda se está no *mal-estar* e que pode sair dele através dela (MATURANA, DÁVILA, 2009, p.178)

Maturana usa a expressão “no fluir do viver”, fluir, remete a leveza. Viver deve ser leve, sem luta, sem esforço...somente viver. Preciso me preocupar com fatos que acontecerão daqui a uma semana? Ou preciso ficar ruminando os problemas e situações que já passaram e, portanto, não existem mais? Não, posso simplesmente viver, num fluir constante, no presente. Esse autor dá o exemplo do riacho, que não confronta as pedras, apenas as contorna, num fluir constante. Se encaramos a vida assim, viveremos na harmonia, sem disputas, sem competições, sem enfrentamentos, apenas na leveza e nosso fazer como professoras e professores também será mais leve. Influenciando no viver e conviver dos alunos.

Para educar no Caminho do Amar é preciso ver a escola como um espaço de convivência e de trocas. Um espaço coletivo de formação, onde todos aprendem e todos ensinam: no refeitório, na portaria, na supervisão, vice direção, sala da direção, nas reuniões do Conselho Escolar ou no Círculo de Pais e Mestres. A sala de aula é apenas um dos espaços de aprendizagem. Todos esses lugares devem ser para se viver e conviver com responsabilidade e liberdade e isso só é possível a partir do respeito por si mesmo e pelo outro. Maturana e Ximena dizem que

En el ámbito humano, el amar no es un vivir y convivir sin dificultades, imprevistos, conflictos de deseos o visiones diferentes. El amar es un vivir-convivir en el que se vive y convive en el mutuo respeto, la honestidad, la equidad, y la ética social en la colaboración en un proyecto común de personas diferentes que conviven porque quieren esse convivir en la forma de una obra de arte cotidiana. (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 535)

Viver na emoção do amar, não quer dizer viver uma vida cor de rosa como comercial de televisão para vender margarina. É perceber que existem dificuldades, existem problemas e situações não tão boas. Cada uma será resolvida a seu tempo, sem sofrimento. Conseguimos, assim, nos manter no bem-estar. Vendo dessa forma mudamos a emoção e isso é fundamental no ambiente escolar. Só o amor amplia a inteligência. A inveja, raiva, competição a restringem. Educar no caminho do amar é respeitar o ritmo de cada um. Onde cada um tenha a liberdade de ser o que é. Dessa forma, o seu ser jamais será corrigido, apenas seu fazer, com sensibilidade, gentileza e generosidade. Maturana faz uma afirmação muito relevante,

Eu nunca posso saber o que é bom para o outro, nunca. Nem sendo pai, porque a pessoa sempre se equivoca. E não pode ser de outra maneira, porque não se pode saber o que vai ser bom para o filho. A única coisa que resta é viver com ele na aceitação. O viver com ele na aceitação, no amor, não é educá-lo, não é dizer-lhe: "Isto não é bom", mas é dizer-lhe que isso não é bom na aceitação, ou seja, assumir a presença do outro junto a si no momento em que se faz a correção (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.113)

Não temos como saber o que é melhor para o nosso aluno, mas podemos dar-lhe toda a atenção, carinho e amor no momento presente. Realmente enxergá-lo. Olhar nos olhos e sentir as emoções com ele. Assim faremos a

diferença na vida desses pequenos seres que convivem conosco 200 dias letivos.

Quando eu penso o que desejo como pesquisadora, como professora, como mãe e ser humano, faço minhas as palavras do Humberto Maturana, que nesse período de construção e de muitas leituras se tornou um amigo, que conheço apenas nas palavras escritas, mas que já é muito caro para mim, ele fala,

Eu quero uma mudança cultural, eu quero contribuir para um trabalho de arte no domínio da existência humana, eu quero contribuir para evocar um modo de coexistência no qual o amor, o respeito mútuo, a honestidade e a responsabilidade social surjam espontaneamente do viver a cada instante esta configuração do emocionar, porque nós todos o cocriamos em nosso viver juntos. Essa configuração do emocionar não pode ser imposta, nem pode ser exigida sem negá-la – ela deve ser vivida espontaneamente como um dado, porque é desse modo que aprendemos a viver em nossa infância. (MATURANA, MAGRO, PAREDES, 2014, p.216)

Me reencontrar com a Cida criança e ver as minhas possibilidades como um ser capaz de fazer escolhas foi algo transformador. Mudei o meu ser no mundo e comecei a falar menos e agir mais. Busco que minhas ações e meu discursos sejam coerentes e não contraditórios, como bem fala Maturana,

Na condição de seres humanos ocidentais modernos, falamos em valorizar a paz e vivemos como se os conflitos que surgem na convivência pudessem ser resolvidos na luta pelo poder; falamos de cooperação e valorizamos a competição; falamos em valorizar a participação, mas vivemos na apropriação, que nega ao outros os meios naturais de subsistência; falamos da igualdade humana, mas sempre validamos a discriminação; falamos de justiça como um valor, mas vivemos no abuso e na desonestidade; afirmamos valorizar a verdade, mas negamos que mentimos para conservar as vantagens que temos sobre os demais... Isto é: em nossa cultura patriarcal ocidental vivemos em conflitos, e frequentemente dizemos que a fonte deles está no caráter conflituoso de nossa natureza humana (MATURANA, in, MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 106)

Quando cozinho para alguém, penso os ingredientes e a receita que atende ao gosto do meu convidado. Penso nele ou nela, o que a pessoa gosta, o que não gosta, se é alérgica... Estou enxergando a pessoa e por isso acredito no que diz Mia Couto, já citado nesta escrita, que cozinhar realmente é um ato de amor. Amo, por isso enxergo a pessoa e me preocupo em agradar os seus sentidos. Fazer uma comida que lhe encante, encante o paladar, encante o

olfato, encanto a visão. A escola precisa ser vista da mesma forma. Precisamos enxergar nosso aluno, ver seus gostos, suas “alergias” e a partir desse momento fazer nosso planejamento. Assim encantaremos também os sentidos...despertaremos o prazer e o desejo pelo saber...cozinhar e estudar são duas atividades similares...as duas exigem o despertar dos sentidos e o encantamento.... isso é Educar no caminho do Amar. Criamos mundos neste viver e conviver. Imagino novos mundos para a Educação Infantil, onde o educar seja percebido como o cozinhar, porque, o COZINHAR assim como o EDUCAR precisa de colheradas de DEDICAÇÃO, potes de CARINHO, pitadas generosas de SENSIBILIDADE e para finalizar e sem economizar, muito AMOR. Esse ingrediente quanto mais tiver, melhor será o resultado!

Referências

ALVES, Rubem. **O infinito na palma da sua mão. O sonho divino ao nosso alcance.** Campinas: Versus Editora, 2007

ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho.** Campinas: Versus Editora, 2004

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender.** - Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004a

ANDREOLA, Balduino Antonio. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio De Janeiro: Editora Guanabara S.A. 1986.

BABA, Sri Prem. **Propósito. A coragem de ser quem somos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos. Contribuições da Antropofagia cultural nos trópicos.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2013

BARCELOS, Valdo. **Ponte pênsil.** Porto Alegre: AGE. 2007

BARCELOS, V. **Octávio Paz – da Ecologia Global à Educação Ambiental na Escola.** Lisboa. PIAGET, 2007.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

CORTELLA, Sérgio Mário. **Qual tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, Liderança e ética.** 4ªed. Petrópolis: Vozes, 2008

Damiani, Magda. Sobre pesquisa do tipo intervenção. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino,** UNICAMP / Campinas, 2012.

ESLER, Riane. **O cálice e a espada. Nossa História, Nosso futuro.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 14.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra; 1996

_____. **Política e Educação.** 5ª ed: São Paulo: Editora Cortez, 2001.

_____. **Educação como Prática de Liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967;

_____. **El grito manso.** Buenos Aires. siglo veintiuno, 2003.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: seu tocar, seu olhar e seu escutar.** REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC. Paulo Freire, Brasília, v.27, n. 106, p.9-12, jan/mar. 1998

GIMBUTAS, Marija. **El lenguaje de la Diosa.** Madrid. Grupo Editorial Asturiano, 1996

GUTMAN, Laura. **Una Sociedad Niñocêntrica – como uma criança amorosa puede salvar La humanidad.** Buenos Aires. SUDAMÉRICA, 2018.

GUTMAN, Laura. **Qué nos pasó cuando fuimos niños y qué hicimos com eso.** Buenos Aires. SUDAMÉRICA,2016

HEINRICH, Kramer; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras- Malleus Maleficarum.** Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 2004

IAM, Mabel. Os segredos do amante perfeito. Rio de Janeiro. Sextante, 2009.

KUNZ, Elenor. (org.). **Brincar e se-movimentar. Tempos e espaços de vida da criança.** Ijuí: Editora Unijuí, 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Dança, pirueta e mascarada.** 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

LIMA, Gerusa Rodrigues; VILLAÇA Regina Célia. **O dia-a-dia do professor.** 3ed. Belo Horizonte: FAPI. vol. V. 2005

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG.1999 .

_____. **Uma nova concepção de aprendizagem**. Belo Horizonte: Revista Dois Pontos. Outono/inverno 1993.

_____; MAGRO, Cristina (org); PAREDES, Victor (org). **Cognição, Ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014.

_____; PÖRKSEN, Bernhard. **Del Ser al Hacer**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2004a.

_____; **La objetividad: Un argumento para obligar**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2011.

_____; VERDEN-ZÖLLER. **Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2004.

_____; **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2005.

_____; **La democracia es una obra de arte**. Colômbia: Cooperativa Editorial Magisterio, 1994.

_____; VARELA, F.G. **De máquinas e seres vivos: autopoiesis – a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; VARELA, F.G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

_____; DÁVILA, Ximena. **Habitar Humano. Em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009

_____; DÁVILA, Ximena. **El arbol del vivir**. Chile: MVP editores, 2016

_____ ; VARELA, F.G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MIALARET, Gaston. **A Formação dos professores**. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

MURARO, Rose Marie. Prefácio. In: HEINRICH, Kramer; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras- Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 2004.

NARANJO, Cláudio. **Mudar a Educação para mudar o mundo. O desafio do milênio**. Brasília: Verberna Editora, 2015.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do Teatro na Escola**. 2º ed. São Paulo: Editora Scipione, 2007

_____. **Jogos Teatrais na Escola. Atividades globais de expressão**. 3º ed. São Paulo: Editora Scipione, 1996

_____. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978

SCHLICHTING, Homero. BARCELOS, Valdo. **Humberto Maturana. Amar ...verbo educativo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2012.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula**. São Paulo: Perspectiva, 2008

Anexo 1

AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA E DO USO LIVRE DA IMAGEM

Eu, abaixo assinado, responsável pela Escola....., autorizo a realização da pesquisa de Doutorado “**PELO CAMINHO DO AMAR: Imaginando outros mundos na Educação Infantil a partir de Humberto Maturana e Ximena Dávila**”, a ser conduzido pela pesquisadora **Maria Aparecida Nunes Azzolin**. Fui informado, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Autorizei o registro das atividades e observações através de vídeo e fotos.

Data: ____/____/____.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

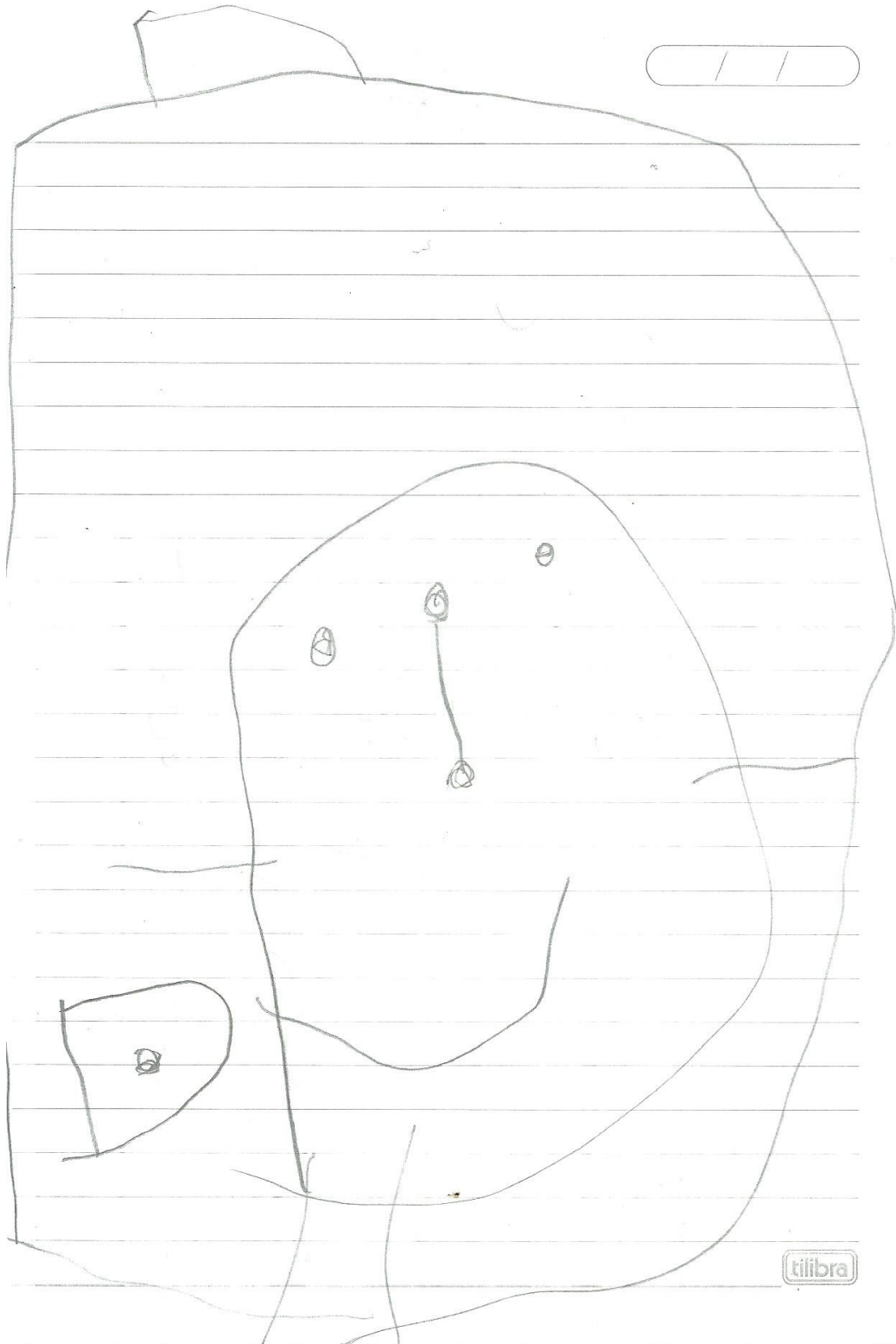
Anexo 2

Eu na visão de uma criança de 4 anos

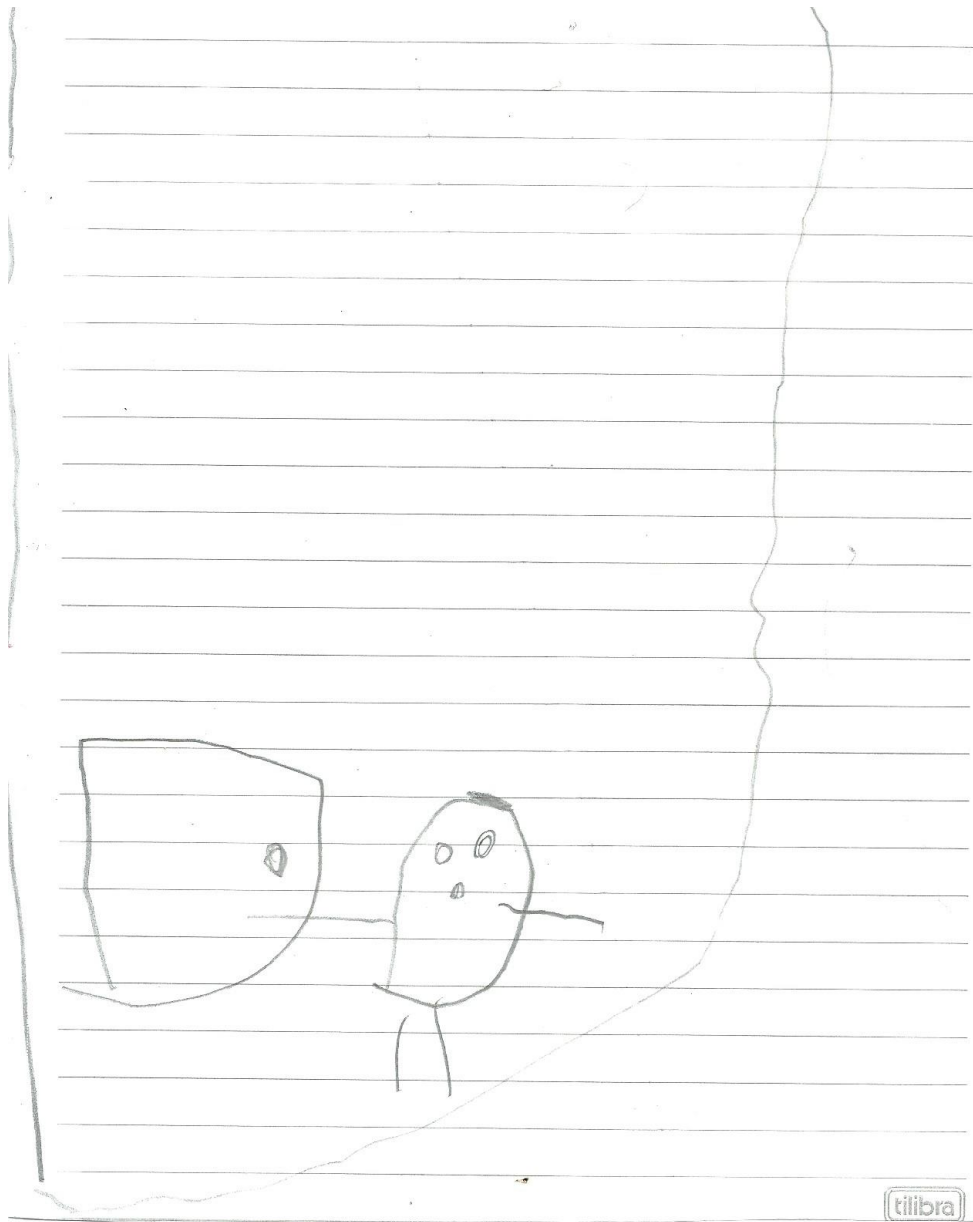


Anexo 3

Autorretrato



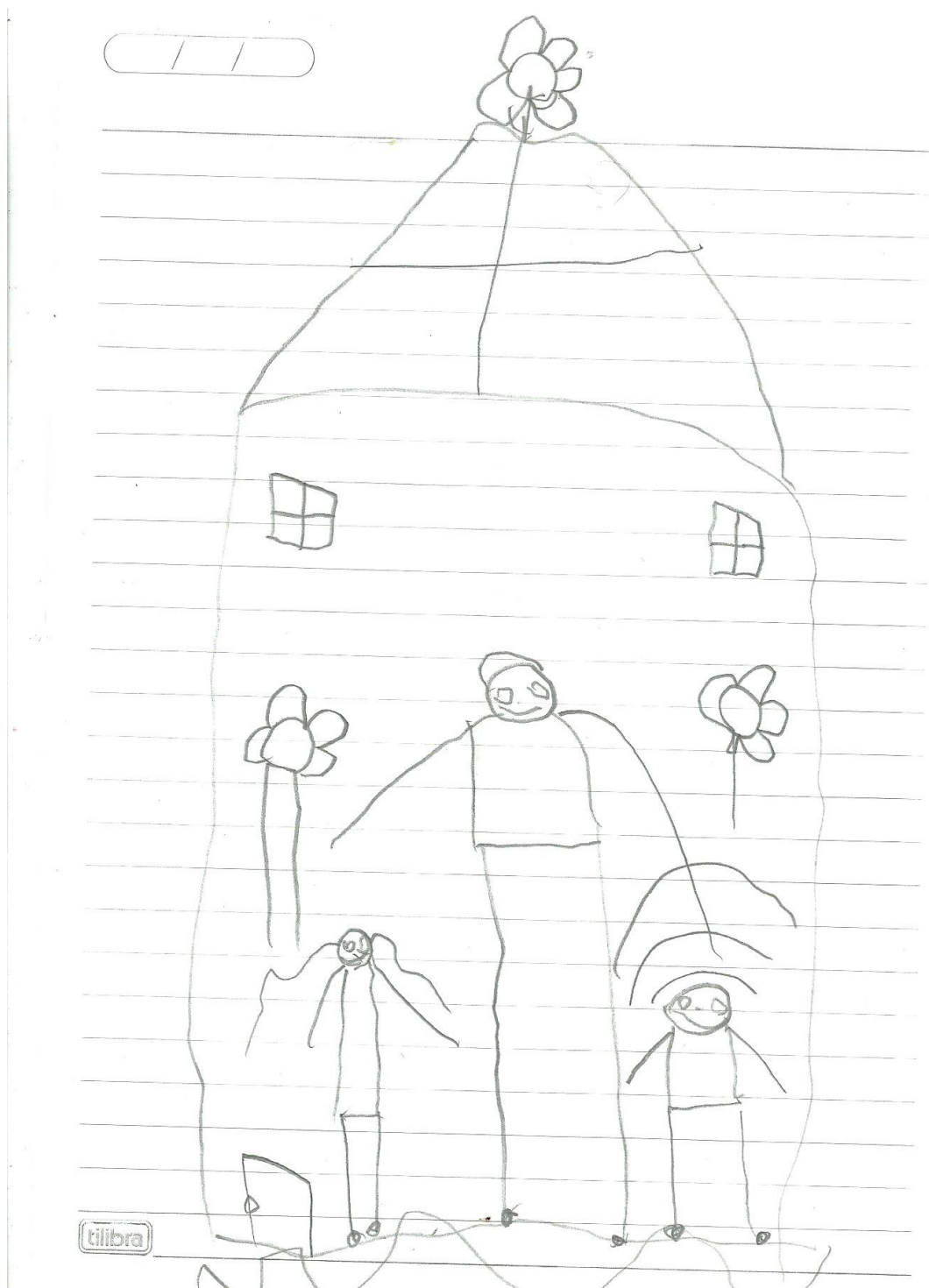
Auto-retrato



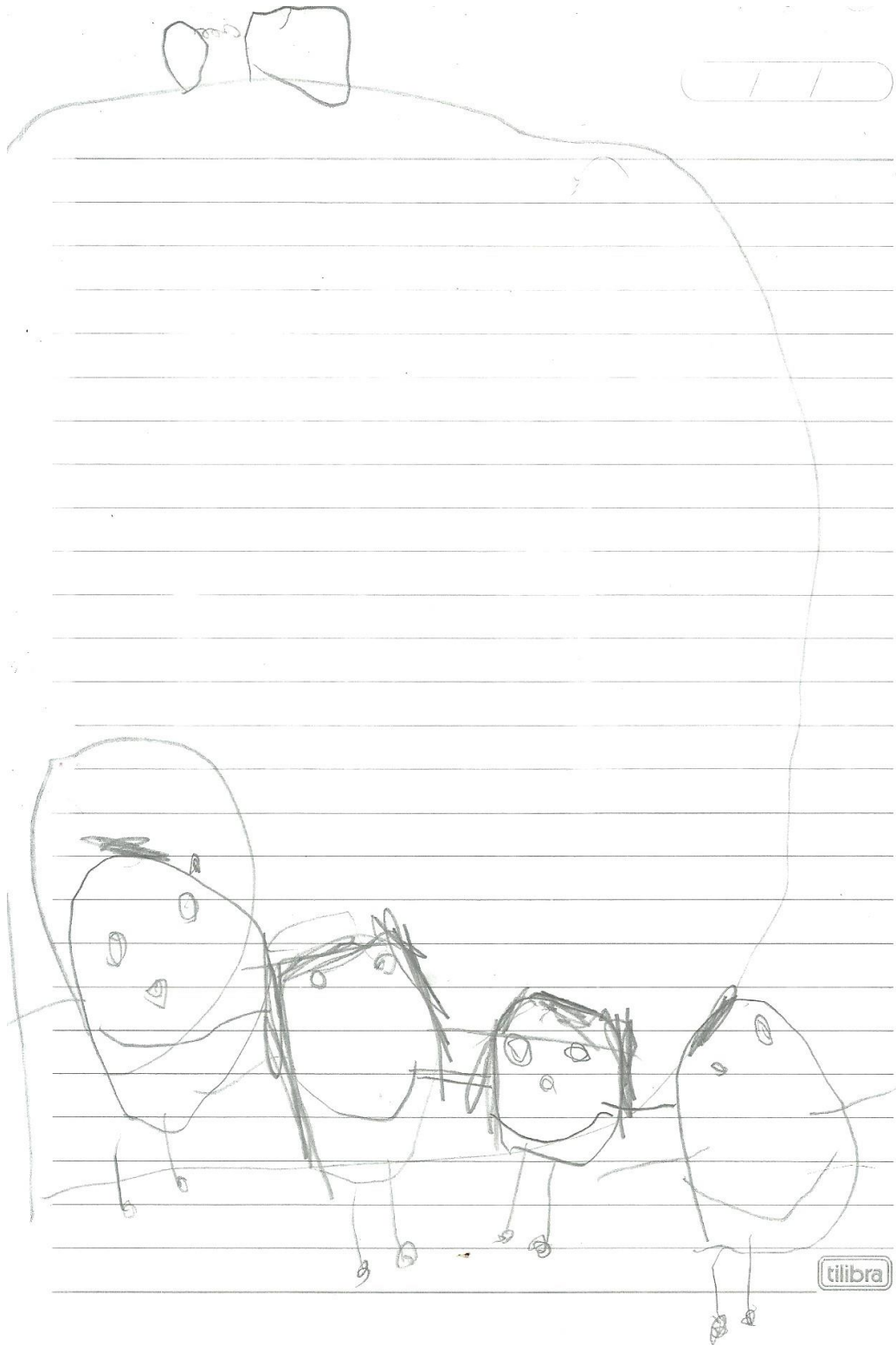
tilibra

Anexo 4

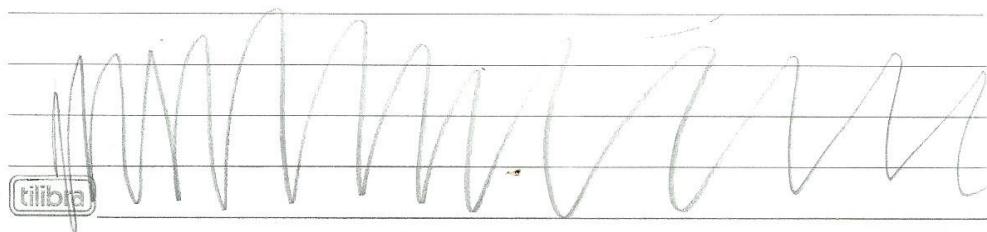
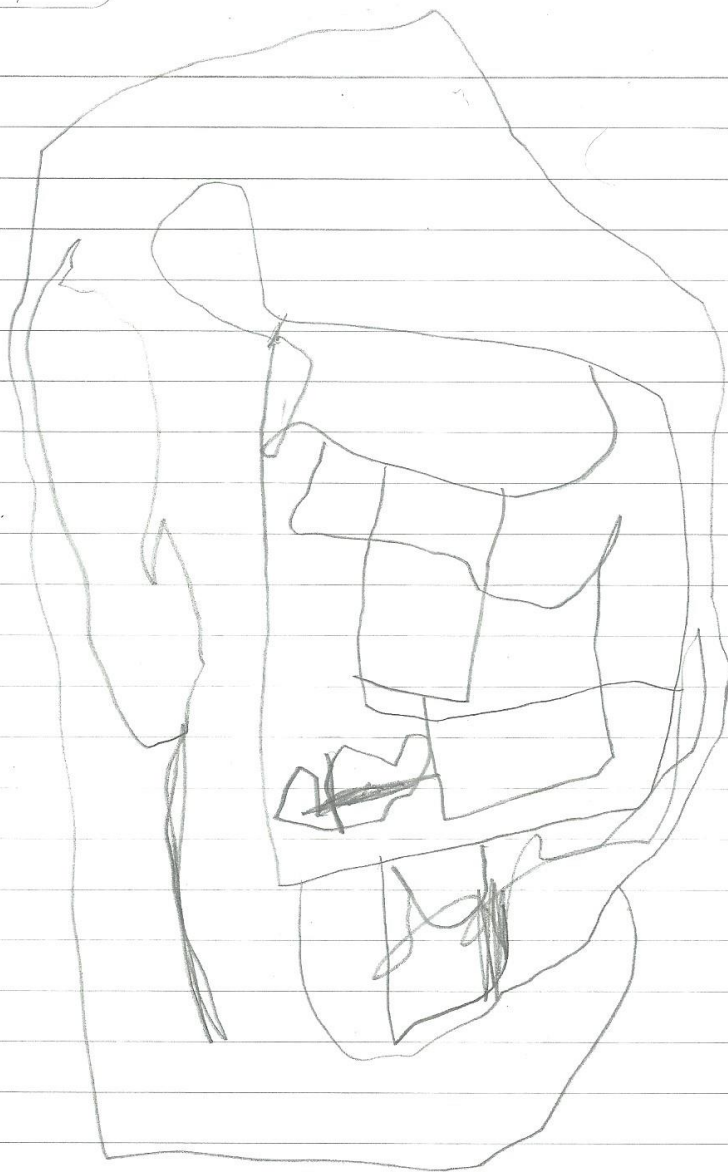
Familia/casa



Família/casa



Família/casa



tiliba

Anexo 5

AO PERGUNTAREM A HUMBERTO MATURANA SOBRE O QUE É *ENSINAR* E SOBRE SER *PROFESSOR*, NO FIM DE UMA AULA QUE MINISTRAVA, ELE RESPONDEU:

Pergunta:

- O que é ensinar? Quem é um professor?⁴⁵

- (*Escreve ao quadro negro:*)

Professor, Mestre. E, portanto, está aqui: ensinar. Creio que aqui aparece este conceito.

O que é ensinar? Eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer? Sim, se alguém abre a porta desta sala... (desloca-se até a porta, simula ouvir alguém que bate à porta e, então, se desculpa, e diz a outro alguém:)... “Nesta sala está o Professor Humberto Maturana ensinando Biologia do Conhecer” (desloca-se de volta:)

Eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer? Em um sentido, com relação à responsabilidade perante a Faculdade, eu lhes ensinei a Biologia do Conhecer.

(Risos)

Mas o que fizemos nós ao longo deste semestre?

Desencadear mudanças estruturais.

Desencadear mudanças estruturais, desencadear perturbações. E como fizemos isso?

Em coordenações de coordenações de ações.

Em coordenações de coordenações de ações. Ou, seja: vivendo juntos. Claro, uma vez por semana, viver juntos uma hora, uma hora e meia, duas horas, ou, alguns estudantes, que permaneceram comigo mais horas... isso era viver juntos. Vocês podem dizer: “Sim, mas eu estava sentado escutando”. Isso se estavam verdadeiramente escutando, como espero.

(Risos)

Estavam sendo tocados, alegrados, entristecidos, enraivecidos... Quer dizer, se passaram todas as coisas do viver cotidiano. Mexeram com as ideias, rejeitaram algumas. Saíram daqui conversando isto e mais aquilo... “Estou fazendo um trabalho...” Estavam imersos na pergunta: “Como

⁴⁵ Transcrito do trecho final da aula de Humberto Maturana no curso de Biologia del Conocer, Faculdade de Ciências, Universidad de Chile, Santiago em 27/07/90. Gravado por Cristina Magro; transcrito por Nelson Vaz.

prosseguir de acordo com o que lhes ia passando, vivendo juntos, comigo, em um espaço que se ia criando comigo”.

Então, qual foi a minha tarefa?

Criar um espaço de convivência. Isto é ensinar.

Bem, eu ensinei a vocês. E vocês, ensinaram a mim?

Sim.

Claro que sim! Ensinamo-nos mutuamente. “Ah, mas acontece que eu tinha a responsabilidade do curso, e ia guiando o que acontecia”. De certa forma, sim, de certa forma, não. De certa forma, sim, porque há certas coisas que eu entendo da responsabilidade e do espaço no qual me movo nesta convivência, e tinha uma certa orientação, um fio condutor, um certo propósito. Mas vocês, com suas perguntas, foram empurrando esta coisa para lá, e para cá, e foram criando algo que foi se configurando como nosso espaço de convivência.

E o maravilhoso de tudo isso é que vocês aceitaram que eu me aplicasse em criar um espaço de convivência com vocês. Vocês se dão conta do significado disso? Foi exatamente igual ao que ocorreu quando vocês chegaram, como crianças, ao jardim de infância, e estavam tristes, emburrados, a Mamãe se foi, estão chorando, “Ahhh, eu quero minha mãe”, e chega a professora, e oferece a mão e vocês a recusam, mas ela insiste, e, então, vocês pegam sua mão. E o que se passa quando a criança pega na mão da professora? Aceita um espaço de convivência.

Com vocês se passou a mesma coisa. Em algum momento, aceitaram minha mão. E, no momento em que aceitaram minha mão, passamos a ser co-ensinantes. Passamos a participar juntos neste espaço de convivência. E nos transformamos, em congruência... De maneiras diferentes, porque, claro, temos vidas diferentes, temos diferentes espaços de perguntas, temos experiências distintas. Mas nos transformamos juntos, e agora podemos ter conversas que antes não podíamos.

- E quem é o professor?

Alguém que se aceita como guia na criação deste espaço de convivência. No momento em que eu digo a vocês: “Perguntem”, e aceito que vocês me guiem com suas perguntas, eu estou aceitando vocês como professores, no sentido de que vocês me estão mostrando espaços de reflexão onde eu devo ir.

Assim, o professor, ou professora, é uma pessoa que deseja esta responsabilidade de criar um espaço de convivência, este domínio de aceitação recíproca que se configura no momento em que surge o professor em relação com seus alunos, e se produz uma dinâmica na qual vão mudando juntos (CHILE; 1990).